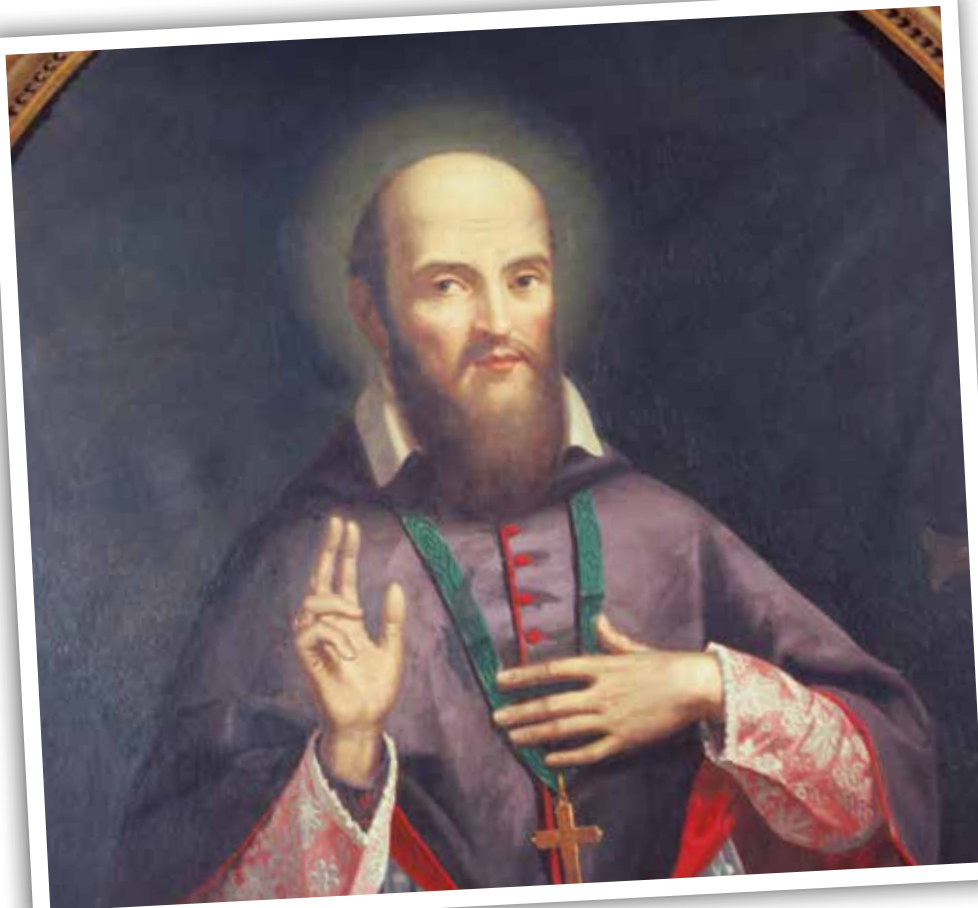


ANDRÉ RAVIER



SÃO FRANCISCO DE SALES



André RAVIER s.j.

SÃO FRANCISCO DE SALES

Ao cuidado de Aldo Giraud
Apresentação de Morand Wirth
Posfácio de Wim Collin

Título original: André Ravier, São Francisco de Sales

Tradutor: Basílio Gonçalves

Revisores: Simão Cruz, Sílvio Faria

© Setor da Formação - Salesianos de D. Bosco,
Sede Centrale Salesiana, Via Marsala 42, 00185 Roma
formazione@sdb.org, <https://www.sdb.org>

ÍNDICE

APRESENTAÇÃO

1. INFÂNCIA ABENÇOADA

O Senhor e a Senhora Françoise de Boisy 15

O aluno de La Roche e d'Annecy..... 19

2. O PERFEITO GENTIL-HOMEM

Paris e a crise espiritual de 1586-1587 25

Pádua e o doutoramento «em ambos os direitos» 37

3. O ENCARREGADO DOS CÓNEGOS DE GENEBRA

Francisco «Padre de Jesus Cristo»..... 45

Os primeiros meses de sacerdócio 53

4. O APÓSTOLO DO CHABLAIS: O TEMPO DAS SEMENTEIRAS

A escolha do Vigário-Geral..... 59

A resistência dos habitantes de Thonon 66

Mudança de estratégia: as Controvérsias 69

5. O APÓSTOLO DO CHABLAIS: O TEMPO DAS CEIFAS

<i>As etapas do sucesso</i>	83
<i>Mons. de Granier escolhe o seu sucessor</i>	90
<i>O coração apostólico de Francisco</i>	95

6. BISPO E PRÍNCIPE DE GENEBRA

<i>Francisco vai a Roma</i>	109
<i>Coadjutor de Mons. de Granier</i>	112
<i>A estadia de 1602 em Paris</i>	118
<i>A sagração na igreja de Thorens</i>	126

7. O BISPO NO MEIO DO SEU POVO

<i>Segundo a reforma do concílio de Trento</i>	129
<i>A doutrina espiritual de Francisco de Sales</i>	142
<i>O dever episcopal de pregar</i>	146
<i>Quaresmas e catecismos</i>	150
<i>A visita da diocese</i>	152

8. A REFORMA DO CLERO E DOS RELIGIOSOS

<i>Francisco de Sales e os seus padres</i>	157
<i>A reforma das abadias</i>	163
<i>O amigo das almas e a Introdução à vida devota</i>	166
<i>A Visitação de Santa Maria e o Tratado do amor de Deus</i> ..	172

9. EM DIREÇÃO AO PURO AMOR

<i>A terceira estadia em Paris</i>	185
<i>O desejo de se retirar e de solidão</i>	187
<i>A viagem de Avignon e a morte</i>	193

POSFÁCIO

APRESENTAÇÃO

Por ocasião do quarto centenário da morte de S. Francisco de Sales (1622-2022), a Família Salesiana de Dom Bosco quis honrar o seu santo Patrono com a reedição desta obra intitulada simplesmente “*São Francisco de Sales*”. Este ano recordamos também os quatrocentos e cinquenta anos do nascimento de Sta. Joana Francisca de Chantal (1572-2022), cofundadora com o bispo de Genebra da Ordem da Visitação.

Autor da *Introdução à vida devota e do Tratado do amor de Deus*, apóstolo da santidade para todos, Francisco de Sales foi proclamado santo em 1665, declarado doutor da Igreja em 1877, patrono dos jornalistas em 1923 e reconhecido como «doutor do amor divino e da doçura evangélica» em 1967. Ele continua ainda hoje a inspirar um grande número de cristãos no mundo, em particular os membros dos institutos, das associações e das congregações que se referem ao seu espírito.

Evidenciaram-se muitos pontos de convergência entre a pastoral e a espiritualidade promovidas pelo Concílio Vaticano II e os ensinamentos deste santo, especialmente sobre o método do diálogo, a primazia do amor e a vocação universal à santidade.

Esta obra havia sido publicada em língua francesa em 1962 e publicada em italiano pela editora Elledici em 1967, quarto centenário do nascimento do santo.

André Ravier (1905-1999), jesuíta, filósofo, historiador da espiritualidade, reitor de colégio e provincial em Lyon, é autor de numerosas publicações sobre a espiritualidade cristã. Em particular escreveu

muitas biografias de santos, entre as quais a de Inácio de Loyola, de Pierre Favre, de Claude de la Colombière, do Cura d'Ars, de S. Bruno e de Bernardete de Lourdes. É um reconhecido especialista em S. Francisco de Sales e em Sta. Joana Francisca de Chantal.

Este livro é constituído por nove capítulos, bem ordenados cronologicamente, que apresentam a vida e as obras de S. Francisco de Sales: a «infância feliz» na Saboia (I); os estudos do perfeito «gentil-homem» em Paris e em Pádua (II); o deão dos cónegos de Genebra (III); o tempo da sementeira e o tempo da ceifa do «Apóstolo do Chablais» (IV-V); o bispo e príncipe de Genebra (VI); o bispo entre o seu povo (VII); a reforma do clero e dos religiosos (VIII); os últimos anos a caminho «do puro amor» (IX).

Para escrever esta obra, o autor explorou documentos originais, estudou os textos autógrafos principais e os autores que o precederam. A sua erudição não o impediu de nos proporcionar uma narração simples e transparente em que são postos em evidência os traços do mistério de Deus na vida de um grande santo.

A atual edição reproduz o texto original. Só as imagens foram adaptadas. Fazemos votos que o leitor possa apreciar a qualidade do texto, que não envelheceu.

Como preâmbulo, o padre André Ravier quis citar o testemunho de S. Vicente de Paulo, discípulo e amigo do bispo de Genebra, que afirmava que «Mons. de Sales desejava ardentemente ser um retrato do Filho de Deus», a ponto de se tornar «o homem que melhor reproduziu o Filho de Deus vivo sobre a terra».

Fazemos nosso o projeto apostólico do doutor do amor, que inspirou S. João Bosco e também o padre André Ravier que assim conclui a sua apresentação. Francisco de Sales é uma pessoa que quis – como Jesus Cristo na terra – amar a Deus com todo o seu coração de homem: e, tendo experimentado as exigências e a doçura deste dom, trabalhou para introduzir o maior número possível de almas naquela a que ele magnificamente chama “a eterna liberdade do amor”».

Morand Wirth, sdb.

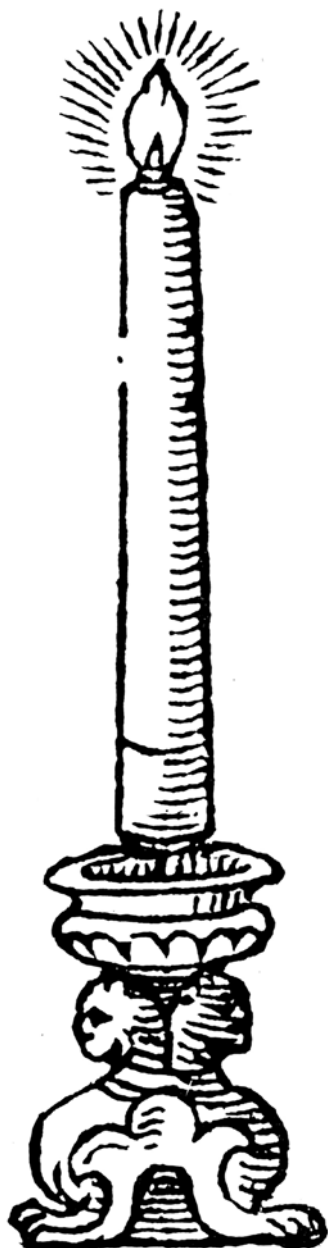
NOTA DO AUTOR

O nosso texto apoia-se antes de tudo nos documentos publicados na *édition complète des Œuvres complètes de François de Sales* (Visitation d'Annecy, 1892-1998, 27 vol.); utilizámos, porém, com especial prudência as cartas descobertas no século XIX. Para não sobrecarregar este livro, não fornecemos a lista completa das referências, quando se trata de citações tomadas nesta grande edição das Obras completas.

O leitor familiarizado com os Escritos de S. Francisco de Sales orientar-se-á facilmente com a ajuda dos excelentes índices destes volumes. – Faremos o mesmo também em relação às citações tiradas dos dois *Procès de canonisation* (1627-1632; 1655-1658) ou do *Année Sainte de la Visitation Sainte-Marie*. – Muito raramente utilizámos uma expressão ou um traço das biografias de Messire de Longueterre (*Vie de très-illustre messire François de Sales...*, Lyon, 1624), de Dom Jean de Saint-François (*La Vie du bienheureux messire François de Sales...*, Paris, 1624), du Père de la Rivière (*La Vie de l'illustrissime François de Sales...*, Lyon, 1624).

Quanto à *Vie du Bienheureux François de Sales, evesque et prince de Genève* (Lyon, 1634), composta pelo seu sobrinho Charles-Auguste de Sales, só a utilizámos com a reserva que convém, isto é, o mínimo, e para factos de que tínhamos confirmação por outras fontes. – As referências que vão seguir-se só dizem respeito a obras que não dependem deste fundo comum a todas as biografias de S. Francisco de Sales.

O homem que melhor reproduz o Filho de Deus vivo na terra



Só um santo podia falar assim de um santo. A palavra é de Vicente de Paulo, ao dar testemunho no processo de Paris das altas virtudes de Francisco de Sales: «Mons. de Sales tinha um desejo ardente de ser um retrato do Filho de Deus. Conformou-se tão bem com este modelo, constatei-o eu, que muitas vezes me perguntei com espanto como uma simples criatura podia chegar a um grau de perfeição tão grande, dada a fragilidade humana, e atingir o cume de uma tão sublime altura... O seu fervor explodia tanto nos seus discursos públicos como nos seus colóquios familiares... Ao recordar as suas palavras, sentia uma tal admiração que fui levado a ver nele o homem que melhor reproduziu o Filho de Deus vivo na terra¹». Por mais ousada que seja esta comparação, é verdadeira; melhor ainda, ela situa-nos no coração deste movimento de amor que caracteriza o destino espiritual de S. Francisco de Sales; ela explicita este movimento íntimo e explica-o: ela dá-nos o segredo desta existência prestigiosa.

1 *Procès de Paris*, art. 26 et 27.

É nesta luz que esboçaremos o retrato espiritual de S. Francisco de Sales: Francisco de Sales é alguém que quis, como Jesus Cristo na terra, amar a Deus com todo o seu coração de homem e que, tendo experimentado as exigências e a doçura deste dom, trabalhou para introduzir o maior número de almas naquilo a que ele chama magnificamente «a eterna liberdade do amor».

1. INFÂNCIA ABENÇOADA

O Senhor e a Senhora Françoise de Boisy

É incontestável que, desde o nascimento, Francisco de Sales aparece como uma alma abençoada. A sua linha paterna – os de Sales – tal como a sua linha materna – os de Sionnaz – sem ocupar lugar entre as primeiras do ducado de Saboia, são, no entanto, de velha e franca nobreza. Os brasões dos de Sales, «de azul com duas faixas vermelhas delimitadas por linhas douradas, de crescente dourado no alto, e igualmente duas estrelas, uma no meio e outra em ponta», tinham como divisa: *Nem mais, nem menos*; e a sua Casa contava, diz-se, trinta e dois graus de nobreza.

Mas a verdadeira nobreza do Senhor e da Senhora de Boisy (era o título que usavam os pais de Francisco, do nome de um rico senhorio que Bonaventure de Chevron havida dado como dote à sua filha Françoise) consistia na sua fidelidade à fé católica.

Nesta região próxima do Genebrino que desde 1534 a crise protestante dilacerava, – dilaceração que significava cruelmente a presença em «Nessy» (Annecy) do bispo de Genebra, cuja cidade episcopal se tinha tornado a Roma de Calvino e dos Calvinistas – os Sales haviam permanecido ferozmente ligados à Santa Sé e à Igreja; protegiam-se com cuidado e protegiam os seus de todo o contacto com a heresia; e foi uma primeira graça para Francisco mergulhar desde a sua primeira infância neste clima de firmeza religiosa que não estava imune de provas nem de mágoas.

Esta fé corajosa era para o senhor de Boisy mais do que simples fidelidade a uma tradição: ela impregnava os atos da sua vida. Francisco de Boisy praticava à luz do dia a sua religião: assistia às cele-

brações realizadas ao domingo e nos dias de festas tradicionais, na igreja paroquial de Sales, e «confessava-se e comungava no tempo da Páscoa, nas grandes festas do ano e quando se publicavam algumas indulgências e perdões». Mostrava-se nas suas terras «grande amigo dos pobres e sobretudo dos agricultores, que ele assistia em todas as suas necessidades, quer de dinheiro, quer de trigo, sem juros». Não havia sombra de heresia neste perfeito cristão.

E a sua esposa – mais nova do que ele uns trinta anos! – reforçava ainda, como convém, esta piedade e esta caridade para com os pobres. «Eu via a Senhora, afirmará no Processo um agricultor de Thorens, François Terrier, ir do castelo de Sales à igreja que fica bastante afastada, em tempo chuvoso e no inverno, não receando nem o frio nem a neve, para o serviço de Deus e para o serviço dos



Thorens, capela edificada sobre o local em que nasceu S. Francisco de Sales.

pobres doentes, não se poupando a nada para os assistir, enviando-lhes pão e vinho e outras coisas necessárias. E vi a dita senhora, com as suas próprias mãos, a curar as úlceras dos doentes»...

Ora, esta «pérola de virtude», assim a designa um conselheiro do duque de Genevois, François de la Pesse, tinha apenas dezasseis anos quando deu à luz, no dia 21 de agosto de 1567, Francisco, seu primogénito: por mais «exemplar» e mais «sensata» que fosse esta jovem mãe, não podia não se prender com paixão a este filho «terno» e «delicado», do qual a sua idade a aproximava mais que do seu esposo.

Sobre os primeiros anos de vida de Francisco de Sales dispomos de algumas informações. A ama de leite, Pétremande Puthod, a quem foi confiado o bebé nascido prematuramente, e que não pôde alimentar ela própria, com grande mágoa sua, a Senhora de Boisy, ainda era viva no tempo do primeiro Processo de canonização. Ser chamada a deslindar algumas recordações sobre o seu menino de peito que foi bispo e príncipe de Genebra, e ainda por cima candidato às honras da Igreja, não é tão habitual que não se possa perdoar à boa Pétremande um certo lirismo: Francisco, diz-nos ela, era «um menino muito bonito, de belas feições, afável, meigo e simples... Nunca conheci criança de melhor boca e de melhor natural».

A um menino «de tão bom natural», o Senhor de Boisy deu uma educação rude, até mesmo austera, como convinha a um primogénito de nobre família: o chicote, garantem-nos, não lhe foi poupado, por ocasião de um pequeno roubo furtivo; mas em contrapartida, eram-lhe explicadas «as razões de tudo o que se exigia dele». Severidade do pai, ternura da mãe, esta educação cujas alternâncias terminavam em sabedoria depressa deu bons frutos. «Desde a sua infância, testemunhará Madre de Chantal, segundo ouvi dizer a várias pessoas dignas de fé, viu-se brilhar nele uma sabedoria, doçura e bonomia toda extraordinária nesta idade, e era muito sossegado e obediente aos seus pais».

Charles-Auguste de Sales nota, na descrição desta infância, um traço que parece verosímil: os seus pais «inculcavam muitas vezes a Francisco o amor e o temor de Deus e explicavam-lhe os mistérios da fé cristã, o mais claramente que podiam por imagens e comparações tiradas da natureza, e respondiam sempre às suas pequenas perguntas». Esta pedagogia religiosa marcará fortemente o espírito e a alma de Francisco.

O castelo de Sales não era senão uma «casa-fortaleza», ao redor da qual se dispunham terras, pastagens e um grande pomar; mas a paisagem, nesta região, é maravilhosa. Situado à entrada do vale de Usillon, o castelo encontrava-se na fronteira de duas regiões de aspetos diferentes: em direção ao ocidente, as colinas baixas, férteis, risonhas; em direção ao oriente, altas montanhas, florestas enfezadas, e ao fundo, um rochedo que se levanta como uma muralha e no alto da qual a neve persiste mesmo no verão. Esta paisagem, com as suas metamorfoses sazonais, enche de imagens magníficas a cabeça do pequeno Francisco: as coisas da natureza tornam-se-lhe cada vez mais familiares, compreende-as, sente-as com toda a sua viva sensibilidade, fazem parte do seu universo interior, e desde então do seu universo religioso.

Mas, todas estas oportunidades que o seu ambiente familiar lhe prodigaliza não seriam tão eficientes sobre o equilíbrio e o desabrochar religioso de Francisco, se Deus, do interior, não trabalhasse a sua alma.

Acreditemos nos olhos e no coração de uma mãe: «Se eu não fosse a mãe de um tal filho, confiaria um dia, lá por 1610, a Senhora de Boisy à Senhora de Chantal, revelaria muitas maravilhas da sua infância... Observei muitas vezes que sendo ainda pequeno, ele era repleto das bênçãos do céu e só respirava o amor de Deus...». Acrescentemos: «e o amor dos pobres», aprendido de resto na escola da sua admirável mãe, e perceberemos o mistério de graça que se desenrolava já no segredo deste coração de criança.

O aluno de La Roche e d'Annecy

Sobreveio então na vida de Francisco – estamos em 1573, tem ele seis anos – uma mudança grave. Louis de Sales, o irmão do Senhor de Boisy, decidiu colocar os seus três filhos na escola de La Roche, pequena cidade situada somente a três léguas do castelo. O Senhor de Boisy aproveitou logo a ocasião para realizar um projeto que ele madureceu desde há algum tempo: Francisco acompanhará os seus primos no colégio. Em La Roche, Francisco revela-se de imediato o aluno perfeito que se dá como modelo aos seus companheiros. Mas, mais ainda do que a sua docilidade, é a sua piedade que suscita admiração e seduz. A tal ponto que, segundo a Madre de Chaugy, dois anos mais tarde, quando Francisco deixou La Roche para nunca mais lá voltar, «a maior parte (das pessoas) acompa-



Thorens, cruz sobre o lugar do antigo solar de Sales (destruído em 1630).

nharam-no, e choravam, dizendo que era a bênção da sua cidade que lhes tiravam». Estava-se em 1575.

A política, diz-se, haveria provocado esta brusca mudança. Louis de Sales haveria julgado prudente que o Senhor de Boisy, a sua família e a sua gente não morassem no castelo de Sales e se retirassem para o castelo de Brens. E esta mudança de residência haveria mesmo feito com que os alunos mudassem de colégio. Talvez; mas uma razão mais simples pode ser avançada: o mais velho dos filhos de Louis haveria terminado o ciclo dos estudos do pequeno colégio de La Roche, e precisava, para continuar a sua formação, de passar para um estabelecimento de maior envergadura: irmãos e primo seguiram-no. Seja como for, cá estão os nossos quatro alunos no colégio de Annecy: este colégio, que o cónego Eustache Chapuys havia fundado em 1551 era então florescente e contava entre os seus alunos toda a juventude distinta da Saboia.

Aqui se situam, no crescimento espiritual de Francisco de Sales, dois acontecimentos importantes: antes de tudo, a sua primeira Comunhão e a sua Confirmação, por Dom Ange Justiniani, a 17 de dezembro de 1577, em Saint-Dominique d'Annecy. Francisco tem então dez anos, mas este homenzinho impõe-se aos seus colegas, e até aos seus professores. Aluno diligente no estudo, e cheio de talentos, é ainda por cima amável companheiro: todos o admiram, amam e respeitam. «A sua simples presença, refere-nos Madre de Chantal, mantinha os outros alunos, seus companheiros, em respeito; já... desde então tinha esta gravidade e esta compostura, humilde e sensata, que teve toda a sua vida; ... suportava com paciência e doçura os humores impertinentes dos outros alunos... E quando os seus colegas iam divertir-se, à noitinha, ele ficava em casa e convidava a senhora em casa da qual se encontrava em pensão a ouvir a leitura da Vida dos Santos, dizendo-lhe: «Minha tia, tenho uma coisa muita boa a dizer-lhe».

O segundo acontecimento importante desta época foi a tonsura que Francisco recebeu no dia 20 de setembro de 1578; à Madre

Angélique Arnauld, abadessa de Port-Royal des Champs, Francisco disse um dia: «Desde os meus doze anos, tinha-me decidido tão fortemente a ser de Igreja que nem por um reino eu mudaria esta resolução». E a uma das suas penitentes: «Desde que tive a graça de compreender um pouco o sentido da cruz, este sentimento entrou na minha alma, nunca mais saiu dela».

O confronto destas duas confidências permite-nos entrever a qualidade desta decisão de Francisco: esta mostra nele uma vontade firme, muito ponderada, e que vai de imediato ao essencial do Evangelho e do mistério da Redenção.

Para afirmar, tanto quanto podia, a sua resolução sem, no entanto, se opor frontalmente aos prestigiosos projetos de futuro que os seus sucessos escolares faziam surgir na cabeça do Senhor de Boisy, Francisco pediu ao seu pai a autorização de receber a tonsura clerical. Ser clérigo não significava na altura que uma pessoa se destinasse às Ordens Sagradas, mas abria o caminho às prebendas e benefícios eclesiásticos. Não era assim que Francisco entendia as coisas. Foi como futuro homem de Igreja que o rapaz se apresentou à tonsura: «Sabendo que Gallois Regard, bispo de Bagnerois, devia celebrar as Ordenações no mês de setembro, em Clermont-en-Genevois, ali se deslocou imediatamente, acompanhado de Cartas dimissórias... Lá, na igreja de Saint-Étienne, recebeu a tonsura segundo as sagradas cerimónias e recebeu o Senhor como sua parte e porção da sua herança, com uma alegria indizível, no ano mil quinhentos e setenta e oito».

«Com uma alegria indizível», acreditamos aqui com muito gosto em Charles-Antoine de Sales. Porque este rapaz de doze anos é mesmo espantoso. Por isso não há que mudar de rumo – e a sequência deste retrato no-lo provará bem depressa –, esta amabilidade esconde uma energia de ferro, este charme esconde um ardor de luta. Deus ajuda-o sem dúvida, facilita-lhe o esforço: mas a estes atrativos interiores, Francisco responde de forma resoluta. Ele escolheu Deus, e esta escolha é sem reservas e será sem arrependimento.



Thorens, pia batismal de Francisco de Sales na igreja paroquial.

Viu-se bem, neste outono de 1578, quando o Senhor de Boisy, muito orgulhoso dos sucessos escolares de Francisco, decidiu enviá-lo a continuar os seus estudos em Paris. Sempre cuidadoso de proporcionar a seu filho brilhantes relações, o Senhor de Boisy havia projetado que seu filho teria aulas no colégio de Navarre, frequentado pela elite da juventude parisiense. Mas Francisco não era de modo algum desta opinião: «Ele tinha ouvido que ali a juventude não se dava tanto à piedade como no colégio dos Padres Jesuítas, de cuja fama e estima tinha os ouvidos cheios».

Não era preciso mais nada para que, no seu coração, Francisco preferisse o colégio de Clermont ao colégio de Navarre. Mas como conseguir que o Senhor de Boisy mudasse de opinião? Francisco, já fino diplomata, recorreu à mediação de sua mãe. De tal forma que, quando o nosso estudante de doze anos chegou a Paris, «sob a condução e governo de Jean Déage», foi no colégio de Clermont que ele se matriculou.



2. O PERFEITO GENTIL-HOMEM

Paris e a crise espiritual de 1586-1587

Lyon-Bourges-Orléans. Assim chegou, no fim de setembro², à «real cidade de Paris, mãe das doudas Musas, das artes liberais e de toda a ciência», como a designa o padre Louis de la Rivière, mas também a cidade da política, das querelas religiosas e das loucas diversões estudantis...

No colégio de Clermont, Francisco matriculou-se no curso de Humanidades, talvez mesmo no curso de Gramática Superior, porque precisava de se iniciar no grego que ele ignorava. E, durante quatro anos, «prosseguiu o estudo das letras humanas». Depois, havendo obtido o diploma de bacharel, foi admitido a seguir, na abertura das aulas de 1584, o curso de filosofia. Este curso durava quatro anos. Pelos cadernos manuscritos do jovem filósofo que chegaram até nós, facilmente podemos avaliar o seu entusiasmo no estudo e sobretudo as qualidades do seu espírito: ordem, método, profundidade; nada de estranhar que ele fosse considerado «um dos primeiros da Universidade» e avaliado, no fim dos quatro anos, «perfeito em filosofia».

No decurso destes oito anos em Paris, a vida espiritual de Francisco conheceu importantes desenvolvimentos. Charles-Auguste de Sales não está muito à vontade com o calendário, quando narra

2 Geralmente a partida de Francisco para Paris é datada de 1582. Estudos mais precisos tendem a antecipar esta data para 1578: Francisco tem doze anos. Cfr. a biografia crítica de Étienne-Marie LAJEUNIE, *Saint François de Sales: l'homme, la pensée, l'action*, Paris, Guy Victor, 1966, 2 vol.

a chegada de Francisco a Paris: «Não poderia ter sido menos exigente com o alojamento, que ele quis que fosse no colégio dos Jesuítas»? O certo é que, entre os seus estudos e toda a sua educação de gentil-homem (dança, equitação, esgrima) na qual o Senhor de Boisy exigia que ele fosse energicamente iniciado, Francisco «não se esquecia de que se havia tornado eclesiástico em Clermont e de forma alguma queria mudar de resolução». O seu primeiro cuidado foi escolher (sem dúvida entre os padres do colégio) «um diretor e pai espiritual, no qual pudesse repousar a sua consciência e adquirir as máximas da vida eterna; da mesma forma que lhe haviam sugerido um professor para as ciências humanas».

Entre os colegas de estudos, em Paris tal como em La Roche e em Annecy, o seu fervor brilha: «Tornava-se tão agradável para todos pela sua modéstia, refere a Madre de Chantal, que dava gosto



Thorens, o castelo adquirido pela família Sales.

vê-lo quando passava pela rua e até os artesãos reparavam nele no meio dos seus companheiros». Comunga com frequência, talvez já de «oito em oito dias», pelo menos todos os meses. Então, «gostava de estar com os Capuchinhos» e sentia uma grande admiração pelo célebre padre Ange de Joyeuse. A todas estas práticas de piedade, juntava ainda secretamente muitas austeridades, tais como o jejum e o uso do cilício.

A sua devoção à Virgem Maria era muito forte; tinha um amor de predileção pela Vierge Noire de Saint-Etienne des Grès, e como todos os dias passava diversas vezes diante desta igreja, gostava de parar alguns instantes para dar largas à sua devoção. Foi naqueles anos que entrou na Associação. «Vendo que nas associações da santíssima Virgem, vários viviam religiosa e angelicamente, por conselho do seu preceptor inscreveu-se numa delas e lá exerceu com muita frequência os cargos de Assistente e de Prefeito».

Em Paris, Francisco sentiu o desejo de aprofundar a sua religião e de reservar algumas das suas horas livres para a teologia. Desejo da alma, certamente, necessidade de se iniciar nas Santas Escrituras e nos mistérios da sua fé. Mas também, sem dúvida alguma, projeto inconfessado de se preparar de longe para o sacerdócio. Ele sabia que, apesar dos decretos do concílio de Trento, e contra a vontade do bispo de Granier, a desventura dos tempos não permitia que fosse aberto em Annecy um seminário regular, onde se preparassem os candidatos às Ordens. Em Paris, dirá ele mais tarde, aprendi muitas coisas «para agradar ao meu pai, e a teologia para agradar a mim mesmo».

Seja como for, Francisco obteve um belo dia do senhor Déage a autorização de se dedicar aos estudos de teologia, sem que por isso prejudicasse a filosofia. Eis como, no dizer de Charles-Auguste de Sales, se sai desta o nosso diplomata: «Porque, ao mesmo tempo, o senhor Déage, seu preceptor, era estudante de teologia... ele estudava e folheava os seus escritos em casa, sempre que tinha tempo para isso; e quanto mais aprofundava as verdades eternas, mais se

inflamava no desejo de continuar; daí que, sempre que tivesse qualquer dificuldade em teologia, discutisse com o seu mestre e com os outros teólogos para esclarecer o assunto. Procurava também assistir às disputas realizadas na Sorbonne, e escrevia as perguntas, argumentos e decisões que ele julgava mais dignos de objeção. Ia com frequência ouvir as lições de Gilbert Générard, homem mais de ciência divina do que humana, e assim adquiriu este grande e profundo conhecimento de teologia, pelo qual se tornou admirável em todo o resto da sua vida».

Générard? O nome desperta curiosidade: este beneditino de Cluny, homem de grande erudição, havia introduzido no meio muito escolástico do Collège Royal, a crítica histórica enaltecida por Maldonat... De resto, por muito fiel que fosse à Sorbonne, Francisco não deixa de frequentar os jardins dos «inovadores»: «Estudava também a língua hebraica e a teologia positiva de Maldonat». Maldonat? Este teólogo jesuíta, cuja saída de Paris precisamente os regentes da Sorbonne haviam conseguido, em 1677, sob a acusação de «novidades», mas cujas célebres aulas circulavam de forma camuflada... Decididamente, em Francisco, a atração pela teologia é muito mais do que uma curiosidade ou um gosto estético: ele presente os dramas religiosos do futuro próximo.

Mais ainda, transporta-os dentro de si, vive-os: eis que chega a crise, – assim se pode falar sem dramatizar – pela qual vai passar este jovem de apenas 20 anos. Em que data precisa rebentou ela? Os historiadores hesitam entre 1586 e 1587. Isso em nada altera a gravidade do assunto. Aquela «borrasca» durou seis semanas e foi tão profunda que abalou até a saúde de Francisco.

«Este Bem-aventurado contou-me uma vez – depôs Madre de Chantal – para me confortar em qualquer perturbação que eu tinha que, sendo estudante em Paris, passou por grandes tentações e extremas angústias de espírito; parecia-lhe absolutamente que era condenado e que não havia salvação para ele... Não obstante o excesso deste sofrimento, manteve sempre no fundo do

seu espírito a resolução de amar e servir a Deus com todas as suas forças durante a sua vida, e tanto mais afetuosa e fielmente quanto mais lhe parecia que não poderia fazê-lo na eternidade. Este sofrimento durou-lhe três semanas pelo menos, ou cerca de seis, conforme consigo recordar-me, com tal violência que ele quase deixou de comer e de dormir e ficou magro e amarelo como cera, o que causou uma grande mágoa ao seu preceptor. Ora, um dia em que aprouve à divina Providência libertá-lo, quando regressava a Paris, ao passar diante de uma igreja, entrou para fazer a sua oração. Foi colocar-se diante de um altar de Nossa Senhora, onde encontrou uma oração que estava colada numa tábua. *Lembraí-Vos, ó piíssima Virgem Maria, que nunca se ouvir dizer, etc...* Disse-a completa; depois levantou-se e, nesse mesmo instante, encontrou-se perfeita e inteiramente curado; e pareceu-lhe que o seu mal tinha caído sobre os seus pés como escamas de lepra».

Este testemunho de Madre de Chantal não deixa nada a desejar. Mas uma pergunta se coloca: donde vieram a Francisco estas «grandes tentações e extremas angústias de espírito»? Com toda a evidência, elas são de ordem espiritual. Todavia, não mergulhariam elas no temperamento muito sensível, um pouco escrupuloso, e certamente «melancólico» do jovem adulto, uma melancolia que havia herdado de sua mãe e que se exasperava nas horas de fadiga. Ora, em 1586-1587, concede-se Francisco uma distensão suficiente? Não nos declara um dos seus companheiros que «com muita frequência, escapando-se ao sair das aulas de filosofia, saltava as suas refeições habituais a fim de ir à Sorbonne ouvir as disputas de teologia»?

É significativo que Francisco tenha confidenciado esta prova, precisamente «a um gentil-homem que havia caído numa profunda melancolia»: «Grita-se que, além do mal que se tem devido aos acidentes corporais, se está sobrecarregado de uma violenta melancolia... Pois! Se faz favor, peço-lhe que me diga que motivo tem para alimentar este triste humor que lhe é tão prejudicial? Sus-

peito que o seu espírito esteja ainda embaraçado com algum temor de morte repentina e com os juízos de Deus. Infelizmente, é um estranho tormento!... A minha alma que o suportou durante seis semanas, é bem capaz de se compadecer daqueles que o sofrem... Não tem o senhor esperança em Deus? E quem espera n'Ele será jamais confundido? Não, senhor, jamais o será».

Aconteça o que acontecer destes preâmbulos, a crise que analisamos atingiu em Francisco uma tal violência, e tomou um caráter tal, que não é possível não reconhecer nela «a mão do Senhor». A prova é do domínio da mais alta mística. Coincidência espantosa, por essa mesma época, – em 1583 exatamente – João da Cruz descrevia maravilhosamente as vias extraordinárias da vida espiritual e sobretudo esta etapa, de formas sempre originais, pela qual Deus purifica a alma que Ele quer unir a Si de uma forma mais perfeita, e a que ele chama a «Noite». «Todas as forças e todos os afetos da alma, por meio desta noite e purificação divina, se renovam e se mudam em temperamento e delícias divinas. ³». Não foi nessa altura para Francisco de Sales, o benefício desta crise de 1586-1587?

Desta febre espiritual, ignoramos a curva precisa. Mas, pelo contrário, documentos de uma grande credibilidade informam-nos sobre a sua acuidade e sobre o seu desenlace.

Tudo começou, ao que parece, por uma dificuldade na aparência puramente especulativa: o mistério da predestinação. Perante o pensamento de S. Agostinho e de S. Tomás que insistem na presciência e na livre escolha de Deus, no assunto da salvação dos homens, Francisco tomou antes de tudo uma viva consciência da incerteza da salvação. Mas eis que, voltando a si mesmo, e medindo os perigos que o ameaçam – ele, tão sensível, e cujo coração «ama amorosamente» – no meio da juventude estudantil, assusta-se: era ele, Francisco, do pequeno número dos predestinados?... Na realidade, a crise foi sobretudo de ordem psicológica e espiritual, mas,

3 *La Nuit Obscure*, L. II, Ch. IV.

em Francisco, todo o problema de alma se complica com um problema de inteligência.

Aqui, precisamos de prestar grande atenção à queixa desta alma angustiada, tal como chegou até nós do senhor Déage, o preceptor, e de François Favre, o criado de quarto de Francisco, por intermédio de Charles-Auguste de Sales. Se estas palavras são autênticas, – e há toda a razão para as julgar assim, de tal forma correspondem ao ato de abandono heroico que o P. de Quoex nos conservou e ao *Protesto* de 1591 – elas revelam-nos magnificamente a que pureza de caridade havia já acedido Francisco na sua vida espiritual.

É verdadeiramente o queixume do amor frustrado, de um amor que se vê de repente, ao contrário de toda a sua esperança, incerto de possuir um dia o seu objeto único: mas no fogo da sua angústia, este amor purifica-se estranhamente; e, de forma dolorosa, contenta-se com o que lhe resta da sua felicidade: «Pobre de mim, miserável! Ficarei então privado da graça d'Aquele que me fez provar tão suavemente as suas doçuras e que se me mostrou tão amável? Oh Amor! Oh Caridade! Oh Beleza à qual votei todos os meus afetos. E nunca mais gozarei das vossas delícias?... Oh Virgem... nunca mais voltarei a ver-Vos, no reino do vosso Filho? E nunca participarei neste imenso benefício da Redenção?... E o meu amado Jesus não morreu tanto por mim como pelos outros?... Ah! Seja como for, Senhor, pelo menos que eu Vos ame nesta vida, se não posso amar-Vos na eterna, pois *ninguém Vos louva* no inferno». Oração trágica e generosa, mas que não consegue pacificar a alma.

Quanto mais Francisco estudava e discutia, mais tropeçava na predestinação à glória anterior à previsão dos méritos. Nenhuma saída deste drama espiritual parecia possível, quando um dia, ao voltar sozinho do colégio, «mais morto do que vivo», teve a ideia de entrar, como fazia frequentemente, na igreja de Saint-Etienne des Grès. Era «o dia em que aprouve à divina Providência libertá-lo», segundo a narrativa de Madre de Chantal. Aqui, em vários pontos (duração do desenlace, lugar do ato de abandono heroico,

data do *Protesto*), os historiadores divergem; nós seguiremos de preferência a versão de Madre de Chantal.

Então, já dentro da igreja, Francisco foi «direito» à capela da Virgem. Sem dúvida, fez de novo neste momento este «ato de abandono heroico», esta oferenda que o P. de Quoex nos conservou: «Aconteça o que acontecer, Senhor, Vós que tendes tudo nas vossas mãos, e cujas vias são todas justiça e verdade; seja o que for que Vós tendes decidido a meu respeito sobre este eterno decreto de predestinação e de condenação; Vós cujos juízos são um profundo abismo, Vós que sois sempre Justo e Pai misericordioso, eu Vos amarei; Senhor, ao menos nesta vida, se não me é dado que Vos ame na eterna; ao menos amar-Vos-ei aqui, ó meu Deus, e *esperarei sempre* na vossa misericórdia e, sempre, *repetirei todo o vosso louvor*, não obstante tudo o que o anjo de Satã não cessa de me inspirar contra isso. Ó Senhor Jesus, Vós sereis sempre a *minha esperança* e a minha salvação *na terra dos vivos*. Se, porque a minha conduta o exige, eu tenho de ser maldito entre os malditos que não verão a vossa doce face, concedei-me pelo menos que não seja daqueles que amaldiçoarão o vosso santo nome».

Havendo reafirmado esta patética aquiescência à vontade divina, «reparou numa pequena placa afixada na parede: era a oração *Lembrai-Vos, ó piíssima Virgem*. Recitou-a de joelhos e em lágrimas». E eis a maravilha: «Havendo terminado a Oração, pediu a saúde do corpo e do espírito, e fez promessa da sua virgindade a Deus e à Virgem; e, em testemunho e memória disso, prometeu rezar o terço todos os dias da sua vida. E eis que entre estas orações e estas promessas, a tentação desapareceu, recuperou a saúde, e parecia-lhe que lhe tiravam da cabeça e do corpo como que umas crostas ou escamas de lepra».

Ao sair desta crise, Francisco havia adquirido uma experiência inestimável dos caminhos de Deus, mas mais ainda, havia tomado uma posição doutrinal sobre uma questão capital da teologia católica. É habitual insistir-se na importância da primeira destas vanta-

gioso. Nos seus manuscritos, encontraremos diversas notas sobre este tema, entre as quais a mais semelhante pelo tom e pelo teor à crise de 1586-1587, é sem dúvida este «protesto» espantoso, que com os melhores críticos situamos por volta de 1591.

Não podemos citá-lo na íntegra⁴: reteremos pelo menos as passagens onde se marca melhor a atitude francamente apostólica e espiritual que adota Francisco no problema especulativo da predestinação.

«Prostrado aos pés dos bem-aventurados Agostinho e Tomás (os dois autores cujas teses haviam, se não provocado, pelo menos exagerado a sua crise de alma), estou pronto a tudo ignorar para conhecer Aquele que é a ciência do Pai, Cristo crucificado. (Nesta simples frase, inscreve-se já o que será o seu pensamento místico). Com efeito, embora eu não duvide que aquilo que escrevi (este protesto encontra-se no fim de notas teológicas sobre a predestinação) seja verdade, porque não vejo nisso nada que possa suscitar uma dúvida sólida da sua verdade; todavia, porque não vejo tudo e porque um mistério tão profundo é demasiado brilhante para ser visto de frente pelos meus olhos de coruja (parece-me que será a posição que adotará Francisco quando for consultado por Paulo V na querela *De Auxiliis*), se, na sequência, o contrário aparecesse, – o que, penso eu, nunca acontecerá – muito mais, se eu me soubesse condenado – que tal não aconteça, Senhor Jesus! – por esta vontade que os tomistas colocam em Deus a fim de que Deus mostre a sua justiça, cheio de estupefação e levantando os olhos para o Juiz Supremo, com muito gosto direi com o Profeta: *A minha alma não estará submetida a Deus? Amen, Pai, porque vos parece bom assim; que a vossa vontade seja feita.* E direi isso tantas vezes na amargura do meu coração, até que Deus, mudando a minha vida e a minha sentença, me responda: *«Tem confiança, meu filho, Eu não quero a morte do pecador, mas que ele se converta e viva...»*

4 Cf. *Œuvres*, T. XXII, pp. 63-68.

(E Francisco acumula os textos bíblicos e sobretudo os textos *evangélicos* que afirmam a vontade de Deus de salvar todos os homens) «E porque tu quiseste glorificar o meu nome, mesmo sofrendo, se fosse necessário, embora nisso sejam mínimas a glória e a exaltação do meu nome, que não é «condenador», mas «Jesus» (leiamos estas palavras magníficas em latim: *glorificatio nominis mei qui non est damnator, sed Jesus*) – *estabelecer-te-ei sobre muito*, a fim de que tu me louves nesta bem-aventurança eterna onde explode a glória do meu nome...». Então só deverei responder do mesmo modo que antes: Amen, *Pai*, porque assim é do vosso agrado. O meu coração está pronto, ó Deus, para o sofrimento por vosso amor; o meu coração está pronto para a glória por causa do vosso nome, Jesus... Amen, Jesus, Maria».

Esta confiança é capital, representa um cume, talvez o cume da vida espiritual; acreditemos no padre Bremond, que é especialista na matéria: «Preciosa relíquia, menos ofegante, mais apaixonante que o talismã de Pascal, mas de uma riqueza doutrinal muito superior»⁵. A «riqueza doutrinal» deste texto não surpreenderá nada os que conhecem as outras notas sobre a Predestinação, e nomeadamente este fragmento de 1591, em que Francisco enumera as provas e autoridades, que tornam plausível a tese que «não só a condenação tem lugar na sequência dos deméritos previstos, mas também que a predestinação se baseia nos méritos previstos».

Será a partir de agora a sua posição teológica, na qual vai poder apoiar todas as suas discussões com os Protestantes, toda a sua pregação e toda a sua direção espiritual. Escrevendo, em 1618, mais de trinta anos depois da crise, ao padre Lessius, declarar-lhe-á: «Na biblioteca dos Jesuítas de Lyon, vi o seu *Traité de la Prédestination*, e embora eu não tenha tido tempo senão de o percorrer à pressa, notei que o V. Rev.^a abraça e sustenta a opinião da predestinação à

5 Henri BREMOND, *Histoire Littéraire du Sentiment Religieux en France depuis la fin des guerres de religion jusqu'à nos jours*, Paris, Bloud et Gay, 1916, T. I, p. 90.

glória após a previsão dos méritos, esta opinião tão nobre a tantos títulos, visto que é tão antiga, tão consoladora... Isso deu-me uma grande alegria; com efeito sempre vi esta doutrina como a mais verdadeira, a mais amável e a mais conforme com a misericórdia de Deus e a sua graça, tal como eu indiquei um pouco no meu *Traité de l'amour de Dieu*».

As consequências desta crise de 1586-1587 sobre o destino espiritual de Francisco de Sales são consideráveis: dizem respeito não somente ao seu pensamento, mas à sua alma, – não somente à sua teologia, mas à sua religião pessoal e a todo o seu apostolado. No fundo, esta crise foi para ele uma verdadeira batalha de libertação: ela fortaleceu a sua fé nas realidades mais essenciais da vida de graça, desenvolveu nele as virtudes que são mais eficazes nas relações do homem com Deus, deu-lhe uma experiência muito alta da vida cristã, fazendo-lhe conhecer a extrema angústia e as bruscas libertações; em suma, abriu-lhe o acesso à reta, sã e autêntica «liberdade de glória dos filhos de Deus»: será daqui em diante o termo para o qual tenderá com fervor e se esforçará por orientar as almas mais sublimes e as mais humildes que se apoiarão sobre ele na sua busca de Deus.

A primeira estadia de Francisco em Paris chega ao fim: Francisco termina o curso da Faculdade das Artes. No início do verão de 1588, retoma o caminho da Saboia.

É «à longa túnica vermelha» do senador que o Senhor de Boisy destina «este filho de muito grande esperança». «Concede», porém, a Francisco, que desde há oito anos não voltou à Saboia, «tempo livre para ver os seus familiares e amigos»; mas está desde já decidido que, a partir do outono de 1588, o estudante iria para Pádua, sempre acompanhado pelo senhor Déage, e ali se aplicaria ao estudo do direito: Gallois, o irmão mais novo, acompanharia o seu irmão mais velho e frequentaria as aulas de gramática no colégio dos Jesuítas.

Pádua e o doutoramento «em ambos os direitos»

Aqui está então Francisco entregue aos estudos de «um e outro direito», isto é, do canónico e do civil, por obediência a seu pai; mas, em segredo, e de conivência com o senhor Deáge, ele consagrará uma parte do seu tempo a refazer na sua integralidade os estudos teológicos: «Prescreveu-se oito horas de estudos, quatro para a jurisprudência, e outro tanto para a teologia». De facto, interessou-se ainda por cima, à guisa de passatempo, pela botânica, mesmo pela medicina!

Mas o problema religioso permanece no centro das suas preocupações: «A fim de aproveitar mais, não somente na escolástica, mas também na mística, para a qual já havia lançado bons alicerces em Paris, precisava de ter um bom mestre e um diretor». Para este papel, escolheu, por «uma certa iluminação do céu», «o padre António Possevino, da Companhia de Jesus, homem que as virtudes elevavam acima das cabeças dos outros». Visivelmente, o Padre exerceu uma grande influência sobre a orientação espiritual do seu discípulo: foi ele sem dúvida que o levou a entrar na Congregação da Anunciação de Nossa Senhora, cuja sede era no colégio dos Jesuítas, e a seguir os Exercícios Espirituais; foi ele que Francisco mandou chamar quando em 1590 pensou que ia morrer. Mas, durante os três anos em Pádua, o padre Possevino foi sobretudo para Francisco o mestre que, prolongando os ensinamentos de Générard, desenvolveu nele o gosto pela Sagrada Escritura; e igualmente o guia que o ajudou a levar, no meio da população estudantil, leviana e combativa, de Pádua, uma vida sinceramente cristã.

Data desta época⁶ um documento de primeiríssima importância: Francisco, de acordo com o seu diretor, adota um regula-

6 Contrariamente ao que muitas vezes se diz, não creio que se possa tirar deste texto a prova de que ele só tenha sido redigido depois da grande doença de Francisco em fins de 1590 - inícios de 1591.

mento de vida. Há que avançar até encontrar nestas páginas «uma Introdução à vida devota em miniatura»? Não, sem dúvida. Não se deve esquecer que Francisco se orienta sempre secretamente para o Sacerdócio, e que ele fez a Nossa Senhora, na igreja de Saint-Étienne des Grès, um voto de castidade que ele entende guardar fielmente, com a ajuda de Deus, entre os perigos de Pádua. Resulta que este documento nos fornece, sobre a ideia que Francisco se faz da vida cristã, por volta de 1590, informações muito preciosas.

Um exercício que ele toma fortemente a peito: «Preferirei sempre a tudo o resto o exercício da *preparação*, e fá-lo-ei pelo menos uma vez por dia: a saber, de manhã; consiste num exame prévio, feito na presença de Deus, do que se prevê acontecer durante o dia».

Depois disso, prescreve-se sete artigos para passar bem o dia. «De manhã, ao acordar, darei graças a Deus... Depois pensarei em algum mistério sagrado... Não deixarei de ouvir todos os dias a Santa Missa, etc...».

Ora, entre os sete artigos, o terceiro é demasiado original para que não nos detenhamos nele por instantes, tanto mais que a terceira parte do nosso documento retomá-lo-á e desenvolvê-lo-á: «Como o corpo precisa de dormir para descansar e aliviar os seus membros fatigados, igualmente é necessário que a alma tenha algum tempo para dormir e descansar entre os braços puros do seu celeste Esposo, a fim de por este meio recuperar as forças e o vigor das suas potências espirituais: portanto, destinarei todos os dias alguns tempos a este sagrado sono, para que a minha alma, à imitação do discípulo bem-amado, durma em total segurança sobre o peito amável, mesmo no coração amoroso do amoroso Salvador».

A descrição pormenorizada – em oito pontos – deste «sono» sagrado é, a bem dizer, uma peça notável. Sono singularmente ativo onde todos os grandes temas da meditação cristã se parecem... Mas o que importa aqui, é a atitude da alma. Esta atitude é extremamente característica, trata-se bem de uma distensão, de um gosto,

de um deleite saboroso que repousa a alma e introduz no amor de Deus.

«E em primeiro lugar (assim começa o texto) havendo tomado o tempo cómodo para este sagrado repouso, antes de tudo o mais, procurarei refrescar a minha memória de todos os bons movimentos, desejos, afetos, resoluções, projetos, sentimentos e doçuras, que outrora a divina Majestade me inspirou e fez experimentar na consideração dos seus santos Mistérios, da beleza da virtude, da nobreza do seu serviço e de uma infinidade de benefícios que Ela muito liberalmente me concedeu...».

Este tom de admiração, de entusiasmo, vai manter-se até ao fim: «Em segundo lugar, descansarei pura e simplesmente, etc... Em terceiro lugar, descansarei muito docemente, etc... Em quarto lugar, dormirei suavemente no conhecimento da excelência da



Pádua, pátio antigo da Universidade.

virtude, etc... Em quinto lugar, fixar-me-ei na admiração da beleza da razão, etc... Em sexto lugar... ocupar-me-ei de ver como estes belos atributos (a sabedoria infinita, o poder onipotente e a incompreensível bondade de Deus) brilham nos mistérios da vida, morte e paixão de nosso Senhor Jesus Cristo, etc...».

O oitavo merece ser citado: «... Adormecerei no amor da excelsa e única bondade do meu Deus; saboreá-la-ei se puder, não nos seus efeitos, mas em si mesma; beberei esta água de vida, não nos vasos ou frascos das criaturas, mas na sua própria fonte; saborearei como esta adorável majestade é boa em si mesma, boa por si mesma, boa para si mesma, até como é a bondade mesma, e como é toda a bondade; e bondade que é eterna, inesgotável e incompreensível. Ó Senhor, direi eu, só Vós sois bom, por essência e por natureza; só Vós sois necessariamente bom; todas as criaturas que são boas, tanto pela bondade natural como pela sobrenatural, só o são por participação da vossa amável bondade». Este documento continha ainda outras regras «para bem se comportar nas companhias e nos encontros, sem tropeçar e sucumbir ao vício».

Francisco de Sales já dispõe desta espiritualidade forte e suave, solidamente dogmática e sensível ao coração, que fará o seu encanto e atrairá a ele as almas. Mas teria ele atingido este cume, teria ele escrito estas páginas sobre o Sono espiritual, se não tivesse passado pela crise de 1586-1587, e se não tivesse triunfado dela? Uma alma que não dominou na fé e na confiança a sua angústia espiritual não pode mergulhar tão livremente nas nascentes do amor... Para Francisco, entre a aridez dos estudos jurídicos e os perigos da cidade universitária, este regulamento era um talismã: «A fim de as poder reler com frequência (estas leis e regras) escreveu-as nas primeiras e nas últimas folhas de um livro de orações que habitualmente trazia no bolso».

Tanto mais que, havendo retomado o conjunto dos seus estudos teológicos, se deparava de novo com o problema da predestinação. Com efeito o padre Possevino, posto por Francisco ao corrente dos

seus projetos de futuro, havia-o encorajado muito na sua vocação: «Acredite em mim, o seu espírito não anda na labuta do banco dos advogados, e os seus olhos não estão habituados à sua poeira». A descoberta do livro de Lorenzo Scupoli, «O Combate Espiritual», que lhe revelaram os Padres Teatinos, em cuja casa Francisco gostava de frequentar as celebrações, havia-o confirmado ainda mais na sua resolução de se entregar a Deus e, portanto, de estudar a teologia.

O seu mestre de pensar continuava a ser S. Tomás de Aquino; num pitoresco resumo, Charles-Auguste de Sales imagina Francisco «a abrir sobre a mesa do seu gabinete a Suma do Angélico Doutor S. Tomás, a fim de a ter sempre diante dos olhos e poder recorrer a ela prontamente, para a compreensão dos outros livros». Porque havia «outros livros»: Francisco alargou o campo das suas leituras: os Padres são-lhe familiares, e entre eles prefere Agostinho, Jerónimo, Crisóstomo, Cipriano, cujo estilo o encanta, e acrescenta-lhes S. Bernardo e S. Boaventura. Mas sobre o ponto preciso da predestinação, afasta-se resolutamente do que lhe apresentam como o pensamento de S. Tomás, e adere à opinião «mais verdadeira e mais amável»⁷ que os seus mestres jesuítas ensinavam abertamente, apoiando-se no livro do padre Molina, publicado em 1588: *A Concordância do livre arbítrio com os dons da graça, a presciência de Deus, a providência, a predestinação e a reprobção*.

É destes anos de Pádua (e provavelmente de 1591) que data a nota que já citámos e que definia nitidamente a atitude muito pura de fé e de confiança, que seria desde então a atitude de Francisco. Mas é notável que os quatro «fragmentos» que chegaram até nós, das suas *Observações teológicas* de Pádua, todos façam alusão a este problema da graça e da predestinação. Uma delas é particularmente comovente: «Eu anotei isto, com temor e tremor, escreve Francisco, no ano 1590, a 15 de dezembro, para não ter talvez de

7 Carta ao P. Leonardo Lessio (Leys), *Œuvres*, vol. XVIII, pp. 271-274.

lamentar a sua perda, se posteriormente esta maneira de pensar, na qual me afirmei quando atingi a adolescência, e quando adquiri mais experiência com a idade e com a ciência, continuar a parecer verdadeira segundo o juízo e a decisão da Igreja, como ela me pareceu verdadeira então na minha infância. Com efeito, desde esta época, ao afirmar-me nisso, meditei tudo o que parece centrar-se na questão⁸».

Estas notas de teologia são de resto envolvidas em oração. Aqui, uma invocação ao Espírito Santo. Ali, uma homenagem a Jesus Cristo. O desejo de Deus e o zelo das almas exprimem-se nelas livremente. «Anotei tudo isto para honra de Deus e para a consolação das almas». Mas o que acima de tudo importa a Francisco, é que a sua doutrina seja plenamente conforme ao ensinamento da Igreja. «Escrevi isto muito humildemente, confessa ele, estando pronto a abandonar não somente as conclusões que tirei ou tirarei, mas também a cabeça que as concebeu, e isto, mesmo se tal repugna à minha inteligência, para abraçar a opinião que agora ou no futuro for adotada pela Igreja Católica, Apostólica e Romana, minha Mãe e coluna da verdade».

Francisco tinha «vinte e quatro anos, e o tempo que ele havia destinado ao estudo das leis tinha-se esgotado, quando recebeu ordem de seu pai para se doutorar». O grande jurisconsulto, Guido Panciroli, «homem de todo semelhante à virtude e à ciência e que tinha mais de espírito angélico do que de humano» havia-se ligado fortemente a Francisco, e quis ser ele mesmo o seu «Promotor». A sessão solene realizou-se «no dia cinco de setembro do ano mil quinhentos e noventa e um». Francisco mostrou-se brilhante na defesa da tese e respondeu «de forma muito consistente aos argumentos apresentados contra a doutrina»... «Panciroli, seu Promotor, não lhe poupou elogios», refere-nos Charles-Auguste no seu estilo delicioso, «... e entregou-lhe o anel, a coroa e os privilégios

8 Cf. *Œuvres*, T. XXII, p. 46.

da Universidade». Francisco era promovido a doutor *in utroque jure* – em direito canónico e civil. Todos lhe fizeram festa; «porque havia conquistado todos os corações de Pádua».

No castelo de la Thuile, onde a guerra entre católicos e protestantes havia forçado M. de Boisy a fechar-se com os seus, o triunfo de Francisco foi recebido com grande alegria. Antes de regressar à França, o jovem doutor quis cumprir uma promessa já antiga: fez a peregrinação a Loreto. De acordo com toda a tradição e também com Madame de Chantal, haverá que situar nesta época a primeira viagem a Roma? Esta tradição é certamente digna de respeito. Mas um estudo mais preciso dos documentos e das datas levaria a pô-la em questão e talvez a rejeitá-la⁹.

Em fevereiro de 1592, Francisco estava de regresso a la Thuile, onde «o senhor de Sales aguardava com impaciência o seu querido filho».

9 Cf. a biografia crítica de É.-M. LAJEUNIE, Saint François de Sales



3. O ENCARREGADO DOS CÔNEGOS DE GENEBRA

Francisco «Padre de Jesus Cristo»

O acolhimento foi carinhoso e entusiasta: Francisco – ainda não tem 25 anos – aparece aos olhos de todos como cumulado de todos os dons da natureza e da graça. Este jovem Doutor é também um perfeito gentil-homem; é um cavaleiro de ar elegante e provou muitas vezes que sabia na devida altura manejar a espada com «máscula coragem»; é digno de aparecer no mundo como chefe de nobre família. Seu pai «idealiza grandes coisas para ele» e, para começar, confere-lhe o domínio senhorial de Villaroget.

Olhemos bem para ele, como olha «toda a sua vizinhança». Não realiza na perfeição este retrato do homem virtuoso, que ele traçava no seu escrito sobre o *sono espiritual*: «Em quarto lugar, dormitarei suavemente no conhecimento da excelência da virtude: virtude que é tão bela, tão graciosa, tão nobre, tão atraente, tão poderosa. É ela que torna o homem interior e também exteriormente belo; ela torna-o incomparavelmente agradável ao seu Criador; ela assenta-lhe extremamente bem, como própria que é dele. Mas que consolações, que delícias, que honestos prazeres não lhe dá sempre! Ah! É a virtude cristã que o santifica, que transforma em Anjo, que faz dele um pequeno Deus e que lhe dá desde aqui o Paraíso».

A beleza de Francisco era antes de tudo uma beleza interior. Desde o tempo de Pádua, «notava-se sensivelmente nele um não sei quê de sacerdotal», afirma-nos o padre de la Rivière; e a sua alma estava dilacerada: «O amoroso respeito que ele tinha pelo senhor seu pai e pela senhora sua mãe deixava-o perplexo e em suspenso, saber se ele daria o seu consentimento de forma irrevocável».

gável às imaculadas bodas do Cordeiro, sem haver sondado pouco mais ou menos as suas inclinações, ou se ele adiará por algum tempo, e até que ele tivesse oportunidade de fazer esta prova com toda a discrição que lhe fosse possível». Ele havia aguardado, mas não seria tempo de declarar finalmente a sua decisão?

Francisco hesita, contudo, em falar: o senhor de Boisy aproxima-se dos seus sessenta anos, como suportará ele este choque, que será para ele muito rude? E não vai ele usar da sua autoridade paterna, como lho permitem os costumes do tempo, para recusar o desígnio de Francisco? Numa palavra, o assunto arrasta-se... O senhor de Boisy aproveita este adiamento. «É necessário, diz ele um dia a seu filho, que vás a Chambéry para te apresentar como advogado ao Senado», e Francisco consente nas diligências que, em 24 de novembro, conduzirão à sua entrada na ordem dos advogados. Entretanto o Senhor de Boisy sonha em casar Francisco com uma Menina «verdadeiramente nobre de sangue e de virtudes», Françoise Suchet de Miribel, e Francisco consente no encontro, com o risco de não fazer «mais em Sallanches do que saudar simplesmente a companhia, como se tivesse muito mais que fazer».

Mas há um perigo mais subtil, porque se poderia ver nisso uma oportunidade única para a família de Sales: «Carlos Manuel (duque de Saboia), estando bem seguro da probidade e doutrina do Senhor de Villaroget, promoveu-o à dignidade de Senador na soberana Corte de Saboia, por cartas régias que François Melchior de Saint-Jeoire, barão d'Hermance, levou a Turim». François agradece a sua Alteza e recusa. Mas todos estes acontecimentos convencem-no de que chegou a altura de sair destas ambiguidades. «Dirigiu-se ao querido primo Louis de Sales, cónego na igreja catedral de Genebra (três anos mais velho do que ele e que devia ser seu companheiro de apostolado), e tomando-o à parte, abriu-lhe inteiramente o seu coração», Louis prometeu a Francisco que «faria vir seu tio» ao desígnio deles.

As coisas, a partir então, vão tomar um ritmo mais rápido.

Estando vacante o cargo de vigário geral da Igreja de Genebra, – o vigário geral era o segundo dignitário da diocese –, Louis de Sales, sem falar disso a Francisco, empreende fazê-lo atribuir a seu primo... Confia este projeto ao cónego François de Ronys, «que tinha grande influência em Roma e que entendia muito bem a negociação dos benefícios». O senhor de Ronys fez de imediato as diligências habituais, «e Deus favoreceu de tal modo este assunto, que em pouco tempo houve notícias certas de que Sua Santidade o havia concedido». A 7 de março de 1593, as bulas de nomeação eram assinadas em Roma; chegavam ao paço episcopal de Annecy a 7 de maio.

Francisco ficou estupefacto. «Ele pensava que era um sonho», mas viu neste acontecimento, tal como seu primo, o argumento que permitia obter do Senhor de Boisy, sem ferir demasiado o seu orgulho paterno, a autorização «de ser da Igreja». A entrevista entre Francisco e seu pai realizou-se sem dúvida no dia 9 de maio. Revestiu-se do carácter dramático que a tradição lhe atribui? O Senhor de Boisy tentou ainda ganhar tempo? Pouco importa. Aquiesceu finalmente e abençoou o filho.

Desde o dia seguinte, 10 de maio de 1593, Francisco quis vestir a batina. A cerimónia teve lugar na igreja da aldeia de la Thuile. «Verdadeiramente, disse-lhe monsenhor Bouvard, impressionado com o seu fervor, parecia ao ver-vos que tomáveis o hábito de capuchinho». – «Ah! Monsenhor, replicou Francisco, eu tomo o hábito de S. Pedro». No dia 12 de maio, Francisco desce a Annecy e, fora de qualquer cerimónia solene, é investido no seu cargo de Vigário Geral. De acordo com o seu bispo, decide receber as quatro Ordens Menores e o subdiaconado no sábado depois do Pentecostes.

É ao castelo de Sales que ele se desloca com o seu confessor, reverendo Aimé Bouvard, a fim de se preparar para a receção das Ordens. Ali chega no dia 18 de maio e só de lá regressará a 7 de junho. Tempo de solidão, de reflexão, de oração... Um eco comovente deste retiro chegou até nós em *l'Année Sainte* das Visitandi-

nas: em 19 de maio, Francisco pediu a monsenhor Bouvard para renovar a tonsura que ele havia recebido, quinze anos antes, de monsenhor Regard... Ora, por mais estranho que possa parecer, o sacrifício do seu cabelo «que era, segundo consta, louro e belo» custou-lhe tanto que desencadeou nele uma vaga de tentações contra a sua vocação! «Infelizmente, meu padre, confessou ele a monsenhor Bouvard, há dois dias que sofro grandes combates contra a minha vocação; o demónio não esqueceu nenhum recanto da minha alma para me pôr à prova, e tentou-me até à ponta dos cabelos, dando-me grande aversão a esta tonsura. A força de Sansão estava na ponta da sua cabeleira, e eu penso que uma parte da minha fraqueza estava na ponta da minha; com efeito, desde que a cortei, sinto-me mais forte ao serviço de Deus, e prometi à Divina Majestade despojar-me inteiramente do homem velho para viver daqui em diante totalmente com a sua graça, em novidade de vida com Jesus Cristo».

O facto de Francisco se referir nesta cerimónia ao belo texto de S. Paulo sobre o batismo, significa claramente a sua resolução de conversão radical. Uma nota da sua autoria, que Louis de Sales afirma ter lido em placas, donde Francisco se havia esquecido de a apagar, nos dá a entender com que fervor o retirante passou este dia: «Francisco, não te esqueças de que Deus usou de grande misericórdia para contigo no dia 19 de maio de 1593, por intercessão do glorioso S. Celestino, protetor do teu retiro de preparação para as Ordens».

Ao mesmo tempo que se preparava espiritualmente para as Sagradas Ordens, Francisco, para perfazer o exame canónico que já havia feito, redigiu¹⁰ o seu primeiro sermão. O tema foi escolhido segundo a liturgia: a Igreja celebrava então a festa de Pentecostes. Francisco vê nesta circunstância um convite a pregar: «O dia de

10 Nós dizemos: *redigiu*, e não *pronunciou*; mas sem tomar posição na discussão dos historiadores: *Œuvres*, T. VII, p. I, nota.

hoje marca o início de toda a pregação»: ora, é notável que uma passagem deste sermão se refira ao jogo, na alma, do livre arbítrio e da graça!

A 7 de junho de 1593, Francisco regressa a Annecy. No dia 8, renuncia legalmente ao seu direito de primogenitura e ao seu título de Villaroget em favor de seu irmão Gallois. No dia 9 recebe das mãos de Mons. de Granier as quatro ordens menores, e no dia 11, «foi promovido à ordem sagrada do subdiaconado». Depois disso, o seu prelado, acrescenta Charles-Auguste de Sales, ordenou-lhe que se preparasse para o sermão do dia do Corpo de Deus». Na realidade, o sermão só se realizou no dia da oitava.

É uma grande pena que o texto, ou pelo menos o esboço deste sermão sobre «a realidade do corpo de Nosso Senhor na Santíssima Eucaristia» não nos tenha chegado às mãos: pois, a julgar pelo resumo que dele nos faz Charles-Auguste de Sales, parece que o jovem pregador apresentou nele, pela primeira vez, as suas ideias sobre o amor de Deus: «Que o soberano bem é soberanamente comunicativo de si mesmo, que há três principais comunicações, a primeira pela qual o Pai se comunica ao Filho, e pela qual o Pai e o Filho se comunicam ao Espírito Santo; a segunda pela qual a Santíssima Trindade comunicou a pessoa divina à natureza humana. A terceira, pela qual Deus comunica o corpo de seu Filho, não à natureza, mas a toda a pessoa humana. Que estas três comunicações estão de tal forma ligadas entre si, que a terceira não pode existir sem a segunda, nem a segunda sem a terceira». Era ir direto ao coração da mística cristã.

Embora ainda subdiácono, o jovem Vigário Geral mostra-se singularmente ativo. Entre 24 de junho e o Natal de 1593, faz pelo menos cinco grandes sermões. Em toda a parte «brilha como um sol radioso»: estuda, trabalha; mostra-se assíduo ao coro e apaixonado pela liturgia. Visita os doentes, reconcilia os inimigos. Para a santificação das almas, funda a confraria dos Penitentes da Santa Cruz...

Há apenas seis meses que Francisco é «de Igreja»! Que elã apostólico, que zelo das almas neste clérigo! Que fogo! Que será então quando tiver recebido a ordenação sacerdotal, quando ele for bispo? Desde agora, carregou aos seus ombros o peso das almas. A graça nele não é vã: «Temos um Apóstolo novo», teria gritado, após o seu primeiro sermão, Monsenhor de Granier. Era uma profecia! A vida dos Apóstolos será sempre ideal de que ele tentará aproximar-se o máximo.

No sábado das Quatro Têmporas de setembro, dia 18 do mês, Francisco recebia o diaconado. A ordenação sacerdotal foi marcada para 18 de dezembro, que era o sábado depois do terceiro domingo do Advento. Graças a uma carta que o ordenando escreveu ao seu amigo Antoine Favre, por volta de 15 de dezembro, entreveamos alguma coisa dos sentimentos que enchem então a sua alma: «Ao aproximar-se deste dia terrível, deste dia espantoso, como lhe chama S. Crisóstomo, em que, de acordo com a vontade do nosso bispo, quer dizer de acordo com a vontade de Deus (porque eu não busco outro intérprete desta divina vontade), ao aproximar-se deste dia, digo eu, em que depois de haver passado por todos os degraus das Sagradas Ordens, vou ser elevado à augusta dignidade do sacerdócio, não posso dispensar-me de vos anunciar a insigne honra e o bem excelente que me aguardam. Não convém que uma tal transformação se opere sem o meu amigo saber num homem que é todo vosso».

Não é sem temor que Francisco aborda esta «mudança», «a mais gloriosa que (lhe) possa acontecer no mundo»: «Sou assaltado pela maior inquietação que jamais senti... Se eu não me engano, nada poderia acontecer de mais difícil e de mais perigoso ao homem do que ser chamado a ter nas suas mãos e a produzir pela sua palavra, segundo a expressão de S. Jerónimo Aquele que os Anjos, essas inteligências que nós somos incapazes de compreender ou de louvar dignamente, não podem nem sequer abraçar pelo pensamento nem celebrar com justos louvores».

Francisco conta com a fé do seu amigo para compreender a sua inquietação e sintonizar com a sua alma. «Seguramente, eu não ignorava, meu estimado amigo, que espantosas responsabilidades estavam associadas a uma tão santa e augusta dignidade; mas a distância engana os olhos, e é bem diferente observar um objeto de perto ou apreciá-lo de longe. Vós sois o único, estimado amigo, que me parecíeis capaz de compreender a perturbação do meu espírito, porque vós tratais as coisas divinas com tanto respeito e veneração que podeis facilmente julgar como é perigoso e temível presidir à sua celebração, como é fácil pecar e pecar gravemente, e como é difícil desempenhar dignamente as santas funções».

Mas este desabafo amigável não deve enganar Antoine Favre: «Não me falta coragem, acrescenta Francisco, até ao presente nunca me abandonou». Havendo assim confiado ao seu amigo mais querido a sua «inquietação», «unicamente para excitar (sua) simpatia; é um remédio útil, eu sei, para aliviar um coração em sofrimento», Francisco continua num tom firme: «Não penseis que os santos mistérios me inspiram um pavor tal que não deixe em mim lugar a uma esperança e a uma alegria bem superiores ao que poderiam valer-me os meus próprios méritos. Rejubilo especialmente e exulto – *Laetor plurimum et gaudeo* – de poder corresponder por este ofício mais sublime do que todos, quero dizer por sacrifícios, e por sacrifícios da mais augusta Vítima...».

Aqui termina infelizmente a minuta autógrafa da carta: mas tal qual, esta confiança é já para nós, entre todas, preciosa: ela exprime bem a alma infinitamente delicada e prudente de Francisco, cuja força, elã, dilatação não têm a sua nascente senão no mais profundo das verdades da fé.

Dia 18 de dezembro, Francisco era «ordenado padre»: «O bondoso prelado, refere Charles-Auguste de Sales, não conseguiu impedir as lágrimas ao impor-lhe as mãos e ao refletir que era o seu muito querido filho. Mas nesta ação de servidor de Deus, Francisco, deslumbrado na consideração da sua dignidade, parecia



Annecy, igreja cathedral.

um homem do outro mundo». Antes de celebrar a sua primeira missa, o novo padre quis ainda preparar-se com três dias de retiro. No vigésimo primeiro dia de dezembro do ano mil quinhentos e noventa e três, dia de S. Tomé apóstolo, canta a sua primeira missa na igreja catedral». «Neste primeiro sacrifício, confidenciará ele um dia à Madre de Chantal, Deus tomou posse da minha alma de uma maneira inexplicável». Depois do ofício de Vésperas, acrescenta Charles-Auguste numa fórmula para o nosso gosto demasiado elíptica, (ele) fez uma fervorosa pregação sobre o tema do seu sacrifício. Segundo os costumes do tempo, este sermão foi sem dúvida uma semi-confidência e de algum modo uma declaração de programa, sendo de lamentar que não tenha chegado até nós.

Os cinco anos que vão seguir-se (1593-1598) revelar-nos-ão em Francisco de Sales o padre de Jesus Cristo. Figura magnífica, diante da qual os Protestantes do tempo, pelo menos os Protestantes sinceros e os historiadores mais críticos de hoje, tiveram de se inclinar. A graça brilha nesta alma sacerdotal. E por uma sorte providencial, vemos Francisco exercer o seu sacerdócio em duas situações aparentemente muito opostas: na calma da sossegada e muito católica cidade de Annecy (Natal 1593-setembro 1594), depois na tormenta e nos perigos da missão do Chablais.

Os primeiros meses de sacerdócio

A fase de Annecy deste apostolado começou pela solene «instalação» do vigário geral. A cerimónia teve lugar pouco depois do Natal. «Este sacro colégio de tantos gentis-homens e de doutores, após haver feito as provas da sua nobreza e da sua doutrina segundo o costume e os estatutos, colocou-o na real, atual e corporal posse da dignidade de vigário-geral, com o beijo do altar-mor e outras cerimónias habituais».

Nesta ocasião, Francisco pronunciou um notável discurso-programa¹¹. Após haver dado os seus agradecimentos e manifestado a sua confusão por haver sido chamado, ele, tão jovem e inexperiente, a presidir este «venerável cabido da igreja de S. Pedro de Genebra», Francisco evocou naturalmente a tristeza deste exílio e o desejo que, bispo e cónegos, conservavam no fundo do coração de que um dia ele regressasse à cidade episcopal. E o vigário-geral tenta propor aos seus cónegos uma «empresa», «tão grande quão difícil; todavia, ela não é mais impossível do que não é indigna de nós: tratar-se-ia de recuperar Genebra, esta sede antiga da vossa assembleia».

Uma cruzada? O assunto deve ter surpreendido alguns dos assistentes: sendo quase permanente a luta armada e fratricida entre os protestantes e os católicos desta terra. Mas bem depressa, Francisco define o sentido da sua reconquista: «É pela caridade que é preciso abalar os muros de Genebra, pela caridade que é preciso invadir, pela caridade que é preciso recuperar... não vos proponho nem o ferro, nem este pó cujo odor e sabor recordam a fornalha do inferno... É pela fome e a sede suportadas, não pelos nossos adversários, mas por nós mesmos que devemos repelir o inimigo. É pela oração que nós os expulsaremos; com efeito *este género de demónios*, como sabeis, *não pode ser expulsado senão pela oração e o jejum*. Quereis um método fácil para tomar uma cidade de assalto?».

E Francisco tira da Escritura o seu exemplo: Holofernes assaltando Betúlia ocupa o aqueduto e manda guardar todas as fontes que matavam a sede à cidade. Assim há que fazer com Genebra: «Há um aqueduto que alimenta e reanima por assim dizer toda a raça dos hereges: são os exemplos dos padres perversos, as ações,

11 Esta peça muito notável é conservada na Biblioteca pública de Genebra; só foi publicada em 1891, ao cuidado da Académie Salésienne. Cf. *Œuvres*, T. VII, pp. 99 sqq.

as palavras, em suma, a iniquidade de todos, mas sobretudo dos eclesiásticos. É por causa de nós que *o nome* de Deus é *blasfemado todos os dias entre as nações*, e é com toda a razão que o Senhor se queixa disso tão amargamente pelos seus Profetas. É esta *a água de contradição* que me parece matar a sede ardente dos hereges... É a nossa iniquidade que estes homens iníquos bebem, tal como está escrito: eles bebem *a iniquidade como a água*... Dado que é assim, meus companheiros de armas, dado que eles veem as ações dos outros e não as suas, interrompamos o curso desta água, peço-vos».

Os pacíficos dos cónegos ficaram muito surpreendidos de ouvir atribuir-se epítetos tão guerreiros. Impiedoso, o vigário-geral continua a sua arenga: ei-lo agora a evocar o exílio de Israel: «Deixar-nos-ia insensíveis, esta dor que nós deveríamos sentir acerca de um exílio tanto mais pesado e menos honroso, de que os pecados de todos nós prolongam a duração? Os Israelitas sentaram-se *nas margens dos rios de Babilónia*, e choraram ao recordar-se *de Sião*. Que faremos nós então, cónegos de Genebra? Não somos nós exilados e *peregrinos numa terra estrangeira*, aquela em que habitamos e pisamos com os nossos pés? Sentemo-nos então nestas *margens dos rios de Babilónia*, isto é, da confusão, dos pecados; choremos ao recordar-nos desta Sião genebrina, outrora tão gloriosa com os troféus, e hoje, pelos crimes da nossa época e dos nossos antepassados, esmagada sob a mais vergonhosa servitude da heresia».

Um último apelo, em que se resume toda a exortação do vigário-geral: «Numa palavra, pois há que terminar este discurso, devemos viver de acordo com a regra cristã, de tal sorte que sejamos cónegos, quer dizer regulares, e *filhos de Deus*, não somente *de nome*, mas também *de facto*».

Convido aqueles que julgam Francisco de Sales demasiado «idealista», a reler integralmente este texto (outros não são de modo algum menos épicos): estes pensamentos, estas diretivas, este tom, depressa nos revelaram o verdadeiro Francisco de Sales, quer dizer, o padre de Jesus Cristo em luta contra o pecado do mundo, e con-



Retrato de Francisco de Sales datado de 1618
(Visitação de Moncalieri).

vencido de que pode triunfar dele pela oração, pela penitência e, acima de tudo, pela caridade.

O jovem vigário-geral não se contenta com pregar por belas palavras: ele age e dá exemplo. Não obstante as pressões dos seus familiares, dos seus, obstina-se em recusar «o estado de senador, ao qual havia sido promovido por Sua Alteza Sereníssima». Se ele recusa tomar assento no Senado, pelo contrário é assíduo aos ofícios do capítulo: «É uma máxima, responde ele um dia a Mons. de Granier, preferir as ações comunitárias às particulares: Deus está ali onde se está reunido em seu nome». Atendo-se à letra do seu cargo, o vigário-geral poderia contentar-se com fazer respeitar a disciplina canonical: mas não é assim que Francisco entende o seu sacerdócio: falando deste tempo, Madre de Chantal refere: «Todos sabem que ele dizia a santa Missa e que ele assistia todos os dias aos ofícios divinos, confessava e pregava excelentemente com muita frequência a palavra de Deus; e desde então... era visto como um homem de Deus».

Notemos este zelo do novo padre pelo ministério das confissões: será um dos traços constantes do seu apostolado. «Tendo uma autoridade especial do seu bispo (Mons. de Granier havia nomeado Francisco *penitenciário* da sua diocese), erigiu um tribunal para ouvir as confissões dos Penitentes na igreja Catedral, muito próximo da porta de entrada do lado do Evangelho, onde ele permanecia algumas vezes desde madrugada até ao meio-dia, rodeado de um grande número de fiéis de um e de outro sexo, e sem fazer distinção de pessoas».

Que este discurso não nos pareça exagerado: Francisco, mesmo quando for bispo, entregar-se-á sempre a este ministério das confissões, como a um dos mais importantes; confessará jovens e velhos, pobres e ricos, nobres e camponeses, são e doentes, robustos e débeis»; a sua mãe e o seu pai, eles próprios, dada a ocasião, recorreram a ele. Gosta de prestar serviço aos outros padres da diocese, recusa de resto qualquer dinheiro por estes ministérios,

embora os seus rendimentos sejam muito escassos, tendo a vigaria sido espoliada de todos os seus bens pelos hereges de Genebra; pelo contrário, ele encontra maneira de dar esmolas, e de as «dar às escondidas aos pobres envergonhados». Gosta de aliviar, consolar, reconciliar. Consultam-no cada vez mais sobre questões de direito ou de teologia.

Todo este zelo e todo este sucesso não deixavam por vezes de provocar alguma inveja ou alguma crítica: tentaram até colocar o bispo contra o seu vigário-geral. Mas pela sua paciência e humildade, Francisco vencia os seus opositores, e ao mal que lhe haviam feito, só respondia com o perdão. De resto, tem muitos amigos que o ajudam e o apoiam quando é caso disso: tal como o senador Antoine Favre, a quem chama, em correspondência *Frater suavissime, amantissime, dulcissime*, e com quem organiza na terça-feira de Pentecostes de 1594, na igreja de Aix onde se conserva uma parcela da verdadeira Cruz, a peregrinação comum da confraria dos Penitentes de Annecy e da confraria, recentemente ereta por Antoine Favre, dos Penitentes de Chambéry.



4. O APÓSTOLO DO CHABLAIS: O TEMPO DAS SEMENTEIRAS

A escolha do Vigário-Geral

Dá-se então na vida de Francisco uma mudança considerável. Este vigário-geral dos cônegos de Genebra, que parecia votado a uma vida laboriosa certamente, mas sem perigo, e facilmente brilhante, vai tornar-se por quatro anos um missionário pobre, ameaçado, necessitado, que se poderá comparar a Francisco Xavier, e mesmo a S. Paulo. Terá, ele em primeiro lugar, de conduzir este assalto, senão contra Genebra, pelo menos contra ministros protestantes inspirados em Genebra, que ele havia anunciado no seu discurso da tomada de posse: ameaças, insultos, contradições, fracassos, abandonos, nada lhe será poupado. Na existência de Francisco de Sales, não há talvez época em que ele pareça maior...

Trata-se daquilo a que os historiadores do santo chamam a *Missão do Chablais*.

O Chablais, este pequeno território com uma dezena de léguas de comprimento e cinco de largura, contornado a norte pelo lago Lemano e a sul pelos montes de Faucigny. Em 1594, o duque de Saboia Carlos Manuel vem recuperá-lo; faz parte do território sob jurisdição do bispo de Genebra, Mons. de Granier. Mas a sua situação religiosa não é nada animadora para o bispo: das vinte e cinco mil almas que o povoam, resta apenas uma centena de católicos; todo o resto passou, de livre vontade ou à força, para o protestantismo.

Como é que as coisas chegaram a tal ponto de degradação? Seria demasiado longo de explicar em pormenor em que vicissitudes viveu esta região depois da chegada do protestantismo a Genebra.

Citemos apenas um fragmento da carta de «informações» que Francisco escreveu de Thonon, a 19 de fevereiro de 1596, ao núncio apostólico em Turim, Monsenhor Giulio-Cesare Riccardi: «Uma parte desta diocese de Genebra (trata-se do Chablais) foi invadida pelos Bernenses, há sessenta anos, e ficou herética; mas, nestes anos passados, esta região, pela força das armas, ficou de novo sob o domínio de Sua Alteza e foi reunida ao seu antigo património. Bom número de habitantes, mais impressionados com o estrondo dos arcabuzes do que com as pregações que lhes eram feitas por ordem do senhor bispo, voltaram à fé e reentraram no seio da nossa mãe a Santa Igreja; mas depois, tendo estas regiões sido infestadas pelas incursões dos Genebreses e dos Franceses, o povo caiu de novo no seu lamaçal».

Os anos durante os quais Francisco vai trabalhar no duro na conversão desta região dilacerada são marcados por dois acontecimentos importantes: a abjuração de Henri de Navarre, a 25 de julho de 1593, que permitiu ao duque Carlos Manuel recuperar o Chablais e enfraqueceu, mas sem a anular (todos temiam que os Genebreses voltassem a ser senhores da região), a pressão do protestantismo sobre as almas; e o tratado de Vervins em 1598, que parecia reconciliar a França e a Espanha e trazer uma promessa de paz, ainda que o diferendo entre a França e a Saboia nele não fosse completamente liquidado. São, portanto, para os habitantes anos de incerteza política, e por consequência, – porque tal é a infelicidade do tempo – anos de hesitação religiosa. São também anos de despesas muito pesadas para o duque Carlos Manuel que, sinceramente desejoso, por razão de Estado como por convicção religiosa, de ver Francisco ter sucesso na conversão do Chablais, não poderá fornecer-lhe a ajuda financeira que a restauração das paróquias e a criação de obras e, nomeadamente, de colégios para a juventude, exigiriam. Estas circunstâncias vão conferir à missão do Chablais – que poderia ser um empreendimento muito colorido de política – um carácter incontestavelmente evangélico: é na pobreza, no

esforço, na penitência, nas contradições, que Francisco trabalhará muito tempo na reconquista espiritual desta região.

Mas como é então que Francisco foi escolhido para este duro e perigoso ministério? O duque, desde o fim de 1589, havia pedido a Mons. de Granier que nomeasse párocos nas cerca de cinquenta antigas paróquias do Chablais: um ano mais tarde, em fevereiro de 1591, estes cinquenta padres haviam sido de novo expulsos pelos calvinistas; e o mais claro resultado dos seus trabalhos havia sido comprovar que o meio tentado não era certamente o melhor. Mais valia enviar para lá, ao menos para começar, somente dois ou três padres, mas padres de grande ciência e profundamente religiosos: «Este grande prelado (Mons. de Granier), narra candidamente Charles-Auguste de Sales, olhou para todos os lados a fim de ver aqueles que seriam capazes de lançar a semente da palavra de Deus nestas terras. Quase todos se mantinham escondidos, pelo terror que os perigos lançavam nos seus corações. Ele havia verdadeiramente lançado os olhos em primeiro lugar para o seu filho, o senhor vigário-geral Francisco de Sales; mas por certas considerações que ele alimentava em si mesmo, não ousava fazer-lhe a proposta». Teve então a ideia de convocar o seu clero em assembleia, e de solicitar voluntários: «O magnânimo Francisco, havendo sido chamado à assembleia do clero reunida para este efeito, e vendo que ninguém dizia palavra, levantou-se corajosamente da sua cadeira e disse: «Monsenhor, se V. Ex^a. julgar que eu sou capaz e que mo pede, estou inteiramente pronto a obedecer e irei de bom grado». Não é possível dizer quanto o bom bispo ficou contente com esta oferta. E replicou que não somente o julgava muito capaz, mas sobretudo que isso lhe parecia o melhor expediente».

A cena é bela, e muito conforme ao temperamento e à graça de Francisco. Mas talvez esta narração não sublinhe devidamente um matiz que em nada diminui a generosidade do vigário-geral, – bem pelo contrário – e que ele mesmo indica no seu relatório de 19 de fevereiro de 1596 ao núncio Riccardi: «Querendo Sua Alteza Sere-

níssima, de um lado, e o nosso Reverendíssimo Senhor Bispo, do outro, remediar este mal, venho aqui por ordem do meu dito Reverendíssimo Bispo, não como médico capaz de curar tanta enfermidade, mas antes como explorador e como precursor, a fim de examinar os meios a utilizar para prover a região de remédios e de médicos».

Em suma, mais um precursor, encarregado de preparar a missão, do que um missionário propriamente dito; e compreende-se melhor a palavra de Mons. de Granier, tal como a refere Charles-Auguste: «A estas palavras (Monsenhor) juntou um agradecimento, com que (Francisco) queria socorrer a sua velhice, dado que a verdade era tal que todo o peso devia cair sobre os seus ombros enquanto ele tivesse força bastante para o suportar». Foi, portanto, na qualidade de suplente do bispo que Francisco partiria. Tal não diminui em nada o seu mérito: a missão de precursor em tais circunstâncias é já muito perigosa: ele deverá, em Thonon, a capital do Chablais, trabalhar sob a proteção dos soldados católicos do Barão de Hermance que estão de guarnição no castelo des Allinges. De resto, o apostólico Francisco não se contentaria com jogar aos inquiridores ou aos diplomatas: o mensageiro, como o indica admiravelmente o relatório de 19 de fevereiro de 1596 ao Núncio, far-se-á desde o início missionário...

«Logo que o servo de Deus preparou o que lhe era necessário para esta expedição apostólica, isto é, livros, mas, além da sagrada Bíblia e *As Controvérsias* do cardeal Roberto Bellarmino, muito poucos mais. Levou consigo o seu muito querido primo, Louis de Sales, cónego, homem de um espírito muito claro e muito afável e que já havia dado grandes provas da sua capacidade em matérias de teologia, para a pregação da palavra de Deus.

Além disso, recomendou este assunto aos sacrifícios dos seus confrades cónegos, dos outros bons eclesiásticos e religiosos da diocese.» Mesmo tendo em conta a parte edificante que é usual neste género de biografias, compreende-se, através destas palavras

de Charles-Auguste, a atitude de alma de Francisco e de Louis, partindo para o Chablais.

Um incidente vai, de resto, dar ocasião a Francisco de exprimir mais claramente os seus sentimentos íntimos. Não ignorava que a sua empresa encontraria da parte de seu pai a mais feroz oposição... Passando por Sales, decidiu fazer ali uma paragem a fim de «receber (a sua) ordem. Mas certamente o senhor de Sales não lhe ordenava outra coisa senão ficar». Os argumentos do velho gentil-homem eram cheios de sabedoria humana e de prudência política. Francisco teve de enfrentar uma terrível tempestade. «Apoiando-se só em Deus e na obediência», diz a Madre de Chantal, mantém-se firme. «Meu pai, responde ele, Deus proverá; é Ele que ajuda os fortes: basta ter coragem; nós não temos problemas com bárbaros. Além de que não somos ali totalmente desconhecidos (esta confissão de Francisco não é de negligenciar, para compreender a escolha que se fez dele para esta missão), não vamos lá para saquear, nem para devastar; queremos atacá-los só com armas espirituais. Eles não farão mal aos nossos corpos. E Deus, segundo a sua promessa, dará uma grande virtude às nossas palavras, para pregar a verdade do seu Evangelho. E que seria se nos enviassem para as Índias ou para a Inglaterra, não haveria que ir? Certamente, seria uma viagem bem desejável, e a morte que nós sofreríamos por Jesus Cristo valeria mais que mil vitórias. De resto, é esta a vontade de Sua Alteza Sereníssima, é esta a ordem e a missão de Monsenhor Reverendíssimo, nada mais há a contestar. É uma tarefa laboriosa, é verdade, e ninguém o negará; mas porque usamos nós estas vestes, se não queremos a sua responsabilidade?»

O Senhor de Boisy hesitou e, para não assistir à despedida de seu filho, retirou-se para o castelo de la Thuile, donde todavia enviou cartas a certos amigos do Chablais, a fim de que cuidassem da vida de seu filho e de seu sobrinho.

Na terça-feira 14 de setembro, festa da Exaltação da Santa Cruz, Francisco e Louis continuaram a sua viagem. Depressa chegaram

a Saint-Cergues e descobriram a planície magnífica do Chablais. Apressaram-se em direção a esta fortaleza dos Allinges «assente numa montanha redonda», a fim de se apresentarem primeiro ao senhor governador, o barão de Hermance. Chegaram lá ao crepúsculo. O barão «recebeu na fortaleza os dois novos apóstolos... Deste lugar elevado, via-se a miserável face desta província».

Com efeito, esta província é de um pitoresco admirável; mas nesse momento, ao contemplá-la, Francisco tinha mais preocupações do que admirar a paisagem: ao atravessar a região, os dois missionários haviam já podido aperceber-se em parte da ruína do catolicismo. «*Eu falo, portanto, do que vi e, por assim dizer, do que as minhas mãos tocaram*, escreverá um dia Francisco ao papa Clemente VIII; e sou o último dos homens, se disser o contrário da verdade, o mais desconsiderado, se não a conhecer. Acabados de entrar nestes territórios, um espetáculo entristecedor se ofereceu por toda a parte aos nossos olhos. Tínhamos diante de nós sessenta e quatro paróquias; ora, excluindo os oficiais católicos do duque que nunca quis ter outros, não se encontraria uma centena de fiéis numa população de vários milhares de almas. Templos, na maior parte destruídos ou espoliados; mais, absolutamente sem qualquer cruz, sem altares, mas por todo o lado os vestígios da antiga e verdadeira fé aniquilados. Por toda parte ministros, como são designados, quer dizer, mestres de heresia, pervertendo as famílias, insinuando a sua doutrina, invadindo os púlpitos, *em vista de um lucro vergonhoso*. Os Bernenses, os Genebrenses e outros semelhantes filhos *de perdição*, aterrorizam o povo, por meio dos seus emissários, para os desviar das nossas pregações. As tréguas, dizem eles, são apenas uma pausa; a paz não está de forma alguma conseguida; dentro em breve expulsaremos pelas armas duque e padres, e o nosso partido, desafiando qualquer insulto, ficará o único vencedor».



Os restos da fortaleza dos Allinges.

A resistência dos habitantes de Thonon

Tal é a situação. E Francisco procura informar-se junto «do barão de Hermance, dos meios e da maneira de começar o trabalho». É em Thonon, evidentemente, que há que tomar contacto com os protestantes, não há mais que uma quinzena de católicos, mas entre eles o procurador fiscal Claude Marin, muito devotado ao duque, o juiz mago Claude d'Orlier, e alguns amigos do Senhor de Boisy, como Charles Vidomne, senhor de Charmoisy. Francisco fala já de ali celebrar missa. O barão de Hermance «não achou que fosse ainda o momento de instituir a celebração da missa em Thonon, nem noutra sítio, dado que, de noite, não havia segurança em lado nenhum senão na fortaleza; se bem que, disse ele, nestes inícios, poder-se-ia encontrar maneira de pregar em Thonon»... Francisco seguiu o conselho do barão, e tomou alojamento no castelo.

Na sexta-feira 16 de setembro de 1594, o pequeno punhado de católicos reuniu-se com os dois missionários, na casa do procurador Claude Marin.

No domingo 18, havendo apresentado devidamente ao primeiro síndico de Thonon, Pierre Fornier, as cartas do duque, que autorizavam a missão, Francisco marcou encontro com as suas novas ovelhas na antiga igreja de Santo Hipólito, depois de terminada a celebração calvinista. Assim aconteceu: havendo o ministro Viret terminado a sua pregação, Francisco entrava na igreja, seguido «dos ajudantes ducais e de alguns católicos»¹², e fazia a este modesto auditório um sermão, fortemente sustentado por citações da Escritura, *sobre a missão dos pastores da Igreja*.

Desde então os nossos dois missionários nunca mais interromperão o seu trabalho: Louis encarregando-se sobretudo da região dos Allinges, e Francisco mantendo-se no centro do perigo, em Thonon. Uma carta de Francisco ao senador Favre, datada muito

12 Nota no verso da cópia do autógrafo. Cf. *Œuvres*, T. VII, p. 202.

provavelmente de 4 ou 5 de outubro, informa-nos sobre estas primeiras semanas. Confessa que «a nuvem na qual comanda sem dúvida o príncipe das trevas» lhe «parece sombria», e ainda que ela «obscorece cada vez mais os espíritos destes homens».

Após o sermão de 18 de setembro, as coisas pareciam melhorar ligeiramente: «O governador com alguns outros católicos nada descurou, para atrair, por secretas persuasões, os camponeses dos arredores e os burgueses de Evian aos nossos sermões, e para fazer avançar, com um zelo ardente e esclarecido, os assuntos da religião». Mas bem depressa, os hereges reagiram: «Os principais de Thonon, havendo reunido o seu conselho (este conselho realizou-se no domingo 2 de outubro), juraram, por uma soberana perfídia, que nem eles, nem o povo, nunca assistiriam às pregações católicas... Aquilo foi, pelo que me disseram, anteontem, nos paços do concelho, e vários deles haviam já tomado esta resolução, na assembleia *dos ímpios*, a que eles chamam o seu consistório... Eles queriam seguramente fazer-nos perder a esperança de levar os nossos projetos a bom termo e, portanto, obrigar-nos a retirar-nos».

Era conhecer muito mal Francisco de Sales! «Não será assim; porque enquanto nos for permitido pelas tréguas e pela vontade do príncipe, tanto eclesiástico como secular, estamos absolutamente decididos a trabalhar sem descanso nesta obra, a não deixar uma pedra por mexer, a *suplicar*, a *retomar com toda a paciência e a ciência* que Deus nos der. Eu sustento a quem quiser discutir comigo sobre este assunto, que não somente as pregações são necessárias, mas também que é necessário restabelecer a celebração do Santo Sacrifício o mais depressa que se puder, a fim de que *o homem inimigo* veja que pelos seus artifícios nos dá coragem em vez de no-la tirar». E Francisco acrescenta esta frase que em poucas palavras diz muito sobre a mistura, nestes assuntos, da política e da religião: «Mas nisto é preciso usar de uma grande prudência na expectativa desta condição, a saber: se a paz temporária de que nós gozamos for duradoura».

Tudo se conjuga, neste inverno de 1594-1595, para desanimar Francisco: o rigor de uma estação que foi particularmente rude, a oposição dos ministros protestantes que se mostra eficaz sobre o povo, as negociações que decorrem em Annecy em torno do bispo para que ele o chame: «Espero, notifica-lhe Antoine Favre a 31 de outubro, que os meus mensageiros não terão que vos entregar as minhas cartas nessa solidão em que viveis, mas nesta cidade onde em breve, prevejo eu, vos chamarão não somente o desejo de um pai muito atento, mas também as ordens de um bispo muito afetuoso. Porque entre eles, na minha presença, tratou-se de vos chamar e de vos dar um sucessor».

A isto se juntavam «mil injúrias e mil zombarias», para falar como um dos seus biógrafos; chamavam-lhe «hipócrita, idólatra, falso profeta», acusavam-no de magia e de feitiçaria. «Faziam-lhe emboscadas», «subornavam facínoras que procuravam dar-lhe a morte». Atenhamo-nos a um facto certo e claro: é um fragmento de carta de 27 de novembro de 1594 que nos informa: «Deus faz-me aqui emprender um trabalho digno só da virtude da sua direita. Começo hoje a pregar o Advento a quatro ou cinco pessoas simples; todo o resto ignora maliciosamente o que quer dizer Advento; e este tempo tão augusto na Igreja torna-se objeto de opróbrio e de ridículo entre os infiéis».

Mas estas dificuldades não desanimam o nosso missionário: «A oração, a esmola e o jejum são as três partes que constituem *o cordão dificilmente quebrado* pelo inimigo; vamos, com a divina graça, tentar ligar com ele o adversário». A oração, a esmola, o jejum... «Ia para o meio da neve, com mau tempo, a pé, a não ser que o tempo estivesse tão mau que o fizessem ir a cavalo, referem-nos Madre de Chantal; e ouvi-lhe dizer a ele mesmo e ao falecido senhor Louis de Sales, mesmo a ambos como penso, que ao regressar de (Thonon) este Bem-aventurado ia a outras aldeias pregar, confessar e fazer o que era necessário para o bem e o progresso da alma. Estas viagens não se faziam sem perigo...». As coisas che-

garam a tal ponto que o barão de Hermance propôs a Francisco dar-lhe uma guarda armada – o que este recusou com horror – e que ele teve de o fazer acompanhar secretamente e de longe por alguns soldados...

Mudança de estratégia: as Controvérsias

Aparentemente, é o insucesso. Ao fim de quatro meses de pregação, Francisco teve de constatar que os seus progressos são nulos. Vai tentar outro método de conquista: dado que não querem escutá-lo, vai escrever. As suas provas, os seus argumentos, as suas refutações, será em casa que os protestantes terão conhecimento deles: lê-los-ão, relê-los-ão à vontade, discuti-los-ão ou meditá-los-ão livremente. Simples folhas volantes, mensagens redigidas em pleno combate, ao longo dos raros tempos livres arrancados aos compromissos e às tarefas quotidianas, para os quais, todavia, Francisco se fixou um plano geral, e com que sonha, segundo parece, desde o princípio fazer algum dia um livro. Desde a primeira edição, designa-se este conjunto sob o nome de *Controvérsias*, assim faremos nós: mas não sem lamentar que se tenha abandonado o nome de *Meditações*, ou este, mais expressivo ainda, de *Memorial*, que o próprio Francisco atribui a estes escritos.

Acreditando nele, a ideia deste método foi-lhe inspirada por «um gentil-homem sério e judicioso». A sua «Epístola aos Senhores de Thonon» pela qual anuncia o seu desígnio, está datada de 25 de janeiro, «dia da conversão de S. Paulo»; mas, nesta data, ele já se pôs ao trabalho. Em fins de janeiro, pede desculpa ao seu amigo Antoine Favre do seu atraso epistolar: «Eu esperava, meu irmão, enviar-vos parte do nosso trabalho; mas, mudando de opinião, resolvi aguardar que ele formasse, por assim dizer, um corpo, mais do que enviar-vo-lo peça a peça. Além disso, sou tão pouco dili-

gente que, dividido entre diversas outras ocupações, nem sequer comecei bem a sério... Revolvo no meu espírito *Meditações* sobre as mudanças dos hereges do nosso tempo».

Um pouco mais tarde, sem dúvida lá por meados de fevereiro de 1595, escreve mesmo: «Desejais ver as primeiras páginas da minha obra contra os hereges: também o desejo muito, e não levarei os meus estandartes para as fileiras do inimigo com todo o ardor que esta causa merece, antes que tenhais aprovado o meu desígnio, o plano de batalha e a tática adotada. Mas sinto a dificuldade da empresa, e mais ainda, faltam-me as tropas auxiliares de que preciso: quero dizer, os livros necessários a um homem que não guarda na memória senão uma pequena bagagem de conhecimentos. Todavia, comecei e comecei de tal maneira que será um pouco mais difícil do que eu pensava levar a bom termo a meu projeto...



Os Allinges, capela onde celebrava Francisco de Sales.

Logo que seja possível fazer-se, vereis alguma coisa do meu trabalho».

Ao mesmo tempo, anuncia ao seu amigo uma decisão importante: «Vou passar em Thonon o resto da quaresma: é o que me parece melhor». O melhor? Para a redação das suas controvérsias, certamente, poderá dispor ali de algumas bibliotecas de amigos; para alegria e coragem dos católicos também; e até para certos calvinistas que querem consultá-lo em segredo. Mas que temeridade! Humanamente, o seu gesto é imprudente, e terá ainda durante algum tempo de esconder o lugar do seu retiro.

A 7 de março, anuncia a Antoine Favre: «Por fim, desci a Thonon; que o inimigo espere uma discussão muito excitada pelo aborrecimento do atraso. Atacado das alturas longínquas da minha cidadela, desprezou condições justas; agora, lançar-lhe-ei o último assalto». O trabalho superabunda: «Pregações mais numerosas impedem-me de dar às nossas *Meditações* contra os hereges toda a atenção que seria necessário». Mas eis que talvez lhe vá chegar ajuda: o célebre capuchinho, o padre Chérubin de Maurienne. «Pois que venha então!».

Francisco ainda não ousa celebrar a santa missa em Thonon: todas as manhãs vai à capela de Saint-Etienne da aldeia de Marin, na outra margem do Dranse. Tudo isto não era isento de grande perigo: um dia Francisco e três companheiros, um deles servidor do Senhor de Boisy que ali se encontrava, Georges Rolland, foram assaltados na estrada dos Allinges por dois homens armados. Graças à calma de Francisco, o incidente terminou sem efusão de sangue, e até com um perdão. Mas Rolland correu de imediato ao castelo de Thorens a contar a aventura; o Senhor de Boisy ordenou a seu filho que regressasse a Annecy, e eis a carta que recebeu em meados de março de 1595: «Senhor meu honradíssimo pai, se Rolland fosse vosso filho tal como é vosso criado, não teria a cobardia de recuar por um tão pequeno choque como aquele em que se encontrou, e não faria dele o ruído de uma grande batalha. Ninguém pode

duvidar da má vontade dos nossos adversários; mas também nos ofendem quando duvidam da nossa coragem. Pela graça de Deus, nós sabemos que *aquele que perseverar será salvo...* Suplico-vos, portanto, meu pai, que não atribuais a minha perseverança à desobediência...».

Assim escreve ao Senhor de Boisy, mas, quando desabafa livremente do fundo da alma, as suas confidências assumem outro tom. Neste início de abril de 1595, escreve a monsenhor de Granier: «Se deseja saber, como é conveniente que saiba, o que fizemos e o que fazemos agora, encontrará tudo nas epístolas de S. Paulo: caminhamos, mas à maneira de um doente que depois de haver estado muito tempo de cama, perdeu o andar e, no seu débil estado de saúde, não sabe se está mais são do que doente...».

Com o padre Possevino, seu antigo diretor de consciência, a sua confidência torna-se ainda mais íntima: «Tenho aqui alguns familiares e outros que me respeitam por certas razões particulares que não posso dizer a outras pessoas; e é o que me mantém empenhado no trabalho. Andaria muito desgostoso nisso, se não fosse a esperança que eu tenho de melhor; além disso, sei bem que o moleiro não perde tempo quando pica a sua mó. Igualmente seria muito triste que outro utilizasse aqui a sua pena para nada, que poderia produzir mais fruto noutra sítio do que eu, que ainda não sou nada bom para pregar senão às muralhas, como faço nesta cidade».

Por fim, um primeiro sucesso vem recompensar a perseverança de Francisco: o célebre advogado e jurisconsulto Pierre Poncet, abjurava do calvinismo: houve grande regozijo entre os católicos e Francisco recebeu muitas congratulações com esta conversão; com efeito, a personagem era «de grande estima... e tinha muito crédito».

Por volta da festa da Ascensão, Francisco – talvez para descansar um pouco – voltou a Thorens. Passou uma semana no castelo de Sales; depois desceu de novo a Annecy. Durante as festas de Pentecostes que, naquele ano, caía a 16 de maio, pregou vários sermões.

No sábado 25 de maio – Dia do Corpo de Deus – Francisco foi favorecido com uma graça extraordinária: «Às três horas da manhã, enquanto meditava profundamente no santíssimo e augustíssimo sacramento da Eucaristia, narram pouco mais ou menos com as mesmas palavras Charles-Auguste de Sales e o padre de la Rivière, sentiu-se arrebatado por uma tão grande abundância de suavidade pelo Espírito Santo... que, deixando-se o seu coração levar por tantas delícias, ele se viu forçado a lançar-se por terra e a gritar: Senhor, retende as ondas da vossa graça; retirai-vos de mim que já não posso conter a grandeza da vossa doçura, com a qual sou obrigado a prostrar-me».

E Charles-Auguste acrescenta: «Assim inundado desta torrente de delícias, foi celebrar a santa missa; de lá, subiu ao púlpito e pregou com uma tão grande eficácia de palavras e com tanto ardor, que parecia brilhar de toda a face, tão inflamado estava pelos divinos abrasamentos do amor celeste.

Deus com os seus favores sustentava a alma do seu missionário. Com efeito chegava a hora de voltar ao Chablais. No princípio de junho, Francisco fez uma paragem no castelo de Sales e teve a mágoa de reencontrar intacta a oposição paterna; como o seu cargo de vigário-geral não lhe dava qualquer rendimento, e o seu pai lhe recusava qualquer ajuda, voltava para Thonon sem nada. O duque Carlos Manuel não lhe manifestava nenhum apoio nem lhe concedia qualquer ajuda. Só a sua fé em Deus o sustentava no seu empreendimento... Em Thonon, encontrou de novo o seu pequeno rebanho fiel, violentamente fustigado pelos calvinistas que, devido à ausência de Francisco e não obstante a presença de Louis de Sales, havia redobrado a audácia.

Apesar de tudo, retomou corajosamente o trabalho. E estes meses de verão foram sem dúvida consagrados, em larga medida, às Controvérsias. Parece, por exemplo, que se pode datar de 29 de junho, festa de S. Pedro e de S. Paulo, a folha «*Da unidade da Igreja. A verdadeira Igreja deve ser una no seu chefe*» e que a folha «*Da prof-*

anação das Escrituras pela facilidade com que eles pretendem estar na inteligência da Escritura» haja sido redigida em 4 de outubro¹³.

Escrevendo em 21 de julho a Pedro Canísio, o teólogo jesuíta que Inácio de Loyola havia enviado ao Concílio de Trento e que havia nomeado primeiro provincial da Alemanha, Francisco diz-lhe: «Há nove meses que estou no meio dos hereges e, por muito vasta que seja a messe, só pude colocar oito espigas na arca do Senhor... No número destes convertidos encontra-se um certo Pierre Poncet, jurisconsulto muito erudito e, no que concerne à heresia, muito mais sábio do que o ministro calvinista do lugar. Vendo nas conversas familiares que o testemunho da antiguidade tinha impacto sobre ele, emprestei-lhe o seu *Catecismo* que contém os ensinamentos dos Padres... Esta leitura tirou-o do erro e reconduziu-o à via trilhada que conduz à Igreja. Por fim voltou, pelo que nós, um e outro, lhe estamos muito gratos».

Esta leitura apresenta um interesse considerável: Francisco vê-se confrontado com dificuldades teológicas, levantadas pelos calvinistas e que ele não pode resolver «mesmo com a ajuda das obras de Bellarmino; os livros necessários para isso faltam aqui; com efeito, aconteceu que eu só trouxe comigo um pequeno número deles que tratam das controvérsias do nosso tempo». Tendo tomado consciência de que não estava separado de Canísio «por assim dizer senão pelo lago Lemano», propõe-se escrever-lhe de vez em quando para lhe submeter certas questões «sobre as matérias teológicas e as dificuldades que elas apresentam, a fim de receber também por carta as suas soluções».

Vê-se – e só merece admiração – o cuidado que ele colocava na redação das suas folhas e como Francisco tomava a sério os argumentos dos huguenotes. Eram impressas? Parece que se deve acreditar nas Visitandinas que o afirmam, mais do que em

13 Cf. *Œuvres*, T. I, p. 90 : « *Évangile du jour d'huy* »; e na p. 194, alusão à festa de S. Francisco de Assis.

Dom Mackey que o nega: em todo o caso, todas as semanas uma nova folha «era distribuída nas casas de Thonon e nas do campo».

Neste mês de julho não se ocupou apenas de teologia. «Passei todo o mês, quer em peregrinação (*isto é, em missões apostólicas*), quer em voltas indispensáveis»¹⁴, escreve ele de Annecy, a 2 de agosto, a Antoine Favre. É fadiga? Excesso de trabalho? Sob a atitude sempre corajosa, trespassa um cansaço: «A seara de Thonon é um fardo que ultrapassa as minhas forças, mas decidi não a abandonar senão com o vosso consentimento, por ordem vossa. Todavia, continuo a preparar, por toda a sorte de expedientes e habilidades, novos operários para esta obra, e a buscar-lhes meios de subsistência. Não vejo maneira de isto acabar, nem qualquer saída no meio destas astúcias infinitas do inimigo do género humano».

Aqui uma confiança preciosa: «Fiquei atormentado e continuo a estar, meu irmão, ao ver que no meio de tantas catástrofes que ameaçam as nossas cabeças, nos resta apenas um momento para cultivar a devoção de que teríamos tão urgente necessidade. Precisamos, todavia, contando com a misericórdia de Nosso Senhor, de elevar os nossos corações a melhores esperanças... Regresso amanhã à minha Esparta».

De facto, as coisas «em Esparta» vão melhorar um pouco. A carta que Francisco escreve de Thonon, em 18 de setembro, a Antoine Favre, é uma obra-prima que, só por si, nos revelaria o ardor missionário, a fé, o coração daquele que a escreveu: «Eis que enfim, meu irmão, uma porta mais larga e mais bela se nos abre para entrar nesta seara de cristãos, porque ontem pouco faltou que M. d'Avully e os síndicos da cidade, como são designados, viessem abertamente à pregação, porque tinham ouvido dizer que eu devia

14 Entre as quais devemos contar a resolução de algumas disputas que o Bispo de Granier lhe confia. Cf., se forem autênticas, as cartas LV e LVI, *Œuvres*, T. XI, p. 148 e p. 151.

falar do augustíssimo sacramento do altar. Tinham tanta vontade de me ouvir na exposição da crença dos católicos e das suas provas referentes a este mistério, que não ousando vir publicamente, com receio de parecer esquecidos da lei que se impuseram, escutaram-me de um certo lugar onde não podiam ser vistos¹⁵, se porém a fraqueza da minha voz não pôs obstáculo a isso.

E Francisco estimulou mais esta curiosidade, prometendo que na pregação seguinte (ele) colocaria, pelas Escrituras, este dogma em luz mais clara do que a do meio-dia». É que ele quer a todo o custo obrigar os ministros a «descer à arena e a disputar» com ele. «É coisa garantida: dado que eles já aceitam discutir, em breve, segundo o provérbio, virão a capitular... Os habitantes de Thonon resolveram de comum acordo apresentar-nos por escrito a sua confissão de fé nos pontos em que ela difere da nossa, a fim de que nós possamos discuti-los em particular ou em conversas familiares ou por escrito».

Para Francisco, é a vitória da sua estratégia apostólica: estas discussões particulares com os «principais» do Chablais haviam-lhe parecido sempre a chave-mestra, a única evangélica, da sua ação. Seguro da sua fé, seguro da graça de Deus, iria a estes colóquios não como parceiro, mas já como vencedor. «Seguramente, estamos no bom caminho, dado que eles aceitam o combate pelo seu tenente, que as nossas tão pequenas forças os assustam, e que eles pensam em propor-nos condições. Para nós, tendo grande coragem pela graça de Deus, aguardamos com solicitude e com alegria esta luta que dá boa esperança».

Deste sermão de 17 de setembro, não possuímos, infelizmente, senão um sumário; todavia, quem quiser conhecer o coração apostólico de Francisco, deverá sempre ler o seu exórdio que está quase inteiramente redigido. É preciso ouvi-lo começar assim o seu discurso, depois de haver citado a passagem de Paulo aos Coríntios

15 Era, ao que parece, na tribuna do órgão que ouvintes huguenotes se camuflavam.

(1Cor 10,16): «Sobre esta questão tomada e feita noutra sentido completamente diferente e de maneira que ela não foi feita por este bem-aventurado Apóstolo, baseou-se esta grande Babilónia que nós vemos neste miserável século». Não dirá tudo o que poderia dizer sobre o assunto, mas o que lhe parecer «mais singular e mais tocante. A quem quiser apresentar-me dúvidas, seja por escrito ou de outra forma, ficarei muito grato, tomarei isso como especial favor, e procurarei em troca por troca dar a melhor resposta com toda a caridade e respeito».

E que adjuração aos Calvinistas que o escutam! «Adjuro-vos pela vossa salvação e pelo sangue do Senhor, que venhais ouvir as razões da Igreja Católica, a fim de que não se possa dizer de vós que a condenastes sem a ouvir. E deixai de lado toda a sorte de paixão humana nisto; não olheis à familiaridade que tendes num partido ou no outro, mas somente onde a Escritura, a razão e a verdadeira teologia palpitar. E conforme virdes, decidi-vos, deixando tudo, a esclarecer-vos para o bom partido». E Francisco grita: Ah! Senhor, estou aqui para o vosso serviço, *da mihi intellectum, ut sciam testimonia tua*».

Neste mesmo dia, 17 de setembro, o Papa Clemente VIII concedia finalmente ao rei Henrique IV a absolvição pontifícia. A notícia correu na Saboia tal como na França. Desde os primeiros dias de outubro, Francisco alegra-se numa carta a Antoine Favre: «Sei... que o Santo Padre teria enviado muito recentemente a Henrique IV a feliz mensagem: «Saúde e bênção apostólica ao Rei de França». Se assim for, que a paz reine pela força do Senhor! Auguro que esta paz seja tanto mais feliz, quanto a vejo mais desagradável para todos os hereges de Genebra».

O acontecimento terá certamente incidências consideráveis no apostolado de Francisco no Chablais: as pessoas destas regiões hesitarão menos em comprometer-se, e o próprio duque Carlos Manuel, vendo o futuro próximo sob um aspeto menos belicoso, manifestará de forma mais firme o apoio que deseja dar à ação de

Francisco. Entretanto, este acentua a sua pressão sobre os calvinistas do Chablais: «Eu pressiono agora mais estes Senhores de Thonon, escreve ele a Favre, e pressioná-los-ei ainda muito mais quando tiver levado a cabo, segundo a minha capacidade, a pequena obra que eu meditava desde há muito tempo, e que vós tendes aprovado o meu empreendimento».

A atividade de Francisco, neste fim de 1595, parece prodigiosa: calvinistas de notoriedade vêm encontrar-se e discutir com ele, entre os quais o senhor d'Avully, o advogado Claude de Prez. Começa a redigir, para o Código jurídico que Antoine Favre prepara (será o *Codex Fabrianus*), uma exposição das principais heresias contra as quais deverá exercer-se a vigilância do legislador: páginas vigorosas e ardentes, que estão entre as mais belas que Francisco escreveu, e serão incluídas na obra de Favre, sob o título primeiro: *De summa Trinitate et fide catholica*¹⁶. Para melhor confundir os hereges mergulha no estudo da *Institution de la Religion Chrétienne*, de Calvino, não sem humildemente, como um simples clérigo, haver solicitado de Roma a autorização.

Finalmente, em fins de 1595, Carlos Manuel avisa Francisco que lhe exponha «os meios... mais prementes para levar de facto a cabo o santo desejo que (Sua Alteza) tem de ver estes povos do Chablais reunidos à Igreja Católica»: Francisco rejubila com o convite tão aguardado e expõe ao duque, no dia 29 de dezembro, que apoios financeiros e morais ele deseja da sua autoridade. É preciso ler esta carta na ótica do tempo: a política mistura-se com a religião, infelizmente, tanto do lado católico como do lado protestante: o jurista Francisco sustenta visivelmente ainda o princípio tradicional do estado Católico: «Uma fé, uma lei, um rei»; e ouvimo-lo aqui a reclamar que «em caso de obstinação (sejam privados) de todos os ofícios de justiça e cargos públicos todos os que persistem no erro»;

16 É preciso ler em particular as páginas magníficas sobre o Santo Sacrifício da Missa, *Œuvres*, T. XXIII, pp. 99-100-

mas constado isto, encontrar-se-á nesta carta o coração apostólico do missionário, o seu otimismo teológico: a seus olhos, basta que a fé católica seja pregada e chegue aos ouvidos dos hereges: a graça fará o resto¹⁷. Ele conta antes de tudo com o restabelecimento dos párocos em todas as paróquias e com a liberdade de circulação dos missionários «por todos estes lugares conforme for necessário». Reivindica também que o povo seja convocado oficialmente para as exposições doutrinárias ou para as controvérsias que forem feitas: «Será, Monsenhor, uma doce violência que os constrangerá»; e, conhecendo as virtudes de seu amigo, o senador Favre, propõe que ele seja escolhido para exercer em nome do duque, esta autoridade. Solicita por fim os fundos necessários para que seja criado em Thonon um colégio de Jesuítas.

Com esta carta ao duque, há que confrontar outra que Francisco dirige a 19 de fevereiro de 1596 ao núncio Riccardi: expõe ao novo Núncio, com uma clareza admirável, a situação do Chablais, tal como ela se apresenta após dezoito meses de trabalhos: «Embora o medo dos hereges, nossos vizinhos, haja prejudicado grandemente o sucesso desta empresa, obtêm-se, todavia, alguns frutos pela conversão de várias pessoas entre as quais se encontram duas das mais versadas na heresia. Estamos agora, graças a esta notícia de uma paz próxima, na véspera de recolher o que semeámos até aqui».

A paz, com efeito, tardará a estabelecer-se. Mas Francisco tem razão: o tempo das sementeiras, o tempo heroico e missionário está praticamente terminado; o tempo das colheitas aproxima-se.

Era necessário deter-nos neste tempo das sementeiras. Nunca Francisco nos parecerá mais puramente «padre de Jesus Cristo», apóstolo à maneira de Paulo ou de Francisco Xavier. Está só, ou pouco mais ou menos só: mesmo quando o seu primo, o cónego Louis, está junto dele, é Francisco que leva o peso da missão. É

17 Cf. Joseph LECLERC, s.j., *Histoire de la tolérance au siècle de la Réforme* (Aubier, 1955, 2 tomes), passim ; voir au tables : « Assistance obligatoire au culte officiel ».



Thonon, mapa da cidade, incisão (de *Theatrum statuum regiae celsitudinis Sabaudiae ducis...*, pars II, Amsterdam, I. Blaeu, 1682).

pobre, privado de recursos e não tem com que prover às suas necessidades e às suas esmolas, senão algumas ofertas que sua mãe, sem seu pai saber, lhe faz chegar.

Está sem apoio humano: sem dúvida o barão de Hermance e a guarnição dos Allinges estão lá, prontos a protegê-lo em caso de perigo, mas Francisco recusa pregar o Evangelho protegido por espadas e alabardas. Quanto ao duque, depois de haver pedido que fosse inaugurada a missão, cala-se, não concede ao missionário nenhuma autentificação oficial, não lhe permite nenhum subsídio, ao passo que os protestantes do Chablais se sentem fortes com todo o apoio e toda a riqueza de Genebra e de Berna.

Lentamente, pacientemente, Francisco trabalha: a sua esperança está em Deus: reza, jejua, mortifica-se; a sua missa diária, celebrada nas condições que se sabe, é a sua grande reserva de força. Estes protestantes que o insultam, ameaçam ou, por vezes, assaltam, trata-os «com respeito e caridade»: sobretudo, toma-os a sério. Por eles, estuda, escreve, prega. Que haja cinco pessoas ou cem no auditório, que importa? É o Evangelho, é a Escritura, é a Igreja que é preciso apresentar na sua pureza, tornar amáveis e acessíveis. Pela palavra, sem dúvida; mas por toda a sua vida e por toda a sua fé: é preciso que o padre que ele é revele aos seus irmãos afastados o espírito e o coração de Jesus Cristo.

Um dia, o duque Carlos Manuel, apresentando Francisco ao cardeal de Médicis, dirá: «V. Ex^a vê um homem que plantou nesta província a cruz e a fé de Nosso Senhor»: nunca elogio mais verdadeiro terá sido feito a Francisco. Ele mesmo, de resto, nos seus anos difíceis, teve o gesto mais simbólico de todo este apostolado heroico: acusado de magia e de feitiçaria, ameaçado de morte, pôs-se a rir e, fazendo sobre si um grande sinal da cruz, disse: «Aqui está toda a minha marca e os meus encantos».



5. O APÓSTOLO DO CHABLAIS: O TEMPO DAS CEIFAS

As etapas do sucesso

Nestes primeiros meses de 1596, a vida apostólica de Francisco vai, portanto, conhecer algumas transformações. Segui-lo-emos mais em pormenor na sua existência movimentada e múltipla; mas insistiremos sobretudo nos traços da sua fisionomia espiritual.

Um facto importante, que não me parece poder ser posto em dúvida, porque figura em duas cartas cujo texto está inserido no primeiro Processo de canonização, permite-nos avaliar o apostolado de Francisco de Sales nesta época e de reconstituir o seu clima: na corte do duque e na Nunciatura e, sem dúvida, com a concordância do próprio bispo de Genebra, sonha-se com ele como coadjutor de Mons. de Granier. Francisco defende-se, com uma firmeza tão forte que lhe permitam os costumes protocolares: «Quanto à coadjutoria, todas as razões e a minha própria experiência me proíbem (sic) de a desejar; e o dever, a honra e o zelo que eu tenho para com Monsenhor o Reverendíssimo Bispo impedir-me-ão sempre de pensar no bispado enquanto Deus mo conceder por Prelado, e a minha incapacidade, quando Deus me privasse dele». Mas doravante a ideia anda no ar, e se a autoridade de Francisco cresce com isso, o seu apostolado pelo contrário, assumirá fatalmente um matiz político: o admirável é que até nessas relações oficiais, Francisco permanecerá, acima de tudo e sem desfalecer, o Padre de Jesus Cristo.

As etapas marcantes do apostolado de Francisco ao longo destas quatro etapas 1596-1600, podem definir-se assim. Houve primeiro a «disputa» pública, tão desejada e durante tanto tempo por Fran-

cisco, com o ministro Viret: disputa à qual Viret e os outros ministros do Chablais e da região de Vaud, que ele havia convocado como reforço, se esquivaram finalmente. Isto passava-se sem dúvida nos primeiros meses de 1596, e «muitas conversões aí tiveram o seu impulso».

Em 26 de agosto de 1596, o barão d'Avully abjura solenemente do Calvinismo, perante o núncio, em Turim: abjuração cuja repercussão foi imensa entre os Protestantes, e para a qual o próprio Papa Clemente VIII escreveu em 20 de setembro ao barão, mas que valeu ao convertido e a Francisco muitas calúnias. «Não deixarei de vos dizer, escreve Francisco a Mons. Riccardi, em 12 de dezembro de 1596, que o inimigo não cessa de dirigir contra este cavaleiro todos os assaltos possíveis, a fim de obscurecer o brilho que a sua conversão teve; suscita contra ele muitos ódios, tanto da parte dos hereges como dos católicos».

Neste ano de 1596, sente-se que «alguma coisa mexe» em Thonon e no Chablais: a 14 de novembro, Francisco escreve ao núncio, pressionando-o a obter do duque a autorização de começar o exercício do culto católico «pelo menos em três ou quatro localidades se, por causa do frio, não se puder fazer mais»... «É muito começar: se Cristo vem a nós como menino nestas festas de Natal, crescerá depois pouco a pouco até à perfeita plenitude da maturidade. E nisto, não há de qualquer modo nenhum perigo a correr, senão o de abandonar a empresa e de fugir de Belém, no caso de estas negociações de paz conduzirem a uma guerra; o que prejudicaria (os interesses da religião) não somente no Chablais, mas em vários outros lugares da diocese. Quem sabe se Deus não quer que a paz espiritual seja a preparação e o fundamento da temporal?».

É naquele fim de verão de 1596 que se situa uma das mais fortes audácias apostólicas de Francisco: comovido de ver a influência que exerce a conversão do senhor de Avully, Antoine de la Faye, «o

ambicioso, intrigante e muito medíocre La Faye»¹⁸, decidiu ir em pessoa a Thonon e mostrar ao senhor de Avully «mais claramente que o meio-dia, na presença do vigário-geral de Sales, como era vã a doutrina pela qual ele se havia deixado tirar à Religião Romana». Francisco aceita o desafio, mas «embora o senhor de Avully a tenha citado três, quatro vezes e com mais frequência», em vão se aguardou o ministro... Dado que La Faye recusava vir, Francisco decidiu ir encontrar-se com ele a Genebra. Levou consigo, além do barão, o seu primo Louis de Sales e um pequeno grupo de burgueses de Thonon, tanto católicos como calvinistas, e lá vai a pequeno exército a caminho de Genebra... «e vai diretamente, diz Charles-Auguste, a casa do ministro La Faye».

A disputa teve lugar, conforme o permitiam os usos do tempo, em público, na praça do Molard. Francisco saiu-se com vantagem. O duque Carlos Manuel, quando soube da temerária empresa e do sucesso de Francisco, sonhou de novo em elevá-lo à categoria de senador. Tratava-se mesmo disso, enquanto que, apesar das suas promessas, o duque não concedia ao missionário nem autorização oficial de restabelecer o culto católico em Thonon, nem dinheiro para instalar párocos nas paróquias que solicitavam o seu regresso, ou para manter missionários: que ele chame antes Francisco a Turim e lhe dê ocasião de expor a situação do Chablais!

Que carta enérgica aquela que Francisco escreveu ao núncio em setembro de 1596: «É o que me faz, cada vez mais, desejar ir eu mesmo a Turim a fim de obter uma declaração da concordância de Sua Alteza... Que se, como convém, se der prontamente ordens, regressarei seguro e certo de ver bem depressa amadurecer uma seara de vários milhares de almas; se, pelo contrário, não se derem, pedirei a vossa bênção e a permissão de abandonar esta empresa a outros mais capazes do que eu. Tenho o coração despedaçado por

18 Assim o julga o historiador protestante Paul GEISENDORFF na sua obra *Théodore de Bèze*, Genève, 1949, p. 397.

me ver sem condições de satisfazer paróquias inteiras que desejam ser saciadas da santa doutrina católica, sem ter meios de lhes enviar para tal efeito um número suficiente de pregadores e de pastores. Já não posso ficar aqui sozinho para me tornar a fábula dos nossos inimigos¹⁹ que, vendo que não dão mais nenhum padre, desprezam o meu ministério, do qual, todavia, eu devo estar cioso (zelozo) de todas as formas».

Não acusam Francisco de ambição? «Quanto aos caluniadores, espero que no fim se saberá, e Deus sabe, como sou livre de toda a ambição, e que, por estes poucos trabalhos, não procuro ser bem-visto pelos meus superiores, senão tanto quanto é necessário para cumprir esta missão e outras semelhantes». É a esta carta que será conveniente referir-se sempre quando se vir Francisco, forçado pelos costumes mesmos do tempo, a ocupar-se de assuntos políticos para o bem do seu ministério.

Ora, eis que por fim o duque se decide a convocar Francisco a Turim. Já o outono se instala nos Alpes e torna perigosas as viagens. Que importa? A ocasião é demasiado bela para ir lutar pela causa do Chablais lá onde ela pode ser ganha. Francisco parte a cavalo, acompanhado do seu fiel Georges Rolland, transpõe sem perigo o Grande S. Bernardo, e chega a Turim. O duque dispensou-lhe um acolhimento muito cordial e pareceu compreender maravilhosamente as dificuldades do Chablais: prometeu a Francisco o seu apoio oficial sob forma de cartas régias, concedeu-lhe, sobre os benefícios de Igreja detidos em razão dos tempos pelos cavaleiros de Saint-Maurice, a pensão de seis párocos, pediu-lhe que consignasse num relatório que enviaria ao núncio as principais reclamações da sua exposição. E é com o coração cheio de esperança que Francisco regressa, pelo Pequeno S. Bernardo e Annecy, até Thonon.

19 A expressão é de notar; exprime uma situação dolorosa e é recorrente na correspondência de Francisco, nesta época.

Mas a paz entre a Saboia e a França tarda a estabelecer-se, recomeça-se mesmo a falar de guerra: «Ouço não sei que anúncios de guerra que abalam as minhas esperanças», escreve Francisco; e, de facto, as cartas régias não chegam, como também as transferências provenientes dos cavaleiros de Saint-Maurice. Todavia o Natal aproxima-se e as promessas de conversão abundam. Cheio de zelo, Francisco decide-se a insistir uma vez mais: não obstante a oposição dos síndicos e as ameaças dos protestantes, erige um altar – um pobre altar de madeira – na igreja de S. Hipólito de Thonon, e prepara-se para aí celebrar a missa de Natal.

Houve muito falatório, tanto mais que ainda por cima, um ministro, Pierre Petit, pedia para «abraçar a fé» romana! Provisor e síndicos escrevem, cada qual por seu lado, ao duque. «Estando o Mensageiro em campo, o Servidor de Deus terminou inteiramente o que havia começado e preparou a igreja o melhor que lhe foi possível, segundo as incomodidades dos começos, com imagens, tapetes, velas e lâmpadas e, à meia-noite da Natividade de Nosso Senhor Jesus Cristo, celebrou o santíssimo sacrifício da missa diante dos seus filhos que choravam de alegria e de ternura, deu a comunhão a todos e, no fim da missa, do meio do altar explicou-lhes a história deste nascimento, com tão grandes transportes de amor, que inflamou os seus corações de vivos arroubos da dileção celeste para com o divino Pequerrucho, nascido para a redenção dos homens». Depois celebrou uma segunda missa ao amanhecer, e a terceira «sobre as nove e as dez horas».

Forçoso era que o duque tomasse claramente posição. A 7 de janeiro de 1597, chegava finalmente a carta que Francisco aguardava havia três anos: «Reverendo, querido, bem-amado e fiel. Em resposta à carta que escreveu, dizemos-lhe que achamos bem que tenha instalado um altar na igreja de S. Hipólito, como também as outras boas obras que, para louvor de Deus e extirpação das here-sias, V. Rev.^a aí vai exercitando; e desagrada-nos a oposição que aí se lhe tem movido, que, todavia, V. Rev.^a ultrapassou tal como Nos

escreve. Nisso continuará com a destreza e prudência que julgar conveniente, tendo escrito ao senhor de Lambert que fez muito bem em socorrer o ministro que se quer catolizar, tal como V. Rev.^a e ele nos escrevem».

Uma carta tão cordial de Sua Alteza colocava Francisco ao abrigo das calúnias e dos ataques dos síndicos; e embora os cavaleiros de Saint-Maurice se hajam atrasado muito dando desculpas variadas para lhe fornecer o dinheiro prometido para o restabelecimento das paróquias, ele continua o melhor possível a sua ação apostólica: no ano de 1597, reabre a paróquia dos Allinges, depois a de Cervans; a 4 de fevereiro, Pierre Fornier, conselheiro e antigo primeiro síndico de Thonon, abjura solenemente do calvinismo; a Quaresma é restabelecida em Thonon, sem negligenciar, com grande troça dos Protestantes, a cerimônia das Cinzas; na proximidade da Páscoa, Francisco está assoberbado de trabalhos, pregações, confissões: «Estas festas, comunica ele em 23 de abril de 1597 ao núncio Riccardi, os novos católicos cansaram-me com as suas confissões gerais; mas senti uma imensa consolação de os ver tão piedosos».

Enquanto trata com Roma, com o núncio, questões muito graves e recebe de Clemente VIII missões muito secretas e de muito alta importância, como reencontrar-se em Genebra com Théodore de Bèze. Com todo este ritmo, a sua saúde quebra: em março sentiu «uma ponta de febre e teve de tomar alguns cuidados: «Fui obrigado, escreve de Sales ao Núncio, a 11 de abril de 1597, a ausentar-me alguns dias a fim de assistir ao sínodo, pôr ordem em certas coisas, e prevenir uma doença que me ameaça há muito tempo. Mas esta ausência será curta e voltarei logo a retomar com mais ardor os meus trabalhos interrompidos».



Anney, confessionário de Francisco de Sales na igreja cathedral.

Mons. de Granier escolhe o seu sucessor

Regressou de facto a Thonon; mas, desde o fim de abril, retomava o caminho de Annecy: «Recebi a notícia de que Monsenhor, o nosso Reverendíssimo Bispo, estava muito doente e que, sentindo-se em perigo de morte, desejava ardentemente ver-me. Parti imediatamente». Adivinha-se porquê... Mons. de Granier queria fazer de Francisco seu coadjutor com direito de sucessão. Francisco «recusou em absoluto». É para outro lado totalmente diferente que se voltam os seus desejos: estando vacante a paróquia do Petit-Bornand solicita o seu título e os seus benefícios, a fim de ter «com que viver segundo a minha condição»; em contrapartida, oferece a sua demissão de vigário-geral, solicitando apenas um favor: o de «continuar a ser simples cônego, a fim de que vindo aqui, eu tenha um lugar no nosso coro; porque os ofícios se celebram aí com tanta dignidade que se encontra lá uma das maiores consolações».

Mas Mons. de Granier mantinha o seu projeto. Ganhou em primeiro lugar o Senhor de Boisy e a família de Francisco; mas «Francisco continuava a recusar com uma humildade totalmente admirável. O senhor Bispo não se esqueceu de nada e usou todos os expedientes que lhe vieram à imaginação, a fim de vencer; contou com a vontade do Duque, e procurou obter o seu alvará expedido». A 16 de junho, dando crédito a uma carta do núncio Riccardi, a decisão de Sua Alteza estava já tomada. Mas a hora da aquiescência de Francisco ainda não chegou.

Ele regressa ao seu Chablais, e age como chefe de missão: com efeito, acabam de lhe dar três auxiliares, dois capuchinhos, o padre Esprit de Beaumes e o padre Chérubin de Maurienne, e um jesuíta, o padre Jean Saunier; a estes colaboradores junta-se o pároco de Annemasse, reverendo Balthazar Maniglier e o cônego Louis de Sales. É então que o padre Chérubin de Maurienne, que desempenhou ao lado de Francisco um papel importante na missão do Chablais, decidiu dar mais um golpe: organizar-se-á no princípio

de setembro em Annemasse, que não dista de Thonon mais do que cinco léguas, e se aproxima de Genebra, *Quarenta Horas* muito solenes em honra do Santíssimo Sacramento. Nada foi poupado para dar a estes três dias um brilho extraordinário; o duque Carlos Manuel, impedido pelas preocupações da guerra, fez-se ali representar oficialmente pelo senhor de Albigny, governador da Saboia. Foi uma grande homenagem à Eucaristia.

Pouco depois destas grandiosas cerimónias, Mons. de Granier decidiu lançar contra a humildade de Francisco o assalto final. Um dia em que o vigário-geral se encontrava em Sales, enviou-lhe o seu primeiro esmoler, M. Critain. Desde o dia seguinte à sua chegada, sob pretexto de recitar com ele o santo breviário, M. Critain conduziu Francisco à galeria do castelo e atacou-o de frente... Francisco resistiu longamente... No fim, propôs ao esmoler ir celebrar as suas missas à igreja da aldeia: «V. Rev.^a celebrará a primeira e eu ajudarei; eu celebrarei a segunda; invocaremos a graça de Deus e faremos o que Ele nos inspirar».

Pela oração, Francisco saiu vencido: V. Rev.^a dirá ao senhor Bispo, declarou ele a M. Critain no caminho de regresso, que nunca desejei ser bispo... Mas visto que ele o quer e que ele o ordena, estou pronto a obedecer e a servir a Deus em tudo».

Tudo esteve para ficar por ali: pouco depois, Francisco, passando por Annecy «caiu de cama com uma forte e virulenta febre contínua». As coisas chegaram a tal ponto que que no início de janeiro temeu-se pela sua vida. A sua mãe desceu a Annecy e «foi encarregada de levar a notícia da sua morte»... «O pobre doente ficou surpreendido ao princípio, depois foi tomado por um grande temor dos julgamentos de Deus e dos perigos do inferno. Superou esta primeira crise entregando-se à misericórdia de Deus. «Não posso esperar a salvação senão do Senhor; tanto precisarei da sua misericórdia noutra altura como agora, e ele ser-me-á tão favorável agora como noutra ocasião». Os cónegos da catedral «vieram em grupo despedir-se dele e receber a sua santa bênção...». Esgotado

com esta visita, Francisco caiu em desfalecimento «pelo espaço de uma hora», de tal forma que o julgavam morto.

Foi então tentado contra o dogma da Eucaristia. A prova foi terrível, e Francisco não se pôde livrar dela senão «só pela invocação do nome de Jesus, feita no fundo da sua alma». Voltando a si, encontrou a solução que não havia podido encontrar no auge da crise: mas a recordação desta luta ficou a pesar-lhe na alma. Nunca aceitou revelar este assunto; e «ao recordar-se dele... fazia sempre o sinal da Cruz, receando que fosse uma pedra de tropeço... para os espíritos fracos». Assim o Senhor continuava a purificar esta alma privilegiada e a introduzi-la cada vez mais profundamente no mistério da sua Paixão e da sua Morte, a fim de fazer dela a sua fiel imagem.



Francisco de Sales a pregar (quadro de Piero Dalle Ceste, igreja de S. Francisco de Sales, Turim-Valdocco).

Eis, portanto, Francisco salvo da morte. A convalescença será longa. Em 14 de janeiro dirige uma carta ao nuncio Riccardi, mas «os médicos, diz ele numa nota à parte, que não acham bem que eu escreva, obrigaram-me a servir-me da mão de outra pessoa». Esta carta ditada é comovente. «Após haver sido visitado pela bondade de Deus nosso Senhor por uma febre contínua, tive recentemente uma recaída tão perigosa que durante sete dias consecutivos não se esperava outra coisa senão a minha morte».

Há que pensar, entretanto, em deslocar-se a Roma para a visita *ad limina* da diocese e nas últimas formalidades do episcopado. Mas quando? «Agora que, pela mesma bondade divina, estou em convalescença, encontro-me numa fraqueza tal, sobretudo nas pernas, que não sei se poderei fazer a viagem a Roma antes da Páscoa, embora tenha um grande desejo de lá estar para a Semana Santa; farei tudo o que puder para isso». Entretanto o seu pensamento voa para o Chablais onde foi substituído pelo padre Chérubin de Maurienne; apressa a execução dos assuntos em curso: «Havendo Sua Alteza enviado a Thonon o senhor Presidente Favre, para conhecer o sentimento dos habitantes do Chablais sobre o exercício do culto católico, quase todos testemunharam desejá-lo e esperam a toda hora que seja restabelecido». A promoção a coadjutor não mudou o coração de Francisco! «Finalmente, tendo-me Deus dado este pouco de vida que me resta, reconheço que o devo empregar ao serviço da sua divina Majestade, da santa Igreja...». Assim fará ele, durante mais tempo do que ele então parecia prever...

É de Sales que Francisco data as poucas cartas que nos chegaram deste ano. Contudo, em abril, escreve ao nuncio: «Vou hoje para Thonon onde durante algum tempo sou necessário». É que o padre Cherubin, cujo espírito é cheio de iniciativas, propôs a Francisco celebrar em Thonon mesmo as Quarenta Horas ainda mais solenes do que as Quarenta Horas de Annemasse! No dia 2 de maio de 1598, Filipe II de Espanha e Henrique IV assinam o tratado de Vervins: era, portanto, ao que parecia, a paz para a Saboia: o Cha-

blais ficaria desde agora ao abrigo das incursões de Genebra; as populações poderiam sem receio de represálias, regressar ao catolicismo, e Carlos Manuel teria as mãos livres para ajudar os missionários do Chablais.

Imediatamente, o vigário-geral tenta aproveitar as vantagens da nova situação. Em julho, vários párocos «homens maduros e muito entendidos no múnus pastoral» são colocados em paróquias importantes. Por fim, a 20 de setembro, depois de resolvidas muitas dificuldades materiais ou diplomáticas, inauguraram-se as Quarenta Horas de Thonon. Mons. de Granier presidiu ele próprio as festas religiosas de domingo 20 e segunda-feira 21 de setembro. Depois, alguns dias mais tarde, a 1 e 2 de outubro, tiveram lugar, numa atmosfera grandiosa, as segundas Quarenta Horas: o duque Carlos Manuel, rodeado da sua corte, estava presente, mas também o cardeal Alexandre de Médicis, legado do Papa na França, que no regresso a Itália tinha feito questão de fazer uma paragem em Thonon.

Tudo foi esplêndido. Mas, entre todas as cerimónias, uma delas deve ter emocionado particularmente a alma de Francisco. Na manhã e na tarde da quinta-feira 1 de outubro, o cardeal, Mons. de Granier e Francisco receberam as abjurações: notáveis... um pastor... grupos... famílias inteiras... No dia seguinte, o ritmo acelerou ainda mais. Os secretários acabaram por não inscrever senão os nomes dos chefes de família. Em onze dias, segundo a lista que os Arquivos vaticanos ainda hoje conservam, foram registados 2.300 nomes.

Nestes dias de festas sumptuosas, quantas recordações e que ações de graças se elevaram do coração de Francisco! Havia apenas quatro anos que, só, como missionário pobre e sem apoio humano, penetrava em Thonon. Diante desta multidão que hoje se apressava para abjurar ou para participar nos sacramentos da Penitência e da Eucaristia, como não teria ele recordado a pequena dezena de católicos amedrontados que, à força de persuasão, havia conseguido

reagrupar em torno do seu púlpito em S. Hipólito, no domingo 18 de setembro de 1594? Havia então pregado sobre *a Missão dos pastores da Igreja*; hoje, em jeito de encerramento destas solenidades, na presença do duque e do cardeal e de suas cortes, prega sobre a missa e o sacerdócio: *Fazei isto em memória de mim*. Em qual destes sermões colocou mais coração, mais cuidados?

O duque foi leal no seu reconhecimento. Mal o cardeal havia chegado aos Paços do Concelho quando, Carlos-Manuel tomou o vigário-geral pela mão e levou-o diante do prelado. «Monsenhor, diz-lhe ele, este que lhe apresento, é o apóstolo do Chablais: tem à sua frente um homem abençoado por Deus e enviado do Céu até nós, que, inflamado de um grandíssimo zelo pela salvação das almas, não sem um grande perigo da sua vida, veio ousadamente em primeiro lugar para esta província, e nela lançou a semente da palavra de Deus; plantou a Cruz e a fé de Nosso Senhor nestas paragens, donde há mais de setenta anos que ela tinha sido arrancada e levada pelas águas infernais dos hereges». O cardeal, tendo levantado Francisco que se havia prostrado a seus pés, disse-lhe: «Senhor, agradeço-lhe pelo seu zelo, continue como tem feito; quanto a mim, segundo o dever do meu cargo, não deixarei de reportar amplamente ao nosso Santíssimo Padre o que o senhor tem feito». Manteve a palavra.

O coração apostólico de Francisco

«O apóstolo do Chablais»: o elogio era merecido. Enquanto se apagam os últimos ruídos destas festas sumptuosas, e antes que Francisco se ponha a caminho de Roma e do episcopado, convém que paremos e contemplemos uma vez mais Francisco de Sales, padre em terra de missão. Qual foi então a estratégia apostólica deste jovem padre – tem 27 anos quando penetra no Chablais em

setembro de 1594 – para que em quatro anos ele conseguisse converter uma província tão impregnada de Protestantismo e tão solidamente defendida pela muito próxima e toda poderosa Genebra?

Convém, certamente, ter presente neste sucesso a parte dos acontecimentos e mesmo da política. É certo que Henrique IV desejava, como todos os soberanos do seu tempo, a unidade religiosa do seu reino, e que ele não podia, no exterior, apoiar demasiado abertamente as zonas protestantes. De resto, a França encontrava-se em guerra com a Casa de Áustria e devia, para esta luta, poupar os cantões calvinistas da Suíça que comandavam as passagens dos Alpes: Genebra era uma cidade-chave, uma das vias de acesso à Alemanha. Do lado da Itália, a política estrangeira francesa não era menos ambígua: Henrique IV precisava, na França, da amizade do Papa. Neste imbróglio, o duque de Saboia Carlos Manuel conduzia bem o jogo das suas intrigas. O próprio tratado de Vervins (2 de maio de 1598) não pôs fim ao seu diferendo com Henrique IV: com efeito a questão de Saluces, este marquesado do norte da Itália que Carlos Manuel havia tirado à França em 1588, ficou reservada. O Editto de Nantes, que foi assinado por Henrique IV a 13 de abril de 1598, mostra bem para que compromisso o rei era obrigado a orientar-se a fim de conseguir para o reino a paz interior. Igualmente no exterior, era-lhe necessário procurar um equilíbrio difícil entre as suas alianças católicas e as suas alianças protestantes. Vê-lo-emos em breve: Genebra e Berna permaneciam por este facto muito importantes na corte de Henrique IV – e por isso mesmo paralisavam, mais ou menos segundo a evolução dos acontecimentos, a ação dos missionários católicos no Chablais, na zona de Ternier e nas terras de Gex.

Estas dificuldades têm, pelo menos, uma vantagem: elas realçam o carácter nitidamente evangélico do apostolado de Francisco de Sales.

A sua força é a sua fé. Construiu um dia sobre o seu nome um anagrama muito significativo: «Fé sem desalinhar», quer dizer, fé

sem defeito nem fraqueza; a palavra não era usurpada. Francisco está profundamente persuadido da verdade do catolicismo. Está convencido de que se a doutrina da Igreja Romana é apresentada em toda a sua luz, por padres instruídos e santos, as populações, por pouco que a liberdade de consciência lhes seja efetivamente garantida, ligar-se-ão de novo sem hesitar à fé primitiva. Em suma, desde este momento, Francisco, como teólogo e jurista, tem uma concepção precisa do que deve ser a Reforma da Igreja, se a Igreja quer sobreviver; ao mesmo tempo, tem consciência dos males que assolam a Igreja de Cristo, do remédio, do único remédio que a pode salvar: a restauração de um sacerdócio digno dos apóstolos. Sublinhemos as linhas de força desta estratégia santa quanto ousada: elas ressaltam claramente dos escritos, memórias e cartas que conservámos.



Annecy, canal le Thiou.

É preciso, portanto, que em primeiro lugar o Evangelho seja pregado, em toda a sua pureza de tradição e interpretação teológica. Francisco não poupa nada para estar ao corrente das objeções dos protestantes e das dificuldades que os seus adversários vão buscar à ciência do tempo. Ele não as subestima de modo algum. Toma a sério o facto calvinista, as suas causas, a sua força, não ignorando ao mesmo tempo que o povo simples, e mesmo certos ministros, podem ser ignorantes. Nesta zona, escreve ele um dia, todos manejam as *Instituições* (de Calvino); conheço lugares em que todos sabem as *Instituições* de cor». Para melhor as conhecer, ele mesmo pediu a Roma a autorização para ler esta obra que figura no Índice. As *Controvérsias* estão aí para nos mostrar... o espírito e nos dar o estilo de Francisco nestas batalhas de ideias. Assim trabalha ele para estabelecer solidamente, face às negações dos seus adversários, a verdade e os direitos da Igreja Católica Romana. E tem tanto sucesso nestes placares e folhas volantes, redigidas em plena luta, no dia a dia, que as *Controvérsias* merecem ser utilizadas em 1870 pelos Padres do Concílio Vaticano quando chegaram a definir a infalibilidade do Papa e que elas valeram a Francisco, em 1878 o título de doutor da Igreja e, em 1923, o patronato espiritual dos escritores católicos.

Persuadido de que a doutrina evangélica, por pouco que ela seja conhecida, trabalha as almas, avança em cada uma delas como uma raiz na terra, segundo os desígnios da Providência, Francisco prega. Neste ministério da palavra, que ele considera como um dos seus primeiros deveres, é infatigável. É-nos mostrado ora a pregar no mesmo dia em quatro ou cinco aldeias diferentes, ora «passando a noite a pregar», ou ainda a pregar na presença de sete ou oito pessoas como faria numa igreja cheia de fiéis, ou também a catequizar na praça do mercado, a discutir em público ou em pequeno grupo com pastores ou notáveis protestantes; inventando, com a ajuda do seu jovem irmão Bernard, uma espécie de pregação dialogada.

«No domingo passado, terceiro da Quaresma, escreve ele por exemplo em 12 de março de 1597 ao núncio Riccardi, havendo pregado de manhã cedo segundo o costume, na paróquia de Allinges, passei para outra paróquia a três milhas de distância, chamada Cervens, onde eu ainda não tinha estado. E tendo avisado o povo que eu desejava pregar, tive uma numerosa e benevolente assistência que, ao sair do sermão, me testemunhou um ardente desejo deste *pão dos filhos*. Mas tive grande dificuldade em chegar a tempo para o sermão de Thonon, que fica a cinco ou seis milhas de Cervens, de modo que, estando fixado aqui, é-me quase impossível evangelizar várias localidades».

Também atribui na sua estratégia apostólica uma importância primordial à catequese, ao ensinamento simples e firme da doutrina, bem como ao texto sagrado da Escritura, à palavra de Deus. Não traz ele sempre consigo, na sua pequena bagagem, uma Bíblia com o seu breviário? A Bíblia, conhece-a a fundo, e esmalta das suas citações até a sua correspondência mais familiar.

Gostaríamos de ver, desde esse tempo, Francisco de Sales dialogar, face a face, senão coração a coração, com certos protestantes, captar ao vivo, por exemplo, as suas conversações íntimas «na pradaria», com o senhor de Avully atormentado de conversão. Três destes encontros ficaram célebres e misteriosos, de resto: os seus três encontros em Genebra mesmo, com Théodore de Bèze. A iniciativa veio de Francisco ou de Clemente VIII? Isso não está bem claro. O que é certo, é que Francisco não empreendeu esta tentativa de conversão senão com uma aquiescência formal do Papa, que muito se assemelhava a uma ordem.

Destas entrevistas, não nos resta nenhum documento do lado protestante²⁰; do lado católico, resta, além dos testemunhos do Processo de canonização, uma carta de Francisco de Sales a Clemente VIII, de 21 de abril de 1597, portanto do dia seguinte à primeira

20 Paul GEISENDORFF, lib. cit., pp. 402-407.

entrevista. Esta carta é severa, mas não sem esperança: «Encontrei-me com Bèze só, pessoa bastante acessível. Quando, por fim, me retirei após haver tentado todos os meios para lhe arrancar a confissão do seu pensamento, sem haver deixado uma pedra por remover, encontrei nele um coração de pedra, até aqui imóvel ou pelo menos insuficientemente remexido; quer dizer, um ancião endurecido, cheio de dias maus. Tanto quanto as suas palavras me permitem julgar, seria esta a minha opinião: se fosse possível abordá-lo com mais frequência e com mais segurança, talvez se pudesse trazê-lo de novo ao rebanho do Senhor; mas, para um octogenário, todo o atraso é perigoso». Retenhamos, portanto, esta palavra pela qual Théodore de Bèze se despediu do seu visitante após as duas primeiras entrevistas: «Quanto a mim, se não estou em bom caminho, peço a Deus todos os dias que pela sua misericórdia se digne colocar-me de novo nele»²¹. Esta atitude de Théodore de Bèze não deve ter desagradado a Francisco de Sales.

Com efeito, ela é conforme à sua maneira de tratar com os hereges. Tocamos aqui um problema muito delicado. É certo que Francisco de Sales teve por vezes palavras muito duras contra os huguenotes. Ele está muito seguro também de que nas negociações políticas que se seguiram às Quarenta Horas de Thonon, Francisco se opôs com uma firmeza absoluta a que ministros protestantes morassem no Chablais, e particularmente em Thonon, e que requereu medidas severas contra os últimos obstinados de Thonon que «seguem o huguenotismo mais como um partido do que como uma religião».

Era então defensor da intervenção do braço secular nas conversões e nos assuntos religiosos? Aqui há que fazer distinções, pois Francisco evoluiu neste ponto, ao longo da sua vida. O estudante de direito em Pádua, demasiado propenso a seguir certas teses jurídicas do tempo, não teria talvez desaprovado a coação política e até

21 Cf. Paul GEISENDORFF, *ibid.*

o emprego das armas. Mas, desde que é promovido a vigário-geral, e sobretudo quando é ordenado padre, Francisco declara-se firmemente defensor só das armas espirituais, a santidade e a ciência teológica, «a caridade»: recorde-se o sermão do jovem vigário-geral aos cónegos de Genebra! Todavia, quando, lá para o fim da missão do Chablais, Francisco se encontra envolvido nas discussões políticas, duas tendências aparentemente contrárias aparecem no seu pensamento: por um lado, o seu amor das almas leva-o à mansidão, mas, por outro, segundo as ideias e os costumes do tempo, não concebe que a unidade política possa realizar-se fora da unidade de confissão: «Uma fé, uma lei, um rei». Na aparência, o jurista, nele, parece conciliar-se bastante mal com o missionário. Mas de facto, para Francisco de Sales, o conflito não existe: o seu otimismo teológico convence-o de que, se o culto protestante é proibido, e se os calvinistas são instruídos na fé católica, eles não podem, pelo menos se eles são leais e sinceros, não se converter²².

Um exemplo vai fazer-nos captar ao vivo o pensamento de Francisco nesta matéria. No mesmo dia em que era promulgada em Annecy a paz de Vervins, a 13 de junho de 1598, Francisco escreve ao núncio Riccardi: «Entre as incalculáveis vantagens espirituais que vários servidores de Deus esperam desta bendita paz, eles prometem que o rei de França, a convite da Santa Sé Apostólica, se empenhará vigorosamente em obter que a cidade de Genebra abra as suas portas ao exercício do culto católico por meio do *Interim* (o *Interim* era um formulário, datando do tempo de Carlos Quinto, e que assegurava praticamente a liberdade de consciência aos católicos e aos protestantes), a fim de que o Senhor e *Príncipe de paz* tenha o seu lugar numa pacificação tão importante e tão desejada».

Assim, portanto, dois meses após a promulgação do Editto de Nantes (13 de abril de 1598), Francisco espera que uma legisla-

22 Por seu lado, os Protestantes defendiam o mesmo princípio: cf. J. LECLERC, loc. cit.

ção muito semelhante à nova legislação francesa seja instalada em Genebra. Ora, três anos mais tarde, em julho de 1601, Francisco de Sales, escrevendo a Clemente VIII em nome de Mons. de Granier, parece falar bem outra linguagem: «Esta porção da minha diocese (trata-se da região de Gex), com o que dela resta do outro lado do Ródano, tocou ao rei de França, em virtude do tratado de paz (o tratado de Lyon de 17 de janeiro de 1601). Ele ordenou ali o inteiro restabelecimento do culto católico, ouço eu dizê-lo pelo menos, mas sob a reserva (o *Interim*, como se lhe chama) que tolera um lugar à heresia. É, no fundo, a liberdade deixada a cada um de pensar mal e agir do mesmo modo: é isto que multiplica estranhamente as dificuldades de propagar o Evangelho». Vê-se por onde estes dois julgamentos contrários se unem: em ambos os casos, o objetivo é o mesmo: propagar o Evangelho; no primeiro caso, o *Interim* facilita a tarefa; no segundo, ele contraria a mesma. Para compreender esta posição, não basta apenas invocar as ideias políticas do tempo, mas também certas concepções teológicas demasiado estreitas que restringem exageradamente os meios de salvação que conservam, até ao dia de hoje, os hereges de boa fé²³.

Também há que distinguir bem aqui o protestantismo e os protestantes. Porque com as pessoas, Francisco é todo paciência, todo benignidade, todo acolhimento. Alguns, mesmo religiosos, censuraram-lho. Advertido destas censuras, Francisco retorquiu «que há muito tempo tinha feito a experiência de que se obtinha mais proveito pela doçura do que de outra maneira... Há que ter por máxima muito certa que os homens fazem mais por amor e caridade do que por severidade e rigor». Ele sabe nomeadamente que, ao converter-se, alguns perdem os seus lugares, os seus recursos e os seus bens. Para eles, esforça-se por organizar ajudas e arranjar refúgios e obras. Se dele dependesse Thonon teria tido, desde 1595 ou 1596 um colégio de Jesuítas. Outro projeto tem muito a peito em

23 Cf. J. LECLERC, lib. cit., T. II, pp. 126-127.

1598, depois de ver afluir os pedidos de conversões: encontra-se o desígnio dele na súplica que Francisco apresenta ao Papa Clemente VIII, em janeiro de 1599, da parte de Mons. de Granier; trata-se de fundar, em favor dos novos convertidos vindos de Genebra e «despojados dos seus bens»... «uma casa de misericórdia ou hospício de virtude. Ali, estes banidos por causa do amor a Cristo, sobretudo as crianças e os jovens dos dois sexos, poderiam ser acolhidos, educados e instruídos cristãmente. Ensinar-se-ia a cada um segundo a sua capacidade as ciências ou qualquer profissão que lhe permitisse depois ganhar a sua vida».

Estes dons verdadeiramente excepcionais de organizador, de realizador, ia eu dizer, utilizando a palavra no seu melhor sentido, de político, Francisco revela-os também na sua atitude a respeito dos católicos do Chablais. Com eles, mostra-se paternal e firme, exigente e afável, estrito e benigno. Tomemos ousadamente este exemplo escaldante: o problema do financiamento da missão do Chablais: Ele mesmo, Francisco, é de uma pobreza rigorosa. Desta pobreza, não se queixa, feliz da sua parte de ser um «fiel discípulo da Cruz» e de imitar nosso Senhor Jesus Cristo; e se porventura dispõe de alguns escudos, utiliza-os em esmolas. Mas ele sabe que esta pobreza, a não ser que Deus lho imponha, não deve ser tal que prejudique o seu apostolado, e menos ainda que redunde em escândalo das almas. Desde o fim de maio de 1595, confia ao seu amigo Antoine Favre: «É também (um grande argumento contra o meu apostolado) ver homens no meio dos domínios da Igreja, sob um príncipe católico, viver uma vida precária e por assim dizer no dia a dia». Em 31 de maio de 1597, solicita mesmo um benefício-paroquial que se encontra vacante, o do Petit-Bornand: «É bem verdade que o cargo de vigário-geral não tem um vintém de renda, e o canonicato que se dá ao encarregado dos não rende em média senão sessenta escudos por ano; eu julgaria, portanto, mais vantajoso ser um pároco com rendimentos do que ser um pobre vigário-geral, não fosse a esperança do nosso regresso a Genebra...

Tendo assim de que viver segundo a minha consciência, não buscarei outra coisa senão servir o Senhor e a Igreja desta diocese pelos pequenos trabalhos a que for destinado».

Mas à medida que a missão tinha êxito e se desenvolvia, Francisco entrava em contestação com os grandes beneficiados da diocese: como instalar párocos nas paróquias, se não se lhes dá de que viver, e até se não se começa por reparar as suas igrejas mutiladas, pilhadas pelos calvinistas? Como introduzir no Chablais «pregadores», capuchinhos e jesuítas, se não se garante a sua subsistência? Como fundar obras indispensáveis, sem dinheiro? Ora o dinheiro existe: a Ordem dos cavaleiros de Saint-Maurice-et-Lazare foi feita, por Gregório XIII em 1579, depositária dos bens da Igreja que escaparam aos Berneses; em Turim, em outubro de 1596, o duque aprovou, segundo o projeto de Francisco, que os cavaleiros coloquem à disposição da missão do Cablais, pelo menos em parte, os rendimentos desses bens. Mas resmungam a este serviço. E para Francisco, o conflito com os cavaleiros será daqui para o futuro uma preocupação constante: pelo duque, pelo núncio, esforça-se por lhes arrancar o que a sua avareza lhe recusa...

Assim, em 21 de fevereiro de 1597, ele coloca-os, em termos muito claros, perante as suas responsabilidades: «Este expediente, declara-lhes ele entre outras coisas, consiste em que, dado o tratado de paz desejado, Vossas Senhorias quisessem mesmo ceder absolutamente todas as paróquias de que usufruem nesta região e suas dependências; acrescentando a isso as que são provenientes dos particulares, poder-se-ia fazer neste arrendamento um serviço religioso tão brilhante que a luz resplandeceria de todos os lados». Quando se trata de «combater os combates do *Senhor dos Exércitos*», Francisco não receia ser «importuno a Sua Santidade, a Suas Altezas» e aos Cavaleiros. Esta intrepidez jurídica e financeira que se alia muito bem a um sentido extremo da sua pobreza pessoal, eis um verdadeiro símbolo das atitudes apostólicas de Francisco.

Da retidão e pureza das suas intenções em todos os assuntos temporais, não se poderia duvidar: vê-se bem quando se trata de escolher párocos para o Chablais e de ali os instalar. Estes párocos-missionários, quer que sejam homens «maduros e competentes na missão pastoral»... «próprios para a obra da conversão e das solenidades eclesiásticas»... Não tem qualquer ilusão sobre as dificuldades que aguardam os seus colaboradores: escreve de Thonon ao núncio, em 2 de março de 1597: «Tenho um bom número de padres que em breve se disponibilizarão para vir exercitar-se aqui na paciência e na mortificação; terei todo o cuidado de que eles sejam ricos de vida boa, e pelo menos bem providos de saber... Mas não se poderia colocá-los sem antes lhes preparar o caminho com alguns sermões eclesiásticos feitos por um pregador experimentado». Parece que, desde este momento, sonhou em procurar para estes vigários «casa e habitação e facilidade de morarem vários juntos». Mas a ocasião não está madura para realizar este projeto. Entretanto, visita aqueles que colocou à frente de paróquias, ajudando-os, tanto quanto pode, «com um amor ao mesmo tempo paterno e fraterno». E que mágoa – poder-se-ia quase dizer que rancor – experimenta Francisco em relação às «gordas abadias», decaídas da observância regular, «nas quais os monges (que só o são de nome) destroem mais do que edificam».

Assim nos aparece Francisco no fim deste período missionário e na véspera de partilhar com Mons. de Granier, e sob a sua autoridade, a missão do bispado de Genebra. Este padre de trinta anos já deu a medida do seu génio e da sua santidade. Para o caracterizar, não poderíamos fazer melhor do que citar Sainte-Beuve, mas conferindo-lhe as suas dimensões propriamente espirituais, as suas vistas penetrantes sobre «Francisco de Sales completo»²⁴. Aplicando a Francisco o pensamento de Pascal: «Não admiro

24 Charles-Augustin SAINTE-BEUVE, *Port-Royal*, Hachette, 3e édit., 1867, T. I, Ch. X, pp. 249 sqq.



Francisco de Sales recebido pelo papa Clemente VIII
(incisão de François Chauveau).

nada o excesso da virtude... pois de outra forma não é subir, mas cair. Não se mostra a sua grandeza por estar numa extremidade, mas sim tocando as duas ao mesmo tempo e preenchendo todo o entre-dois», ele comenta em duas páginas inolvidáveis este *entre-dois* de Francisco de Sales: Ninguém melhor do que (ele)... teria, com uma qualidade extrema, a combinação, o temperamento, o corretivo e o extensivo, enfim, para falar com Pascal, o *entre-dois*. A cada um dos caracteres que precedentemente lhe reconheci, seria necessário acrescentar quase o seu contrário, o qual aparece, não para fazer equilíbrio noutra sítio e diversão, mas para modificar e fortificar a qualidade dominante, ao entrar lá, baseando-se aí, para lá fazer equilíbrio e lastro, como dentro de si mesma. A sua alma, desde aqui em baixo, é *uma esfera completa sob uma só estrela*». E capaz de dar deste entre-dois um exemplo luminoso: de Francisco, declara que «não era uma pomba de doçura, mas uma águia de doçura».

Assim poder-se-ia aliar a seu respeito os termos que parecem excluir-se. Francisco de Sales é o tipo mesmo da plenitude, mais ainda do que da medida: nada lhe falta, os contrários nele não são contraste ou dissonância, mas harmonia superior. Os seus escritos, seguindo-os de demasiado perto e não considerando demasiado exclusivamente senão a *Introdução à vida devota ou o Tratado do amor de Deus*, – mesmo a sua Correspondência, a não provar demasiado senão as cartas a Madame de Chantal ou outras almas privilegiadas, pregam-lhe uma partida: só o mostram sob alguns dos seus aspetos. Desconhecer o missionário do Chablais, é falsear o diretor de almas; desconhecer o homem de ação e de governo, é falsear o escritor; é sobretudo falsear o místico, desconhecer as riquezas do homem, a habilidade do jurista, a finura do político. Um «entra» no outro e «funde-se com ele». Que se fale de equilíbrio, se não se tem melhor termo. Mas este não é um equilíbrio terra a terra, rastejante e plano; é um equilíbrio superior, de alto voo, o equilíbrio que só a liberdade do amor dá.

Sainte-Beuve pressentiu este mistério da graça sem, todavia, penetrar toda a sua profundidade: «De contraste em conciliação, sou levado ao último *entre-deux* que é característico em S. Francisco de Sales e que só pode acabar de dar a sua medida, quero dizer, a aliança que se fazia nele entre a virtude mística, contemplativa, a caridade em toda a sua candura e a finura de julgamento humano em toda a sua sagacidade». Seria necessário que Sainte-Beuve descesse mais um degrau, ou antes, atravessasse um limiar na alma de Francisco: dar-se-ia conta de que todos os dons humanos – notáveis e entre os mais belos que existem – do seu herói, só atingem uma tal plenitude porque o fogo do amor de Deus havia queimado todas as suas escórias, purificado os seus defeitos, iluminando-os do interior e, de algum modo, transfigurando-os.

6. BISPO E PRÍNCIPE DE GENEBRA

Francisco vai a Roma

Deixámos Francisco de Sales no meio das festas brilhantes das Quarenta Horas de Thonon. A apóstolo do Chablais recebeu a sua recompensa; e as disposições do duque são tais que há que esperar, a breve prazo, a conversão total desta província... «Então, tendo passado o inverno, a primavera sorria, por toda a parte se via levantar-se «a árvore preciosa e resplandecente» da Cruz vivificante; de toda a parte a Igreja fazia ouvir os seus cânticos como a voz da rola, e renovadas, florindo de novo, as vinhas exalavam o seu perfume». Assim Francisco descreverá a situação do Chablais em 1598, num relatório dirigido a Clemente VIII em 1603.

No fim de novembro de 1598, Francisco partiu para Roma em companhia do Senhor de Chissé, vigário-geral e sobrinho de Mons. de Granier.

Em Modena, juntou-se ao seu irmão Louis e ao seu amigo Antoine Favre que estariam, também eles, de viagem. Pelos meados de dezembro, os viajantes chegavam à Cidade Eterna. Francisco estava encarregado de apresentar ao Papa diversos pedidos do Bispo de Genebra, e o vigário-geral por seu lado devia solicitar para Francisco as bulas de coadjutoria. O acolhimento de Clemente VIII foi extremamente paterno. Ele conhecia bem Francisco e conversou longamente com ele da sua obra no Chablais: o cardeal de Médicis havia ainda recentemente falado a Sua Santidade das maravilhosas Quarenta Horas de Thonon. Francisco apresentou os pedidos de Mons. de Granier, depois retirou-se. Isto passava-se em 15 de janeiro de 1599.

Era necessário agora aguardar as decisões pontifícias. «Nunca estive em lugar, escreve Francisco a Mons. de Granier alguns dias após a audiência do Papa, onde o peso fosse tão grande como é nesta Corte. Sua Santidade não concederia uma graça, por pequena que fosse, que ela não fosse pesada e contrapesada pelo conselho dos Senhores Cardeais, os quais, vendo *il Santissimo di questo parere* (o Santo Padre desta opinião), estão também eles mesmos de acordo».

Francisco aproveitou os seus tempos livres para visitar grandes personagens de Roma, «cardeais e santos religiosos», e para peregrinar pelas igrejas e os conventos da cidade. A 15 de março, o Senhor de Chissé obtinha uma segunda audiência e apresentava ao Papa o pedido de coadjutoria. O Papa mostrou-se logo muito favorável a esta proposta, mandou chamar Francisco, disse-lhe que queria conceder ao bispo de Genebra tudo o que ele pedia... mas ordenou-lhe que se preparasse para fazer o exame canónico na sua presença a partir de segunda-feira seguinte.

Ao anúncio deste exame, Francisco ficou surpreendido, pois, de acordo com os privilégios da Igreja galicana, os padres de Saboia estavam dispensados dele. Que iam dizer o Soberano Senado de Saboia e Sua Alteza?²⁵. Mas o Papa declarando que «era só para seu contentamento e a fim de tornar (Francisco) recomendável a todo o Sacro Colégio dos Cardeais», forçoso era obedecer.

Tendo chegado segunda-feira, Francisco apresentou-se no palácio do Papa. «Encontrou a sala muito cheia de gente...». Sua Santidade presidia; à volta do Papa estavam sentados oito cardeais, entre outros o cardeal de Florença, o cardeal Borghèse, o cardeal Baronius e o cardeal Borromeu; vinte arcebispos, bispos, gerais de Ordem; Bellarmino estava entre os teólogos encarregados de atacar o candidato. Era um júri de honra! Tudo se passou muito bem. De tal forma que era de recear que em Annecy se empolasse

25 Foi necessário que Francisco, passando por Turim no seu regresso de Roma, mitigasse sobre este ponto o descontentamento do duque. Cf. *Œuvres*, T. XII, p. 9.

este sucesso. Em 26 de março de 1599, Francisco escreveu a Louis de Sales: «Confesso-vos ingenuamente que Deus não permitiu que ficássemos confundidos no exame, se bem que, olhando só para mim mesmo, só esperava aquilo... Os sinais de bondade paterna com que o Papa me honrou... obrigam-me a ser mais do que nunca bom filho e bom servidor da santa Igreja Romana; mas seja o que for que os nossos amigos escrevam, recordai-vos... que no fim de contas só somos o que somos diante de Deus».

Em 25 de março, na festa da Anunciação, Francisco foi admitido à missa do Papa, e ali comungou da mão do Pontífice. Lá, recebeu «favores particulares de Nosso Senhor» cuja recordação consignou num pequeno bilhete cujo texto é o seguinte: «Tendo recebido a santa Eucaristia da mão do Soberano Pontífice no dia da Anunciação, a minha alma interiormente ficou muito consolada; e Deus concedeu a graça de me dar grandes luzes sobre o mistério da Incarnação, fazendo-me conhecer de uma maneira inexplicável como o Verbo tomou corpo, pelo poder do Pai e pela operação do Espírito Santo, no casto seio de Maria, querendo-o Ele mesmo para habitar entre nós, desde que Ele seria homem como nós. Este Homem-Deus deu-me também um conhecimento elevado e saboroso sobre a Transubstanciação, sobre a sua entrada na minha alma e sobre o ministério dos Pastores da Igreja».

No fim da primavera de 1599, Francisco estava de regresso a Annecy, não sem haver feito pela segunda vez peregrinação a Loreto²⁶. Em Turim onde parou, os cavaleiros de S. Maurício «sabendo que eu era portador do breve de Sua Santidade que confere a Mons. de Genebra a autoridade de aplicar à subsistência dos párcos, dos pastores e dos pregadores, todos os rendimentos que eles têm nas paróquias convertidas, mandam-me citar para

26 Se Francisco não foi a Roma, ao deixar Pádua em 1591-1592, é a esta viagem de 1599 que convém referir o que é dito, pela maior parte dos historiadores, da estadia de 1591-1592

prestar contas da minha administração». Os cavaleiros aperceberam-se então que sob a benignidade do prelado se escondia o rigor do jurista, a justiça do homem apostólico...

Coadjutor de Mons. de Granier

Durante dois anos, Francisco de Sales, bispo nomeado de Nicopolis, vai viver na sombra de Mons. de Granier. Uma sombra de que ele gosta e, por assim dizer, que ele cria: com efeito recusa obstinadamente deixar-se ordenar, ou mesmo tomar somente as vestes episcopais enquanto Mons. de Granier vive. É, como deve ser, em nome do bispo em funções que o coadjutor trata então todos os assuntos em curso. Estes assuntos dizem respeito na sua maior parte ao Chablais; alegrias e decepções alternam: as paróquias organizam-se, mas não sem dificuldades, o colégio dos Jesuítas é aprovado e até financiado pelo Papa, mas o provincial de Lyon tem falta de religiosos disponíveis. E, ainda por cima, eis que, em agosto de 1600, a guerra rebenta de novo na Saboia: o rei assinou com o duque, em 27 de fevereiro de 1600, o tratado de Paris, mas o duque tergiversa, intriga, esquiva-se; Henrique IV, numa campanha-relâmpago, invade a Saboia ...

No dia em que o Bearnês entra em Annecy, a posição do Bispo de Genebra torna-se muito espinhosa: Henrique IV é inimigo do duque de Saboia Carlos Manuel, príncipe soberano de todo o Genebrino, - mas não do duque de Genevois-Nemours, de que Annecy mesma é o apanágio e que exerce sobre a cidade uma espécie de soberania. Ora o duque de Genevois-Nemours acutelou-se para não se envolver no conflito. Que atitude tomar? Tanto mais que já as pessoas de Genebra e de Berna se esforçam por se infiltrar na reconquistada pelos franceses e de aí arruinar de novo o catolicismo.

Francisco, nesta ocorrência, salvou segunda vez o Chablais: percorre ele mesmo a região, reanima a coragem, apoia missionários e párocos e, mais ainda, ganha junto de Henrique IV a batalha diplomática; o rei promete a Mons. de Granier que «nada será alterado na província do Chablais contra o que foi feito para a fé». A paz foi por fim assinada em Lyon a 17 de janeiro de 1601, entre os plenipotenciários do duque e o rei de França. Mas a situação política dos católicos tornava-se mais incerta do que nunca: se Carlos Manuel ficava com Saluces, devia ceder à França a Bresse, o Bugey, o Valromey e a região de Gex. Que seria feito destas regiões, uma vez que o rei não tinha escrúpulos, (acabava de o mostrar durante a ocupação do Chablais) de fazer governar em seu nome huguenotes notórios?

É uma carta triste, mas apesar de tudo iluminada por uma consolação essencial, que Francisco havia já enviado ao núncio Riccardi em 26 de agosto de 1600: «No meio de tantas aflições pelas quais prouve a Deus castigar os nossos pecados, não me resta outra coisa a escrever-vos, a não ser que, nesta *enfermidade*, a *virtude* divina se mostrou pela constância dos nossos convertidos de Thonon. Ameaçados, ora pelas incursões dos Genebreses, ora pelas dos Berneses, mantiveram-se, porém, firmes na nossa santa religião. É verdade que até aqui eles só sofreram ameaças, pois estes hereges não estão mobilizados para a guerra. Mas o receio de que o rei venha a utilizar os infiéis será suficiente para abalar consideravelmente a fraca coragem dos convertidos».

Ainda por cima, um acesso de doença de Mons. de Granier vem complicar a situação: «Monsenhor o nosso Reverendíssimo Bispo está ainda bastante doente, quer na sequência das fadigas suportadas no Chablais no mês passado, quer devido ao desgosto que sente ao ver os nossos assuntos a tomar uma tão má direção... Os padres da missão estão ainda no Chablais, embora dispersos em diferentes lugares por medo dos Genebreses e dos Berneses. Os párocos na sua maior parte permanecem nas suas paróquias, se bem que

alguns dos mais tímidos se tenham retirado para ver como terminarão as coisas».

A situação dos católicos não ia tornar-se perigosa? Negociações diplomáticas deverão iniciar-se em Paris no próximo ano: serão extremamente complicadas, e os seus resultados magros e frágeis.

Contudo, lá pelo mês de maio de 1600, havia sido publicado em Jean Pillehotte, livreiro em Lyon, *la Défense de l'Étendard de la Sainte Croix de Notre Sauveur Jésus-Christ*. Era a resposta de Francisco a um panfleto antigo do ministro La Faye : resposta demasiado tardia sem dúvida (La Faye havia redigido o seu *Brief Traité* em 1597, logo depois das Quarenta Horas de Annemasse), mas obra verdadeiramente digna do génio de Francisco de Sales: «A linguagem da guerra é diferente da linguagem da paz», declara ele mesmo, o autor. Esta linguagem da guerra é a da clareza, da precisão, da força na argumentação: dialética apertada, paixão da verdade, segurança de doutrina, fidelidade à Tradição, encontramos ali o estilo das Controvérsias. Além disso, este livro que poderia ser apenas uma obra de combate, transforma-se, pela graça de Francisco, em tratado de ascética: a sua ideia fundamental sobre a religião é já aquela mesma que animará as obras de espiritualidade: «A verdadeira e pura essência da adoração consiste na ação interior da vontade, pela qual uma pessoa se submete Àquele que é adorado; e o conhecimento, ação do entendimento, precede a submissão como fundamento; ao contrário, a ação exterior segue-se à submissão como efeito e dependência dela». O livro não teve o sucesso de livraria que se podia esperar; mas ajudou muito eficazmente inúmeras almas a permanecer fiéis, enquanto passava sobre o Chablais e outras regiões de Saboia o novo furacão protestante.

Fazendo o balanço destes anos 1599-1600, numa carta de 18 de março de 1601 ao núncio Riccardi, Francisco podia oferecer-lhe esta «consolação: comunicar-lhe que, se em Thonon e em Ternier... se sofreu muito sob o governo de M. de Montglot, huguenote, e pelas ciladas dos Genebreses (Em Ternier sobretudo

exerceram uma tirania, e cometeram em relação às coisas sagradas indignidades que não se podem dizer), todavia, apesar disso, entre um tão grande número de convertidos, não se encontraram quatro que tenham recaído, e mesmo sendo de baixa condição. Assim, reconheceu-se que a sua *mudança* era obra *da direita do Altíssimo*, dado que em contraposição celebraram as festas de Natal com um entusiasmo totalmente inusitado».

Francisco poderá até em breve (28 de junho de 1601) comunicar ao núncio que «apesar da guerra, o número dos convertidos aumentou desde o Natal», e escrever alguns meses mais tarde (21 de dezembro de 1601) ao sucessor de Mons. Riccardi, o núncio Tartarini: «Vou agora dar conta a Vossa Senhoria dos progressos (da religião) na diocese, dizendo-lhe que eles estão muito felizes, não só em Thonon e em Ternier, pois isso é já antigo; mas também



Thorens Glières, igreja paroquial em que Francisco foi sagrado bispo.

muito recentemente nas regiões de Gex e de Gaillard que se estendem até às portas de Genebra. Na segunda destas regiões, o senhor bispo de Genebra reconciliou, na semana passada, oito igrejas para o uso de vários milhares de almas reconduzidas à fé desde o Pentecostes. Na primeira região, que está sujeita ao rei de França, foram criadas três paróquias, nas quais foram colocados três dos nossos cônegos para a santa pregação. Eles obtiveram ali muito fruto, pois havia nesta região vários antigos católicos cuja fé estava escondida e coberta como um fogo debaixo da cinza do culto huguenote, único que ali se praticava desde há setenta anos; posta agora esta fé a descoberto pelo sopro da palavra divina, eles dão testemunho da verdade. Outros ainda convertem-se, e outros dispõem-se à conversão».

Se bem que Francisco sonhe realizar por fim um dos seus grandes sonhos apostólicos: estabelecer em Thonon uma *Santa Casa*, cuja bula de ereção já possui, assinada por Clemente VIII e datada de 1599, mas que as circunstâncias não permitiram lançar até ao presente. Esta Casa, que a bula intitula «Alberge de toutes les Sciences et Arts» e coloca sob a invocação de Nossa Senhora da Compaixão, é uma ideia muito original e por muitos aspetos moderna: compreende um prefeito e sete padres, e reúne «as pessoas convertidas a Jesus Cristo, de qualquer grau, estado, ordem e condição que elas sejam... (para ser) educadas e formadas na doutrina cristã, nas ciências, nas artes e em todas as virtudes»²⁷.

Francisco, de resto, não tem ilusões sobre os obstáculos que se levantam ainda diante da realização deste projeto: «Mas requer-se sobretudo, declara ele, que em breve se ponha mãos à obra, realmente e a sério, pois as boas intenções de pouco servem. Se este projeto não se puder executar de uma só vez, que ao menos se realize pouco a pouco, começando pelas partes mais necessárias,

27 *Mémoires et documents* publiés par l'Académie Salésienne, T. V, pièce justificative, n° 25.

tais como o colégio, o seminário, e assim sucessivamente». Na realidade, a bula só será aberta em 1602.

Neste ano de 1601, a pedido de Mons. de Granier, Francisco havia pregado em Annecy a estação quaresmal. Na manhã de quinta-feira 6 de abril, no momento em que ele ia subir ao púlpito, o reverendo Aimé Bouvard tinha vindo informá-lo de que, na véspera à noite, o Senhor de Boisy havia «entregue muito suavemente o seu espírito a Deus».

O bem-aventurado Francisco, juntando as mãos e elevando os olhos ao Céu, adorou a Deus que vive pelos séculos dos séculos, e não deixou de subir ao púlpito onde manteve tão bom aspeto e prosseguiu tão bem o seu discurso, que nunca ninguém se apercebeu que ele estivesse tão perturbado. Havendo feito o seu epílogo, mudou muito a propósito e surpreendeu o povo com estas palavras:



Monumento a S. Francisco de Sales próximo da igreja paroquial de Thorens Glières..

Ao vir para aqui, tomei conhecimento da morte da pessoa à qual devo mais no mundo; peço-vos duas coisas, uma que me dispenseis um ou dois dias, a fim de que eu possa prestar-lhe os últimos deveres, outra que façais o favor de rezar a Deus pelo repouso da sua alma».

Terminada a Quaresma, Mons. de Granier e seu coadjutor foram visitar as paróquias do Chablais e reorganizá-las.

Ora, eis que um problema delicado se coloca a Mons. de Granier: o rei de França mostra-se muito favorável ao restabelecimento do culto católico no Gex; o que significa que se restabeçam os párocos nas vinte e seis paróquias desta região; mas, pressionado entre a resolução de favorecer os católicos e o seu cuidado de não descontentar os protestantes, Henrique IV não fala de devolver a estes párocos os benefícios espoliados pelos protestantes. Ora, de que viverão estes padres se não recuperarem os seus rendimentos? Mons. de Granier pede a Roma que Sua Santidade faça pressão sobre o rei. Roma dá ordem disso ao seu núncio em Paris. Mas o núncio não está muito ao corrente da situação real da religião na região de Gex: precisa de um conselho competente. Mons. de Granier, cuja saúde era então bastante precária e que, desde há três anos, havia tomado o costume de confiar as suas preocupações mais graves ao seu coadjutor, enviou Francisco a Paris para tratar do assunto de Gex com o núncio de França e com o rei.

A estadia de 1602 em Paris

Na quarta-feira 2 de janeiro de 1602, Francisco de Sales tomava, pela segunda vez na sua vida, o caminho de Paris. Era acompanhado pelo cónego Déage e por Antoine Favre. Na terça-feira 22 de janeiro, a pequena comitiva chegava a Paris: Francisco ficou alojado na rua Saint-Jacques, como no tempo dos seus estudos.

Desde a sua chegada, Francisco apresenta-se ao núncio de França. Mons. Innocenzio del Bufalo mostra-se acolhedor no seu lugar; mas nada, diz ele, se pode fazer em favor dos católicos de Gex, se antes não se ganhar para a sua causa o senhor de Villeroy, a quem o rei encarrega dos assuntos estrangeiros da França. Em 8 de fevereiro, Francisco escreve a Mons. de Granier: «Depois de a corte ter regressado a esta cidade, Mons. o Núncio deu-se ao incómodo de ir junto do senhor de Villeroy a quem Sua Majestade nos havia enviado para tratar do assunto, e ali tive mesmo que debater pelas nossas pretensões. Todavia, no fim dei o meu golpe fundamental, sobre o qual ele me disse que o Conselho nos faria direito e justiça, e que não tivéssemos disso a menor dúvida». Na realidade, esta «muito boa esperança» será lenta de realizar, e só se realizará parcialmente: só em setembro é que Francisco retomará o caminho da Saboia.

Pelo menos, esta estadia forçada vai ser para Francisco de grande proveito espiritual e apostólico: confere-lhe, por assim dizer, as suas dimensões humanas, arrancando-o de uma vez por todas a qualquer particularismo regional e colocando-o diante dos grandes problemas do mundo e do tempo. Quando, dentro de alguns meses, Francisco deixar Paris, terá descoberto a corte de França, com as suas grandezas, mas também as sua intrigas e os seus jogos de influência; terá pregado e retido ao pé do seu púlpito auditórios brilhantes, com frequência tão frívolos quanto sensíveis; terá mergulhado no admirável renovamento religioso que atravessa então a alta sociedade parisiense. «Santos, verdadeiros santos, em grande número, e por todo o lado»²⁸. Terá atraído a si muitos espíritos e muitos corações... E, no meio de todos estes sucessos e todos estes trabalhos, terá manifestado na sua vida quotidiana a santidade e a caridade do verdadeiro padre de Jesus Cristo.

Tudo proveio, julgando segundo as causas humanas, de que Francisco, em Paris, ia por vezes a casa da Princesa Marie de

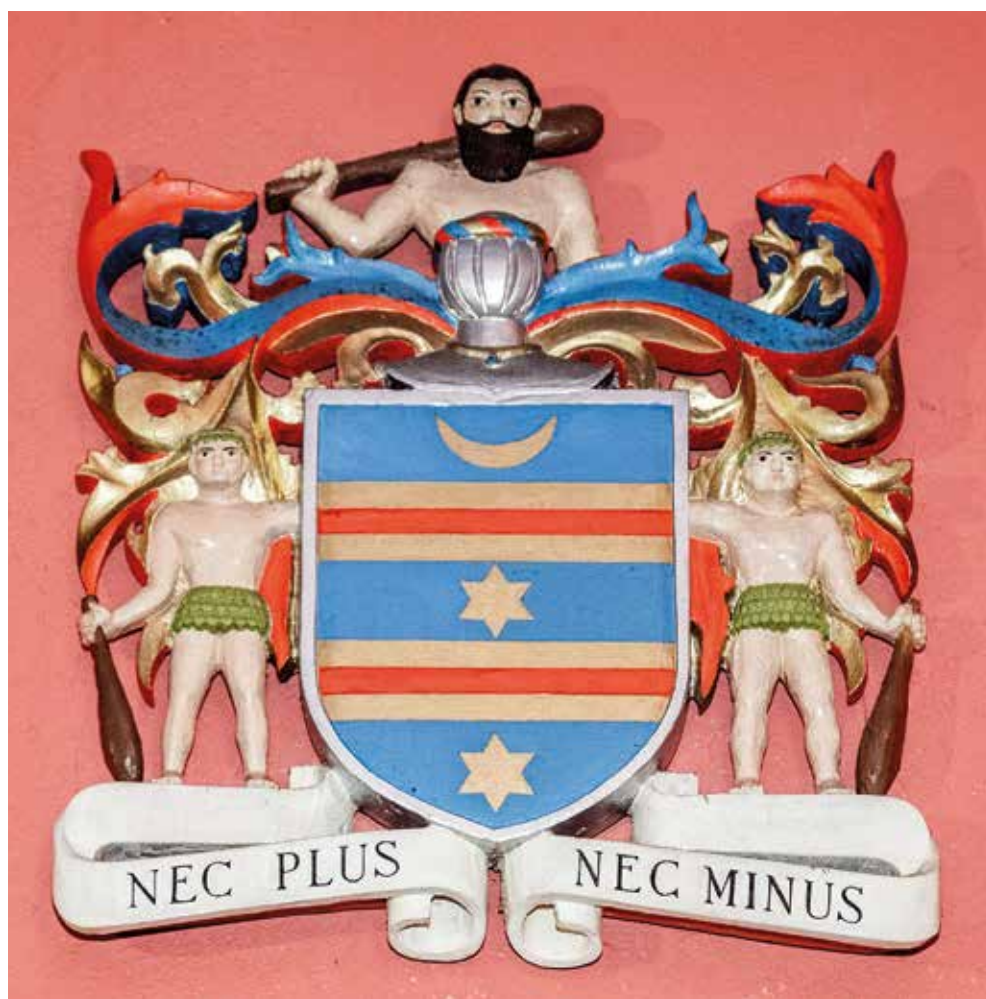
28 H. BREMOND, lib. cit., T. I, p. 95.

Luxembourg, duquesa de Mercœur: havia ali, diz ele, um «afeto do qual... eu não podia prescindir, dado que me era hereditário, havendo meu pai, meu avô e meu bisavô tido a honra de haver sido alimentados enquanto pajens e quase o resto da sua vida, na casa dos ilustríssimos príncipes de Martigues, respetivamente pai, avô e bisavô» da duquesa. Ora, aconteceu que, pouco antes da Quaresma de 1602, «por casualidade, a capela da rainha na sala do Louvre, estava destituída de pregador»: Francisco foi solicitado. Sem outra ocupação senão aguardar «o desenlace das suas diligências», teve de aceitar: «Vi-me forçado, por honestidade, a pregar na capela da rainha três vezes por semana, escreve em 9 de março de 1602, a M. de Quoex, diante das princesas e cortesãos, não tendo podido recusar os pedidos e ordens que me foram apresentados. Mas isso entende-se, acrescenta com finura Francisco a este correspondente romano, sem retardar a solicitação que faço lentamente para secundar o humor daqueles que têm o assunto em mãos, aos quais sou forçado a acomodar-me». Apesar de haver sido improvisada, esta Quaresma nem por isso deixou de ser um franco sucesso e, por cúmulo de edificação, o pregador recusou, terminada a Quaresma, a «belíssima bolsa cheia de escudos de ouro ao sol» que lhe mandou entregar, em jeito de recompensa, a princesa de Longueville. Os nossos cortesãos não acreditavam nos seus olhos.

Durante este tempo, os Genebrinos fazem intrigas junto do ministro Villeroi para frustrar o pedido do coadjutor, e o assunto da região de Gex revela-se «de tão delicada condução e bizarro prosseguimento», que Francisco receia mesmo, no princípio de abril de 1602, regressar a Annecy «sem outra expedição senão esperanças». Contudo não é culpa sua: pois multiplica cartas e diligências...

Sobreveio então um incidente que deu à negociação uma volta mais favorável. Henrique IV, tendo ouvido grandes elogios deste pregador saboiano, «quis vê-lo no púlpito»: Francisco foi a Fontainebleau, e no domingo de Quasimodo, 14 de abril, pregou diante do rei. «No dia de Quasimodo, o rei fez-me pregar diante dele, e

mostrou ter ficado contente». Depois desta pregação, Francisco teve uma longa conversa com o rei. Era uma oportunidade, sem a qual o assunto da região de Gex se teria totalmente gorado. A 18 de abril de 1602, ele notifica a M. de Quoex : «Regresso agora mesmo de Fontainebleau e, se não tivesse lá estado, toda a minha negociação estava arruinada. Todavia, fiz tanto que recuperei alguma boa esperança; dentro de dois ou três dias, terei a resolução completa do caso. Não será, à aventura, com todo o contentamento que nós



Brasão de Francisco de Sales.

desejamos: é preciso tirar do fogo o que se pode salvar. Será sempre muito, pelo que dizem os peritos... O andamento dos assuntos é tão penoso nesta corte, que quando se pensa que se está libertado, se está embaraçado ao máximo».

Decididamente, o futuro bispo de Genebra anda em dura escola, mas isso aperfeiçoa nele o diplomata. De decepção em esperança, de esperança em decepção, as coisas arrastar-se-ão até setembro... e, de facto, o ganho será magro. Dando conta da sua missão ao Papa Clemente VIII, Francisco fará este balanço desencantado: «Parecia que nada contrariaria a esperança do sucesso desejado. Mas, oh miséria do nosso tempo! Depois de haver feito tantas diligências por esta santa negociação, apenas obtivemos autorização de celebrar os santos mistérios em três localidades, com a concessão para tal, de um rendimento anual para os nossos padres. Quanto ao resto, o próprio rei nos pintou a dureza dos tempos: «Eu desejaria, mais que ninguém, disse ele, o total restabelecimento da religião católica, mas o meu poder não iguala o meu prazer», e semelhantes conversas. É assim que ao fim de nove meses inteiros, me vi forçado a regressar sem ter feito quase nada».

«Sem ter feito quase nada»: a palavra era talvez exata no plano da negociação. No plano espiritual, ao contrário, Francisco havia feito muito, e ele havia aprendido mais ainda. Pregou «mais de cem vezes», confessou, converteu; visitou conventos e mosteiros, e despertou de novo nas almas o fervor.

Sobretudo, foi introduzido por Pierre de Bérulle, então simples «abade» e oito anos mais novo do que ele, no hotel de Madame Acarie, que Bremond não receia chamar «uma nova Teresa»²⁹. Ali frequentam Asseline, Marillac, o Chartreux Beauconsin, e o que Paris conta de mais devoto. Parece que Francisco de Sales exerceu neste grupo, apesar de já tão fervoroso, uma real influência: vários o escolheram por confessor e diretor de consciência; mas ele recebe

29 H. BREMOND, *ibid*, p. 96.

ainda mais do que dá. Junto das pessoas que assim se reuniam, as graças propriamente místicas, até os fenómenos extraordinários, não eram raros.

A mais favorecida parece mesmo ter sido a própria Madame Acarie. Ora, ela bem depressa teve em Francisco plena confiança: «abria-lhe o coração, não somente no sacramento da Penitência, mas também nas conversas particulares». Francisco foi de resto, a respeito da sua penitente, de uma grande discrição, e não a interrogou de forma alguma sobre as graças extraordinárias com que o Espírito Santo a favorecia; mais tarde, sentirá mágoa disso: «Oh que falta cometi, quando não aproveitei da sua santa conversação: com efeito, ela ter-me-ia aberto totalmente a sua alma; mas o grande respeito que tinha por ela, fazia com que eu não ousasse perguntar a mínima coisa». Não que ele mesmo não tivesse já experimentado em várias circunstâncias estes estados privilegiados em que Deus se torna sensível³⁰ à alma; mas cada experiência, neste género de graças, é original, e cada alma tem alguma coisa a aprender das outras almas: assim se explica a mágoa de Francisco.

O encontro de Francisco de Sales e do grupo Acarie teve duas consequências extremamente importantes na história religiosa da França: «Nestas assembleias, foi decidido pelo seu conselho e por desejo de (Madame) Acarie, recorrer à Espanha, para ter religiosas Carmelinas (sic) de santa Teresa (Teresa de Ávila tinha morrido em 1582, havia, portanto, vinte anos), e a Roma, para ter padres do Oratório do Nome de Jesus³¹; o que sucedeu com tanto êxito que, por consentimento do rei e favor do Soberano Pontífice, a princesa

30 Aqui separamo-nos conscientemente de P. A. LIUIMA, *Aux sources du Traité de l'Amour de Dieu de Saint François de Sales*, Rome, 1959, p. 185, et du P. SÉROUET, *De la vie dévote à la vie mystique*, Desclée de B., 1958, Ch. X et XI. – A nossa afirmação baseia-se numa análise dos textos que infelizmente não podemos desenvolver neste breve esboço.

31 O Oratório havia sido fundado em Roma em 1564 por Filipe Néri. É em 1611 que Pierre de Bérulle introduzirá o Oratório em França.

de Longueville enriqueceu a religião de Paris com um novo mosteiro depois de o bem-aventurado Francisco ter escrito a Sua Santidade e instruído amplamente a Sede Apostólica». ³² Em outubro de 1604 foi aberto em Paris o primeiro Carmelo.

Quando, no fim de setembro de 1602, Francisco de Sales partiu de novo para a Saboia, deixava atrás de si numerosas e grandes mágoas. Sem dúvida, não havia total sucesso na sua missão diplomática; havia ligado a si o coração de Henrique IV que quis logo nomeá-lo arcebispo em França e lhe atribuiu mesmo uma «avultada pensão» de que o prudente Francisco teve grande dificuldade em desprender-se. Ele levava também na sua alma a recordação reconfortante de muitas confissões, confidências e, acima de tudo, a alegria de haver tomado parte, durante vários meses, neste prodigioso impulso espiritual cujos efeitos em breve se fariam sentir em toda a França e fora da França. De Paris, não é excessivo dizer que Francisco de Sales regressa, havendo atingido uma espécie de maturidade humana e espiritual. As primeiras cartas de direção que ele escreverá após o seu regresso dão testemunho disso: mostram-no-lo na posse da sua doutrina espiritual, tal como se desenvolverá na *Introdução à Vida Devota*, nos *Entretenimentos* e no *Tratado do Amor de Deus*. «Repentina, completa e definitiva realização dele mesmo», ousa escrever Henri Bremond falando desta metamorfose de Francisco de Sales ³³.

Ao passar por Lyon, em 29 de setembro de 1602, Francisco tomou conhecimento de que Mons. de Granier havia falecido, dez dias antes, de alma toda ainda deslumbrada com o triunfal Jubileu secular de Thonon que acabava de presidir. Para o coadjutor, foi

32 Das cartas que Francisco escreveu para Roma por este assunto, possuímos pelo menos aquela que ele dirigiu ao Santo Padre, em novembro de 1603. As reuniões de Paris em que foi estudada e resolvida a introdução do Carmelo Reformado em França duraram, segundo a carta ao Papa, «alguns dias»: a última realizou-se, a 5 de junho, ao que parece, e na capela da Chartreuse de Saint-Georges.

33 H. BREMOND, lib. cit., T. I, p. 98.



Annecy, castelo e antigas casas que ladeiam le *Thiou*.

um grandíssimo «choque de tristeza»: Francisco chorou copiosamente aquele que, havia dez anos, era para ele um verdadeiro pai.

A sacração na igreja de Thorens

Portanto, os dados estão lançados para Francisco. Tem de «entrar na laboriosa e perigosa missão de bispo». «Seja o que a providência de Deus quiser, escreve ele a um amigo em 21 de outubro. Continuo a ser o mesmo de antes: não desejo o episcopado mais do que antes. Se tiver que ser, terei que o assumir; caso contrário, suportarei o melhor que puder...». Como é que o episcopado não haveria de vir? A sacração foi fixada para 8 de dezembro. «Recebi a consagração episcopal no dia da Conceição da Virgem Maria, Nossa Senhora, nas mãos da qual me entreguei», escreverá ele no dia 10 de janeiro de 1603 a Mons. Ancina, bispo de Saluces.

Para satisfazer um piedoso desejo de sua mãe, Francisco escolheu Thorens para «a solenidade da sua sacração; a causa era, a residência da sua mãe e dos seus irmãos, o desejo e as orações dos súbditos e, além disso, a natural inclinação pela sua terra, que parecia merecer isso dele, ver ungi-lo pontífice, tal como ela o havia visto nascer e fazer cristão».

Para esta graça da sacração, quis preparar-se com um longo retiro. «Escreveu ao padre Jean Fourier³⁴, da Companhia de Jesus, que por então se encontrava em Thonon, suplicando-lhe o favor de ir a Sales para lhe servir de diretor, na revisão que ele queria fazer de toda a sua vida. Estando, portanto, livre de todos os outros pensamentos, ficou pelo espaço de vinte dias quase em solidão, e

34 O P. Jean Fourier aparece pelo menos em três ocasiões na vida de S. Francisco de Sales: serve-lhe de diretor no retiro de preparação para a Sacração; é por conselho seu que será publicada a *Introduction à la Vie Dévote*; por fim o P. Fourier encontrar-se-á em Lyon, junto de Francisco moribundo, em 28 de dezembro de 1622.

com orações contínuas, jejuns, macerações do corpo e semelhantes exercícios, preparou-se para a confissão geral de seus pecados; depois da qual se prescreveu ele mesmo uma maneira de viver, com o parecer do seu sábio diretor». Estas regras de vida, Madre de Chantal afirma tê-las visto «escritas de seu próprio punho» e tê-las lido. Elas constituem por si sós um curto tratado do ideal sacerdotal, tal como o Evangelho o propõe: pobreza, jejum, esmola, oração, confissão, contactos com o seu «povo» e, no centro de toda esta vida de graça e de cântico, o santíssimo sacrifício da missa, que ele celebrará todos os dias, a não ser que seja impedido por alguma necessidade extrema... Não será mal, a propósito, que nos dias a que se chama de devoção, ele celebre a missa nas igrejas onde estiver, a fim de que o povo vindo ali, encontre sempre o seu bispo à frente, como nas festas solenes destas igrejas». O retirante insistiu para que neste regulamento de retiro o padre Fourier colocasse a sua assinatura.

No dia 8 de dezembro, começou-se de manhã cedo a caminhar de Sales para Thorens». A igreja paroquial estava sumptuosamente atapetada e engalanada. Os «prelados da sagração» eram «Vespasiano Gribaldi, arcebispo e conde de Viena, primaz dos primazes das Gálias, Thomas Pobel, bispo de Saint-Paul ou de Trois-Châteaux, e Jacques Maistret, bispo de Damasco, da Ordem dos Carmelitas». A cerimónia desenrolou-se segundo o ritual. Mas eis que, segundo o testemunho de Madre de Chantal, «nesta ação da sua sagração, lhe pareceu ingenuamente que a adorabilíssima Trindade imprimia interiormente na sua alma aquilo que os bispos faziam exteriormente sobre a sua pessoa; igualmente lhe parecia ver a Santíssima Mãe de Nosso Senhor que o colocava sob a sua proteção, e os apóstolos S. Pedro e S. Paulo ao seu lado a protegê-lo. Eram estas, parece-me, afirma a Madre de Chantal, as suas mesmas palavras».

Durante um mês, após esta «consagração episcopal», só falava «como um homem estranho ao mundo», «e embora a lida diária

tenha amortecido um pouco o ardor do coração, as resoluções, pela graça divina, tenho-as mantido». Notemos a data desta confiança: 1619!

No sábado 14 de dezembro de 1602, o novo bispo de Genebra entrou solenemente em Annecy e foi entronizado na igreja catedral. No dia seguinte, era o terceiro domingo do Advento: nas vésperas, Francisco subiu ao púlpito, falou da Natividade, mas repentinamente «como se tivesse caído em êxtase, narrou ao seu povo sem se dar conta disso todas as maravilhas que lhe tinham acontecido aquando da sagração». Dez anos mais tarde, no dia aniversário da cerimónia, escreverá a Madre de Chantal: «Disse no meu sermão que havia dez anos que eu havia sido consagrado, isto é, que Deus me tinha tirado a mim mesmo para (me) tomar para Ele e depois me dar ao povo, quer dizer, que Ele me havia convertido daquilo que (eu era) para mim naquilo que eu fosse para eles». A sua vida de bispo não será senão a pôr em prática este ideal: ele será cada dia mais «tomado por Deus e dado ao povo».



7. O BISPO NO MEIO DO SEU POVO

Segundo a reforma do concílio de Trento

«Aplicou imediatamente o seu espírito às grandes coisas e prementes assuntos da sua diocese». Um pensamento o habita: ser na sua diocese o bispo que a Igreja deseja, o bispo tal como o concebeu e definiu o concílio de Trento em seu desejo de reforma. Conhecemos, por Francisco mesmo, as suas disposições íntimas naquele primeiro ano de pontificado. Um dos seus amigos, Antoine de Revol, foi nomeado bispo de Dol e pede-lhe conselho. Em 3 de julho de 1603, Francisco responde-lhe com uma longa e admirável carta que seria necessário citar toda inteira: «Vós entrais no estado eclesiástico (Antoine de Revol não era ainda padre), no cume deste estado. Dir-vos-ei o que foi dito a um pastor escolhido para ser rei de Israel: *Mutaberis in virum alterum*; é necessário que vós sejais totalmente outro em vosso interior e em vosso exterior. E para fazer esta grande e solene mudança, é necessário virar ao contrário o vosso espírito e revolver tudo... Para vos ajudar nesta mudança, é preciso que empregueis os vivos e os mortos: os vivos, porque precisais de encontrar um ou dois muito espirituais, da conversação dos quais possais tirar partido. É um grande alívio ter confidentes para o espírito... Quanto aos mortos, é preciso que tenhais uma pequena biblioteca de livros espirituais de duas espécies: uns para vós enquanto eclesiástico, outros para vós enquanto bispo... Tende, suplico-vos, todos os escritos de Granada³⁵, e que seja o vosso segundo breviário... o seu principal uso, é que levará o vosso espí-

35 Luís de Granada, escritor espiritual espanhol do séc. XVI.

rito ao amor da verdadeira devoção e a todos os exercícios espirituais que vos são necessários... Mas para o ler frutuamente, não é preciso criticá-lo, mas é preciso pesá-lo e apreciá-lo, e capítulo após capítulo ruminá-lo e aplicá-lo à alma com muita consideração e orações a Deus. É preciso lê-lo com reverência e devoção... Ia-me esquecer de vos dizer que deveis, de toda a maneira, tomar a resolução de pregar ao vosso povo...».

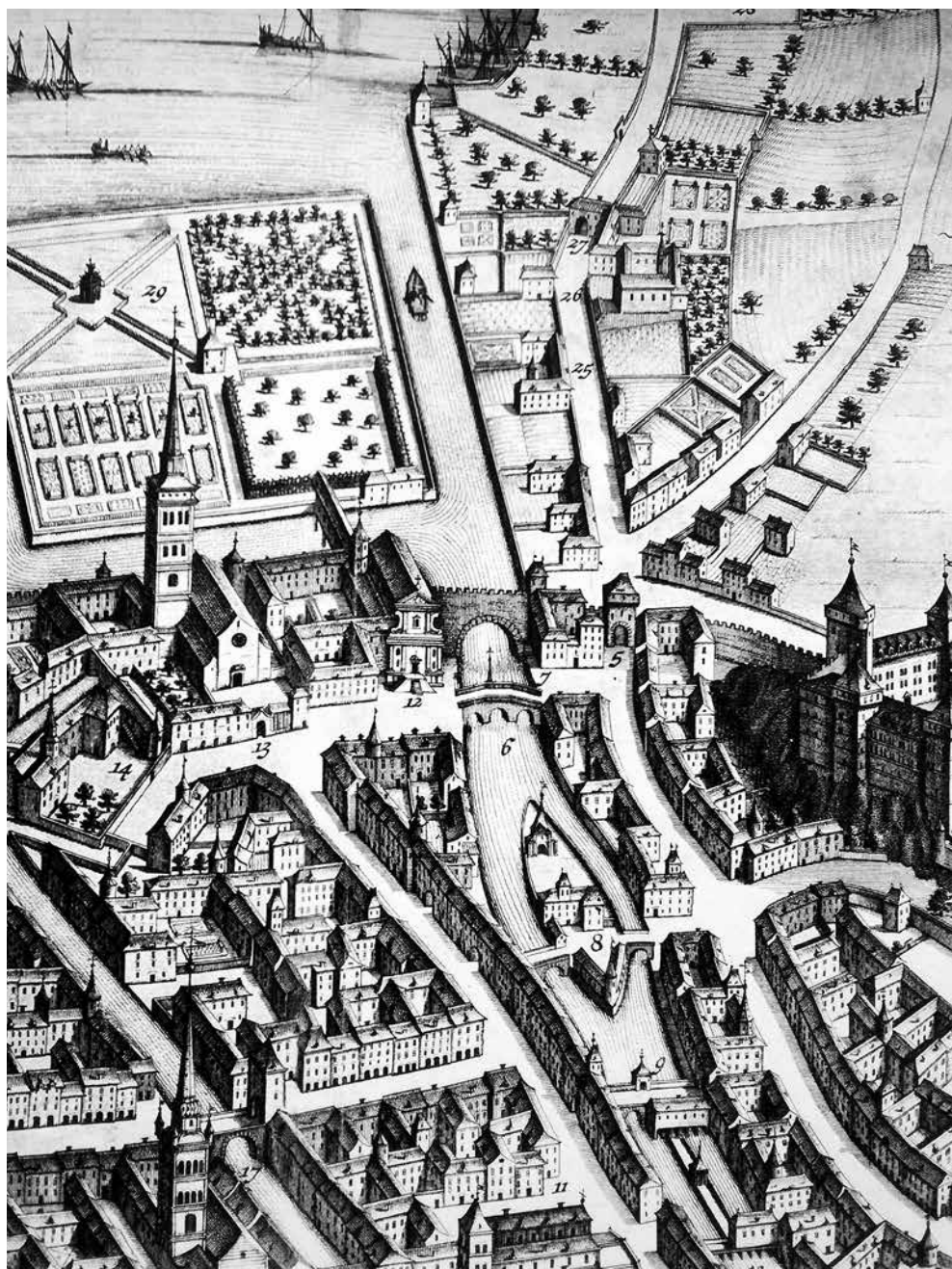
Francisco tem, de resto, demasiada experiência apostólica para acreditar que este ideal que faz do bispo, se realizará sem dilaceração e «multidão de imperfeições». A M. de Bérulle, havia escrito, alguns dias depois da sua sagração: «Não há remédio: precisaremos sempre da lavagem dos pés, visto que caminhamos na poeira».

Aqui está, portanto, Francisco de Sales todo inteiro entregue à sua diocese. Durante vinte anos, consagrar-lhe-á os seus dias e as suas noites, os seus trabalhos e as suas vigílias. Se porventura se ausenta dela, é sempre com alguma pena e não sem receio que a sua ausência a prejudique; é a maior parte das vezes também para lhe prestar algum serviço. Apenas aceita alguns dos numerosos convites para pregar, com que o assaltam os bispos seus amigos: ele sabe antes de tudo que o duque Carlos Manuel, ao mesmo tempo que está orgulhoso do seu bispo de Genebra, não gosta muito de o ver triunfar noutros púlpitos, e receia particularmente a estima que lhe testemunham Paris e o rei de França; e depois sente ele mesmo algum remorso de deixar por outras ovelhas as ovelhas do seu próprio rebanho. Há tanto que fazer nesta diocese de Saboia: além de a vizinhança e as cobiças de Genebra continuarem, não obstante a paz, a pesar fortemente em certas «regiões», é preciso restaurar, reparar, restabelecer tudo, em primeiro lugar as almas, no verdadeiro fervor católico. O território sobre o qual se exerce a jurisdição do Bispo de Genebra é grande e belo, mas certas aldeias ou lugarejos são de acesso difícil, até perigoso, sobretudo na estação do inverno. Os recursos episcopais em dinheiro são escassos e de modo nenhum permitem grandes empreendimentos.

Mas tudo isto seria pouco, se um mal secreto não minasse tudo o que se tenta edificar. Este mal, Francisco conhece-o, já o denunciou, mas agora, como bispo, toma dele uma consciência mais aguda, mais pessoal: este mal é o mal de que sofre toda a Igreja, o mal que favoreceu o desenvolvimento do protestantismo, o mal ao qual o concílio de Trento decidiu certamente aplicar os remédios mais enérgicos, mas que custa a curar. «Ele falou-me também com a mesma franqueza, referirá um dia Madre Angélique Arnauld, e posso assegurar-vos que ele não me escondia nada dos seus mais secretos e importantes pensamentos sobre o estado em que se encontrava a Igreja e sobre a conduta de algumas Ordens religiosas». Madre Angélique Arnauld refere mesmo uma longa confidência que ela teria recebido do Bispo de Genebra: «Minha filha, aqui estão motivos de lágrimas... É preciso chorar e rezar em segredo que Deus ponha a mão onde os homens não seriam capazes de a meter. Nós devemos pedir... que Ele reforme os abusos que se infiltraram na conduta dos ministros da Igreja, e lhe envie santos pastores animados do zelo de S. Carlos, que servem para a purificar pelo fogo do seu zelo e da sua ciência, e para a tornar sem mancha e sem rugas pela disciplina, como ela o é pela fé e pela doutrina»³⁶.

Esta conversa entre Mons. de Sales e Madre Angélique não pode datar senão de 1619, mas a alusão a S. Carlos Borromeu (e a M. de Bérulle, que aqui é igualmente nomeado) permite inferir deste documento que esse era mesmo desde 1603 o pensamento de Francisco de Sales. Francisco, há pouco saído da Universidade de Pádua, não havia ele desejado visitar Milão, a cidade onde sete anos antes tinha morrido o santo bispo? E guardou sempre no seu lugar a devoção mais fervorosa, que atiçava ainda a amizade que o ligava ao primo de S. Carlos, o cardeal Federico Borromeu. Nesta devoção, não há dúvida de que entrava muito o zelo pela reforma católica. Na primavera de 1613, irá em peregrinação ao túmulo do

36 Citado por SAINTE-BEUVE, *Port-Royal*, T. I, pp. 210-211.



Planta de Annecy (de *Theatrum statuum regiae celsitudinis Sabaudiae ducis...*, pars II, Amsterdam, I. Blaeu, 1682).

seu santo modelo; ao celebrar a missa diante do relicário de cristal, ficará deslumbrado e fora de si...

Durante vinte anos, Francisco de Sales vai esforçar-se por realizar na sua diocese de Genebra o que Carlos Borromeu havia realizado na diocese de Milão: isto é, a reforma segundo o ideal definido pelo concílio de Trento.

Tracemos, em grandes etapas, o calendário destes vinte anos de episcopado. Outubro de 1603: convocação do sínodo diocesano que reuniu em Annecy «todos os eclesiásticos da diocese, abades, priores, decanos, cónegos e reitores das igrejas paroquiais» - primeiro contacto de Francisco com o conjunto do seu clero. Quaresma de 1604: a primeira quaresma de Dijon e o encontro de Jeanne Frémyot de Chantal. 1605 a 1608: a bela época da Académie Florimontane. 1609: A *Introduction à la vie dévote*. 1610: na festa da Santíssima Trindade, 6 de junho, Madame de Chantal, a menina Brécharde e a menina Favre entram na casa da Galerie, em Annecy, e fundam a Visitation Sainte-Marie. 1616: em agosto, o *Traité de l'Amour de Dieu* é publicado em Lyon, na editora Pierre Rigaud. 1618-1619: Francisco passa algum tempo em Paris pela terceira vez.

Simple pontos de referência para balizar esta existência toda consagrada ao serviço da diocese. Francisco pertence por inteiro ao seu povo.

Fiel ao espírito da reforma *in capite et in membris*, é pela sua pessoa e pela sua própria casa que Francisco de Sales começa a santificação da sua diocese. Tem um modo de vida muito simples. É pobre: pobre de recursos pessoais, deixou aos seus irmãos todo o seu património; pobre de recursos episcopais, o seu bispado só lhe entrega mil escudos de ouro por ano; pobre porque multiplica as esmolas em público e em privado; pobre porque ele o quer assim, para viver «como os apóstolos». Reduziu o pessoal da sua casa ao mínimo estrito, a sua mesa é frugal, as suas vestes «limpas e bem arranjadas», mas de longo uso; na casa, «a maior que existe

na cidade de Annecy», que Antoine Favre coloca à disposição do bispo, em 1610, reserva-se para si mesmo um pequeno quarto muito modesto. Andarei todo o dia, afirma ele, na qualidade de bispo de Genebra, e à noite retirar-me-ei na qualidade de Francisco de Sales». Não vive na abundância. «Embora haja sido elevado à categoria de bispo, não se vangloriava disso na sua maneira de viver, como alguns fazem. Observava rigorosamente a abstinência e o jejum e aplicava-se a disciplina com bastante frequência até ao sangue».

Sobretudo reza: de manhã, entrega-se à oração durante uma hora inteira, reserva-se tanto quanto pode, segundo as suas resoluções da sagração, duas horas para o estudo, um estudo que de alguma maneira é sempre uma oração, tem grande devoção a dizer o Ofício que ele recita, quer de joelhos, quer a caminhar. Todos os dias, por volta das nove horas, celebra a sua missa: é em geral na intimidade do seu oratório, no paço episcopal; mas gosta também «nos dias a que chama de devoção» encontrar-se com o seu povo e celebrar numa igreja ou numa capela de Annecy. Gosta da bela liturgia e, se oficia pontificalmente, mostra-se severo na observância das rubricas. A missa é a seus olhos o cume da devoção particular e do culto público; celebrá-la e celebrá-la bem é o seu primeiro dever de pastor. Então começam para ele «os trabalhos e atalhos»...

Mas agir, para ele, é também fazer oração, porque é unir-se em profundidade à vontade de Deus. «Agarrai-vos bem a Jesus Cristo e a Nossa Senhora e ao vosso bom Anjo em todos os vossos assuntos, aconselhará ele um dia a Madame de Chantal, a fim de que a multiplicidade destes não vos perturbe e que a sua dificuldade não vos surpreenda. Fazei uma coisa a seguir à outra o melhor que puderdes, e empregai para isso fielmente o vosso espírito, mas com doçura e suavidade. Se Deus vos der a saída, louvá-l'O-emos por isso; se não lhe agradar, louvá-l'O-emos também...». Era isso, não duvidemos, definir a sua própria atitude nas «labutas deste mundo».

Mas por fim acontece que o cansaço se apodera do seu corpo e o desgosto da sua alma: é em Deus que o bispo de Genebra busca então a sua salvação. Não há cinco anos que é bispo quando escreve a um amigo de Dijon este bilhete requintado: «Passarei esta quaresma residindo na minha catedral e tornando a vestir um pouco a minha alma que está quase toda descosida por tanta labuta que sofreu... É um relógio avariado; é preciso desmontá-lo peça a peça, e depois de limpo e oleado, voltar a montá-lo para funcionar melhor». Assim faz ele sempre que pode, respeitando a resolução que tomou no retiro da sua sagração: «Todos os anos, pelo espaço de oito dias, e mais quando puder, fará a recoleção e purificação da sua alma».

Esta devoção do Bispo de Genebra brilha. De toda a sua pessoa emana uma paz, uma caridade que atrai os corações: quando ele passa na rua, as crianças rodeiam-no, agarram-se a ele; no paço episcopal, ou no confessionário, os pobres comprimem-se. Nada o afasta, ele não afasta ninguém... A seu respeito tecem-se narrativas maravilhosas: as pessoas não esqueceram que em Thonon, em 1598, aquando das Quarenta Horas, uma criança morta recuperou a vida, enquanto Francisco rezava junto do seu leito... ou que na sua sagração, na igreja de Thorens, ficou em êxtase uma meia hora... Também as roupas que ele toca, as medalhas que distribui, os pequenos objetos que lhe pertenceram, são procurados como relíquias... À medida que os anos passam, a admiração, o entusiasmo do bom povo de Saboia pelo seu bispo, crescem. Uma atmosfera de lenda sagrada o rodeia.

E como não haveria de ser assim? Não pode ficar tudo em segredo, as graças que o Senhor lhe concede. Considerando as luzes íntimas – como este êxtase do Castelo de Sales, onde lhe foi revelado que ele seria o fundador e guia de uma Ordem de Religiosas (e lhe foi mostrado) os fantasmas e ideias das principais pessoas da sua comitiva pelas quais esta Ordem deveria ter início - não poderiam em rigor passar despercebidos tantos e

tantos factos extraordinários: libertação de possessos, profecias e leitura das almas, cura de paralíticos ou de doentes, etc., mesmo até ressurreição à distância de uma morta. Notemos de passagem que estes milagres se prolongaram por muito tempo depois da sua morte no túmulo do santo ou à distância: para citar só dois exemplos, é certo que o Papa Alexandre VII que beatificou Francisco de Sales em 28 de dezembro de 1661 e o canonizou em 19 de abril de 1665 se considerava como um miraculado do Bispo de Genebra; - e as narrações contemporâneas das festas de beatificação em Annecy assinalam que por trás do relicário de prata, que continha os restos mortais de Francisco de Sales, caminhavam «os paralíticos curados, os ressuscitados»³⁷.

Mas o mais constante milagre desta vida, foi esta vida ela mesma, Francisco reconhece-o ingenuamente desde 1606: que acontecerá após 14 ou 15 anos de corridas e de trabalhos? «Sinto-me bem, minha querida Filha, escreve ela à baronesa de Chantal, a 2 de outubro, no meio de uma tão grande quantidade de assuntos e de ocupações que não se pode dizer mais. É um pequeno milagre que Deus faz, pois todas as noites, quando me retiro, não posso mexer nem o meu corpo, nem o meu espírito, tão grande é meu cansaço; e de manhã estou mais alegre do que nunca. Ordem, medida, razão, nada disso tenho agora (com efeito nada poderia esconder-vos) e, todavia, aqui estou muito forte, graças a Deus».

Não era preciso tanto para que o personagem Francisco de Sales se aureolasse de uma reputação de santidade. Tanto mais que por toda a parte se via que as «vilanias», críticas, insolências, calúnias contra o devoto bispo acabavam sempre por se virar contra os seus autores. Não que ele se atrasasse a refutá-las, a não ser que a honra da Igreja ou do sacerdócio estivesse em causa, mas tomava-as com benignidade, com paciência; e em geral tudo terminava, do seu lado, por um largo e total perdão concedido aos culpados. Então

37 Arch. Visitation d'Annecy, Recueil de circulaires, T. I, p. 573.

inventava destas palavras em que, debaixo do sorriso, escondia maravilhosamente a sua ferida, e que corriam logo entre o povo.

Um libelo difamatório foi um dia divulgado contra Francisco, em Annecy mesmo: o santo bispo não se perturbou, mas tendo um cónego lido este escrito, o capítulo procedeu rigorosamente, «e a sentença ia ser dada, se o bom do prelado (tão santo ele era) não se tivesse mesmo rebaixado até ao ponto de pedir ao seu capítulo que esta sentença, que já estava escrita, fosse suprimida e rasurada. Ele fez muito mais: porque alguns anos depois, procurou para este homem um cargo muito honroso segundo a sua condição e nascimento, junto dos Sereníssimos Príncipes, sem que ninguém fizesse qualquer pedido, mas por sua própria iniciativa. De sorte que era um provérbio muito corrente na Saboia, que era preciso ofender o bem-aventurado Francisco para receber dele toda a espécie de benefícios».

Esta paciência e estes perdões não eram do agrado de todos, e havia quem visse neles fraqueza, ou até pecado: «Quanto a Francisco de Sales irá seguramente para o paraíso, dizia o prior de Talloires, depois de Francisco ter perdoado aos monges que haviam tentado assassiná-lo. Quanto ao bispo de Genebra, não sei: pois ele não castiga». Era conhecer mal a nascente de todas estas virtudes. Sob o insulto ou a calúnia, «Francisco sentia – confessou ele – a cólera a ferver no seu cérebro como a água sobre o fogo», mas continha-se e pacificava-se, encontrando a sua alegria em se parecer a Nosso Senhor Jesus Cristo, ultrajado e desprezado, e à Virgem Maria. «Ó minha Madre, escreverá em 13 de dezembro de 1619 à Madre Chantal, que se inquietava com certas calúnias, não é preciso ter tanta pena de mim; é preciso aceitar que me censurem; se o não mereço de uma maneira, mereço-o de outra. A Mãe d'Aquele que merecia uma eterna adoração nunca disse uma palavra quando o cobriam de opróbrios e de ignomínias... Minha querida Madre, há muito amor próprio em querer que toda a gente nos ame, que tudo nos seja de glória».

Foi, evidentemente, a propósito das suas diligências «de assuntos», que Francisco teve de suportar mais críticas, e até mais suspeições; Deus sabe, no entanto, como ele se esforçava por informar com exatidão Roma ou o príncipe acerca da sua conduta. Querendo um bom exemplo disso, há que reler estas cartas ao duque e a Clemente VIII, em que ele pede autorização de pregar a Quaresma em Dijon em 1604. Mas o duque era demasiado intrujão, demasiado intriguista, para admitir que os convites para pregar, de que a França, a corte sobretudo e Paris, mas também Dijon, Lyon, Grenoble, investiam o Bispo de Genebra fossem devidos à sua eloquência ou mesmo à sua santidade. Por toda a parte farejava conspiração e traição. Várias vezes Carlos Manuel recusou a Francisco a autorização de aceitar essas propostas estrangeiras. Durante 9 anos, fê-lo esperar pela autorização de pregar em Paris. Que poderia maquinar o bispo com os Franceses?

Foi sem dúvida após a admirável travessia de Genebra por Francisco em 12 de setembro de 1609 que as suspeitas do duque atingiram o paroxismo. Evidentemente, a aventura temerária era bastante fabulosa para intrigar Carlos Manuel: para não perder um encontro que lhe havia sido fixado pelo barão de Lux, e onde se devia tratar do restabelecimento de três paróquias na região de Gex, Francisco, vendo que o Ródano engrossado pelas chuvas lhe era intransponível, havia pura e simplesmente decidido passar por Genebra: o bispo católico, em traje eclesiástico, e escoltado por um grupo de soldados, atravessando a cavalo, em pleno dia, a cidade de Calvino, não era certamente de todo banal... Narrando a aventura desde 21 de setembro seguinte ao seu amigo Antoine Favre, Francisco havia-lhe confiado a verdadeira versão deste sucesso: «Vós haveríeis sabido como eu atravessei Genebra sob a conduta do meu bom anjo». Mas esta explicação sobrenatural não satisfazia nem os Genebrinos, nem o duque... Foi necessário que Francisco se lavasse aos olhos deste da suspeita de traição! «Além de tudo isto, ainda utilizaram este argumento, escreve ele a M. des Hayes, a

4 de setembro de 1609: «Que é que ele fez em Gex para lhe dar esta confiança de passar nesta cidade tão inimiga com o nome que ele tem e com a sua qualidade, e na qual os seus predecessores nunca entraram desde a revolta, sem salvo-conduto, sem se disfarçar, sem negar a sua qualidade?». Mas, em pura verdade, eles conhecem mal a minha alma, se me julgam tão cheio de consideração e de apreensão que não pudesse cometer uma pequena temeridade. O tempo, a minha inocência, mas sobretudo a providência de Deus arranjará tudo isso: de que, no entanto, escrevi a Sua Alteza tudo o que me parecia, tendo antes sabido que ela se havia deixado levar a alguma sorte de desconfiança de mim... Eram estas as minhas notícias de Estado».

Para acreditar em Francisco, seria necessária ao duque uma ingenuidade que não era o seu forte. À mínima ocasião, as suas suspeitas ressurgiam, e Francisco teve várias vezes de o assegurar fortemente da sua fidelidade à Casa de Saboia: «Havendo sido advertido de que me tinham encarregado junto de Vossa Alteza de fazer certos maus golpes de Estado com os estrangeiros, escreve-lhe ele a 12 de junho de 1611, apanhei a maior surpresa do mundo, não podendo imaginar com que aparência de fundamento se pode construir esta calúnia... Gravei há muito tempo no meu coração o dever que tenho (para com Vossa Alteza) para nunca me rebaixar a fazer coisa que possa, por pouco que seja, prejudicar os Vossos interesses; e tenho uma aversão demasiado grande à preocupação pelos assuntos de Estado, para jamais querer pensar nisso de forma deliberada».

Se Francisco se defende com esta firmeza, é que a honra e o interesse da diocese estão aqui em jogo, o destino também e a situação dos seus próximos e dos seus amigos. Esta força límpida – Sainte-Beuve diria: esta audácia de pomba – é um dos aspetos menos conhecidos da sua personalidade: intrigas e calúnias – é o lado bom destas misérias – permitiram que ela nos fosse revelada. Esta altura de pensamento, de atitude e de tom, encontramos-los

também na sua correspondência, cada vez que o insulto atinge, através do bispo, a Igreja, os seus padres ou as suas Filhas da Visitação, ou a justiça devida a cada uma das suas ovelhas. Então despertava nele o polemista ousado, irónico, virulento de que, de ordinário, se se tratasse só dele mesmo, humildade e caridade atenuavam a veia.

Também estas mesmas «arrelias», e estas contrariedades redundavam em favor de Francisco. Só um santo podia conduzir-se, nestes «sarilhos» com tanta ponderação, sabedoria, equilíbrio. Esta reputação de santidade ultrapassava mesmo os limites da Saboia. A viagem de Francisco ao Franche-Comté em 1609, quando ali se deslocou por ordem de Paulo V para resolver o assunto das Salinas, foi um triunfo: em Dôle, então a capital, em Besançon, em Baume-les-Dames, em toda a parte, queriam vê-lo, ouvi-lo pregar, confessar-se a ele, comungar da sua mão. E toda aquela gente chamava a Francisco «nosso bispo, como se de facto fosse seu pastor».

Aquando da viagem a Paris, em 1618, houve ainda outra coisa. Igrejas e mosteiros disputaram a graça de o ouvir: conta-se que em nove meses pregou cento e sessenta e cinco vezes; e como a sua saúde parecia vacilar, procuravam munir-se de relíquias: nos mosteiros guardava-se com devoção a faca, a colher de que ele se havia servido na sua refeição, e mais ainda as roupas, os paramentos que ele havia usado para celebrar a missa. De todas estas importunidades, Francisco saía-se como podia... Pelo menos não tolerava que os seus amigos tomassem parte neste concerto: «Vós não escreveis segundo (o meu desejo), escreve ele a Madame de Chantal em 25 de novembro de 1607, nem à minha mãe, nem a Mme de Charmois, quando dizeis: «o nosso bom e santo bispo»; com efeito, no lugar em que estas boas senhoras deveriam ler “sot” (parvo) bispo, elas leem santo bispo. Sei bem que no tempo do nosso São Jerónimo se chamava santos a todos os bispos em razão do seu cargo; mas não é o costume agora». Em 24 de janeiro de 1608, insiste: «Tenho de vos proibir esta palavra santo quando escreveis sobre mim, porque,



Annecy, Maison Lambert,
primeira habitação do bispo Francisco de Sales.

minha Filha, sou mais “feint” (fingido) do que “saint” (santo): de resto a canonização não é convosco».

A doutrina espiritual de Francisco de Sales

Pode-se sem dúvida recusar como excessivo tal ou tal testemunho dos primeiros biógrafos de Francisco de Sales, e invocar a sua vontade de edificação ou, o que vem a ser o mesmo, a sua ausência de espírito crítico. A massa dos factos e dos documentos é tal que não se pode pôr em dúvida a veneração de que foi rodeado, na sua vida, o bispo de Genebra.

A que se devia isto? Sem dúvida à irradiação da sua alma. Mas seria falsear o seu retrato espiritual fechar a sua santidade na sua fidelidade pessoal a Deus. A sua santidade é uma santidade apostólica. As graças que lhe são concedidas, quer fazer beneficiar delas todo o seu rebanho. A sua reforma de vida, quer que ela se torne, tanto quanto possível, a reforma de todo o seu povo. A santidade – e, dizendo isto, dou à palavra todo o seu peso de graça – diz respeito a cada uma das suas «ovelhas».

E foi a maravilha deste apostolado: Francisco de Sales ousou, senão conduzir, pelo menos orientar as almas, todas as almas que lhe estavam confiadas: o seu povo, o seu clero, os seus religiosos e as suas religiosas, os seus filhos e as suas filhas espirituais, para o ideal de vida que ele uma vez havia concebido como sendo o ideal evangélico. Ninguém deve ficar à parte deste grande movimento: cada um tem o seu lugar, cada um segundo a sua medida, a sua situação, o seu «estado», o seu atrativo de graça, mas todos devem aceder de perto ou de longe a esta «Vida de santa caridade» sobre a qual projeta em segredo, desde fevereiro de 1607, escrever o livro, e que ele definiu dois anos mais tarde, numa carta do arcebispo de Viena, nestes termos menos clandestinos: «Medito num livrinho

do amor de Deus, não para tratar dele especulativamente, mas para mostrar a sua prática na observância dos mandamentos da primeira Tábua. Este será seguido de outro que mostrará a prática do mesmo amor divino na observância dos mandamentos da segunda Tábua, e ambos poderão ser resumidos num volume adequado e manejável».

A força de Francisco de Sales, bispo, consistiu em dispor, desde o início, de uma doutrina, não só teológica, mas também espiritual, da vida cristã, e haver recebido de Deus dons e uma graça excepcional para fazer viver deles as almas. Sermões, escritos, conselhos, direção, tudo dele se dirige ao coração, porque a religião é essencialmente para ele uma vida e uma vida do coração. «Deus é o Deus do coração humano»; «entre esta divina Bondade e a nossa alma», há «grande afinidade, mas secreta». Se bem que o estado da nossa natureza humana não seja agora dotado da santidade e retidão original... e que, ao contrário, estejamos grandemente depravados pelo pecado, acontece, porém, que a santa inclinação de amar a Deus sobre todas as coisas permaneceu, como também a luz sobrenatural pela qual conhecemos que a sua soberana bondade é amável acima de todas as coisas».

Esta inclinação natural «permanece por algum motivo nos nossos corações: com efeito, Deus serve-se dela para poder mais suavemente tomar-nos e levantar-nos para si». É ela que atua já no coração dos infiéis: «Ó Jesus, que prazer delicioso ver o amor celeste que é o sol das virtudes, quando pouco a pouco, por progressos que insensivelmente se tornam sensíveis, vai desdobrando a sua claridade sobre a alma, e não cessa enquanto esta não está totalmente coberta com o esplendor da sua presença, dando-lhe enfim a perfeita beleza do seu dia! Oh como esta alvorada é alegre, bela, amável e agradável!».

Uma vez feito o ato de fé requerido para a nossa justificação, nada se opõe, senão as nossas paixões e o nosso apego ao pecado, a que o amor divino se desenvolva em nós em toda a sua plenitude.

As orações excepcionais e os fenômenos extraordinários não são essenciais à vida de caridade, mas sim «a união da alma com o seu Deus» que se alcança, na oração e na ação, pela perfeita conformidade da nossa vontade com a vontade de Deus. O único «êxtase» autêntico é «o êxtase e arrebatamento da vida e da ação ultrapassando-se a si mesmo e as inclinações naturais..., do qual o grande Apóstolo fala principalmente quando diz: *Eu vivo; mas já não sou eu que vivo, é Jesus Cristo que vive em mim*».

Assim, é a partir das verdades mais comuns da fé e dos textos mais claros do Evangelho, que Francisco de Sales orienta a alma para a união mais profunda com Deus. «Prego aqui neste Advento, escreve a 13 de dezembro de 1619, os mandamentos de Deus que eles desejaram ouvir de mim, e sou maravilhosamente escutado, mas também prego de todo o meu coração, do qual coração vos direi, minha querida Madre, que Deus, pela sua bondade infinita, o favorece muito, dando-lhe muito amor pelas máximas do cristianismo; e isto na sequência das luzes que Ele me dá da beleza delas e do amor que todos os santos lhes consagram no céu, sendo eu de opinião que lá em cima se canta com uma vida incomparável: *Bem-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus*». Deus pela sua criação, pela Encarnação, pela Redenção, colocou todos os seus tesouros ao alcance dos mais humildes: é segundo o amor que se diferenciam as almas. «O amor é o primeiro ato e princípio da nossa vida devota ou espiritual pelo qual nós vivemos, sentimos e nos comovemos; e a nossa vida espiritual é tal como são os nossos movimentos afetivos». Se, portanto, «o amor é a vida do nosso coração», se a santidade não é assunto de estado, de situação, de função, menos ainda de riquezas, as pessoas casadas podem atingi-lo tão bem como os monges, a criança tão bem como homem maduro, o ignorante, o rude tão bem como o teólogo, o doente e o enfermo tão bem como o de boa saúde.

E eis que surge o problema que se vai impor cada vez mais ao pensamento religioso de Francisco de Sales, – um problema que

tornará cada vez mais agudos os seus contactos apostólicos com as almas: a «vida de santa caridade» pode viver-se em todos os estados: ela depende da graça que Deus concede e da generosidade com a qual a alma corresponde a este apelo divino. «Que Deus toque e belisque onde Ele quiser e em tal corda do nosso alaúde que Ele escolherá, fará sempre uma boa harmonia: Senhor Jesus, sem reservas, sem *se*, sem *mas*, sem exceção, sem limitação, a vossa vontade seja feita... em tudo e sempre...». «Vejo-Vos, parece-me, escreve a Madame de Chantal em 1607, com o vosso coração vigoroso que ama e que quer poderosamente. Estou contente com isso: pois estes corações meio-mortos, para que servem? Mas temos de fazer um exercício particular de querer e de amar a vontade de Deus mais vigorosamente, e digo mais: mais terna, mais amorosamente, do que nada no mundo».

Porque o capítulo intitulado «Que a devoção é conveniente a toda a espécie de vocações e profissões» se encontra na *Introdução à Vida Devota*, restringe-se por vezes a esta obra o esforço de Francisco de Sales para abrir a todas as almas as nascentes da devoção. É esquecer o que entende pela «devoção»: «A verdadeira e viva devoção... não é senão um verdadeiro amor de Deus. Por fim, a caridade e a devoção não são mais diferentes uma da outra do que a chama é do fogo, tanto que a caridade sendo um fogo espiritual, quando está muito incendiada, chama-se devoção. Se bem que a devoção nada acrescenta ao fogo da caridade, senão a chama que torna a caridade pronta, ativa e diligente, não somente à observância dos mandamentos de Deus, mas ao exercício dos conselhos e inspirações celestes». A diferença nas datas de publicação entre a *Introdução* e o *Tratado do amor de Deus* não significa nada, tal como a diferença de situação entre *Filoteia* e *Teótimo*. A ideia do *Tratado* não é ela mesma anterior à da *Introdução*? Aqui e ali formula-se a mesma doutrina espiritual. A mesma também que nos *Sermões*, nos outros livros ou projetos de livros e em toda a *Correspondência* de direção: é a todas as almas que Francisco poderia

dizer o que ele escreverá um dia à Madre Angélique Arnauld: «O meu coração... não cessa de difundir desejos pelo vosso avanço no puro e corajoso, mas humilde e doce amor divino». É a todas as almas que ele desejaria introduzir à «eterna liberdade do amor».

O dever episcopal de pregar

«Ah! Monsenhor, por pouco que os da nossa profissão amem a Deus, estão sempre prontos a falar do seu amor», teria declarado Francisco de Sales a monsenhor Geoffroy Ginod, bispo de Belley que, em 1603, algum tempo depois da sua consagração, o teria feito pregar na sua catedral; e, depois do sermão, «quase toda aquela bela assembleia (o duque de Bellegarde assistia ao sermão com a sua corte) se confessou ao servidor de Deus e na sua missa de segunda-feira quis comungar da sua mão». Esta simples anedota poderia resumir todo o esforço pastoral de Francisco de Sales como bispo de Genebra: pregar, a fim de conduzir as almas, pela confissão, a uma vida eucarística fervorosa e à união a Deus.

Pregar. Francisco, que sempre teve o gosto da pregação, não tem qualquer dificuldade em fazer sua agora a palavra de ordem do concílio de Trento: pregar é o principal dever do bispo. Escrevendo, em 3 de junho de 1603, a M. de Revol que dentro em breve vai ser sagrado bispo, aconselha: «Deve sem dúvida tomar a resolução de pregar ao seu povo. O santo concílio de Trento, na sequência de todos os Antigos, determinou que 'o primeiro e principal ofício do bispo é pregar'; e não se deixe levar por qualquer consideração que possa afastá-lo desta resolução. Não o faça para ser grande pregador, mas simplesmente porque é seu dever e que Deus o quer. O sermão paterno de um bispo vale mais do que todo o artifício dos sermões elaborados de outro tipo de pregadores. Não é preciso grande coisa, a um bispo, para pregar bem, pois os seus sermões

devem ser sobre coisas necessárias e úteis, não curiosas nem rebuscadas; as suas palavras simples, não afetadas; a sua ação paterna e natural, sem arte nem preocupação; e, por curto que seja e pouco que diga, é sempre muito». Notemos a data: 1603, Francisco está nos inícios do seu episcopado.

Um ano mais tarde, tem de resto uma ocasião de precisar e de desenvolver as suas ideias. Mons. Frémyot, na véspera de fazer a sua entrada solene na sua cidade de Bourges, e que receia de subir a um púlpito onde o seu predecessor se tornou célebre, solicitou a Francisco alguns conselhos sobre a pregação. A 5 de outubro, Francisco, de repouso em Sales, redige-lhe «ao correr da pena, sem qualquer preocupação de palavras nem de artifício» uma longa carta que é ao mesmo tempo que uma verdadeira obra-prima, uma confidência. Deixemos de lado o que diz respeito à técnica da eloquência sagrada – e que de resto é excelente –; fiquemos só no aspeto apostólico: «Ninguém deve pregar sem que tenha três condições: uma vida boa, uma boa doutrina, uma legítima missão». No que se refere à missão, Francisco adverte que «os bispos têm não somente a missão, mas têm «as nascentes ministeriais» dela. Ele insiste na santidade de vida e chega até aconselhar: «Em suma, nunca se deve pregar sem haver celebrado a missa ou querer celebrá-la... Coisa certa, que estando em nós Nosso Senhor, Ele nos dá clareza, porque Ele é *a luz*».

Após este preâmbulo, Francisco faz a pergunta: «Qual então a finalidade do pregador na ação de pregar?». E eis a sua resposta magnífica: A sua finalidade e a sua intenção deve ser fazer o que Nosso Senhor veio fazer neste mundo; e eis o que ele mesmo diz disso: *Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância*. Portanto, a finalidade do pregador é que os pecadores mortos na iniquidade vivam para a justiça, e que os justos que têm a vida espiritual a tenham ainda mais abundantemente, se aperfeiçoem cada vez mais». Os modelos do pregador são os apóstolos no dia de Pentecostes: eles ensinam e comovem. Que é preciso pregar? A

palavra de Deus... É preciso então servir-se dos Doutores cristãos e dos livros santos? Se é necessário, sim. Mas o que é a doutrina dos Padres da Igreja senão o Evangelho explicado, a Escritura explicada? O que há a dizer entre a Sagrada Escritura e a doutrina dos Padres é como uma amêndoa inteira e uma amêndoa partida, cujo caroço pode ser comido cada um seu... As passagens da Escritura...dão à verdade o primeiro lugar e constituem o alicerce do edifício: no fim de contas, pregamos a palavra e a nossa doutrina assenta na autoridade. *Ipse dixit...* ».

Após haver longamente falado do método de apresentação e de composição, Francisco chega a um ponto «em que (ele) deseja mais credibilidade do que no resto». Trata-se da arte de «dizer»: «Como se deve então dizer na pregação? Há que evitar os quanquam e os longos períodos dos pedantes, os seus gestos, as suas expressões faciais, os seus movimentos: tudo isto é a peste da pregação. É preciso uma ação livre, nobre, generosa, natural, forte, santa, grave e um pouco lenta. Mas o que fazer para a ter? Numa palavra, falar afetuosa e devotamente, simples e candidamente, e ter confiança; estar bem impregnado da doutrina que se ensina e daquilo de que se quer persuadir os demais. O supremo artifício é não ter qualquer artifício. É preciso que as nossas palavras sejam inflamadas, não por gritos e ações desmedidas, mas pelo afeto interior; é preciso que saiam mais do coração do que da boca. Por mais que se diga, o coração fala ao coração, e a língua só fala aos ouvidos».

Assim brotam da sua pena os conselhos de experiência: «Gosto da pregação que mostra mais o amor do próximo do que a indignação, até mesmo dos huguenotes, que é preciso tratar com grande compaixão, não com lisonjas, mas tendo pena deles... A pregação é a publicação e declaração da vontade de Deus feita aos homens por aquele que está ali, legitimamente enviado, a fim de os instruir e mover a servir a sua divina Majestade neste mundo, para ser salvos no outro...». É Francisco a encorajar este jovem bispo, que ele sabe um pouco tímido: «Pregue muitas vezes... Deus quer, os homens

contam com isso; é a glória de Deus, é a sua salvação; ousadia, Monsenhor, e coragem, por amor de Deus... Nada é impossível ao amor. Nosso Senhor não perguntou a Pedro: És sábio ou eloquente? para lhe dizer *Pasce oves meas*; mas: *Amas-me*? Basta amar bem para falar bem».

Um último conselho antes de fechar a carta: «O seu povo espera-o para o ver e ser visto e revisto por si... Oh como ficarão edificados quando o virem com frequência ao altar a oferecer o santo Sacrifício pela salvação deles; com os seus párocos a tratar da edificação deles, e no púlpito a falar da *palavra de reconciliação*, e a pregar!».

Todo o coração pastoral de Francisco está nesta carta admirável. Ela suscita esta estupefação que experimentamos hoje ao ler o que resta dos *Sermões*: como é que estes esboços, ou mesmo estes textos elaborados, cuja *secura* nos desconcerta, podiam atrair as multidões, fazer vibrar as almas tão profundamente? É que falta neles aquilo que então fazia em larga medida o seu poder: a emoção, o calor da alma ao sair da oração, o tom do amor. «Os outros (pregadores), dizia um dia a duquesa de Montpensier, voam no ar, mas este orador do santo amor funde-se sobre a sua presa, atinge o coração e apodera-se dela».

O orador do santo amor: a expressão caracteriza maravilhosamente o dom da eloquência de Francisco. Este dom é uma graça, buscada e recebida na oração. «Não posso falar de Deus sem emoção», confia ele a um padre depois do sermão. «Fui muito alegre, como um passarinho, para o meu púlpito, onde cantei mais alegremente do que de costume em honra deste grande Deus», escreve ele também a Madame de Chantal, em 8 de dezembro de 1617. Todo o sermão é para ele, segundo a sua própria expressão, «um sermão de amor»: adora pregar perante auditórios restritos, familiares, onde tem toda a comodidade de dar largas aos (seus) pobres e pequenos afetos». Quando após a quaresma de Dijon, em 1604, os magistrados municipais lhe apresentaram, em sinal de

reconhecimento, um serviço de loiça de prata dourada, e um anel ornado com uma bela safira, respondeu-lhes gentilmente «que ele não vendia a palavra de Deus e não queria levar senão o coração deles». É ainda S. Vicente de Paulo que encontrará, para definir Francisco de Sales pregador, a fórmula perfeita: ele chama-lhe um «evangelho falante».

Quaresmas e catecismos

A mais útil destas pregações é para ele a da quaresma, que ele prega ao seu povo ou que é convidado a pregar noutras dioceses. «A senhora sabe bem, escreve ele a Madame de Chantal, que a quaresma, é a seara das almas... A quaresma é o outono da vida espiritual no qual se devem colher os frutos e apanhá-los para todo o ano».

Tem da quaresma uma conceção primeira, a ideia litúrgica: a quaresma é, a seus olhos, o tempo por excelência da conversão dos pecadores, e da santificação das almas. «Pregar a quaresma inteiramente», não é apenas subir «muitas vezes» ao púlpito, pregar até cinco ou seis sermões no mesmo dia, é também fechar-se longas horas no confessionário, acolher uns e outros em conversas pessoais, instruir, dar catequese, reconciliar... Receia os dias de carnaval, «este inverno que leva à carne e descarna as almas, que ... torna lânguidos os corações, que... produz esta infeliz enxurrada de prazeres indignos. Ah! Que desapareça este tempo da carne!». Mas o carnaval é seguido da quaresma. «Oh! Vem, vem, *tempo favorável*; vinde, vinde, *dias de salvação!*». Para estas quaresmas, prepara-se ele mesmo pela oração e pela penitência. Por essa ocasião, não hesita de fazer um retiro. Assim fez em 1606. «Hoje despeço-me, porque amanhã de manhã cedo tenho de partir para Chambéry, onde o padre Reitor dos Jesuítas (era o P. Fournier) me espera, para

me receber nestes cinco ou seis dias de Quaresma, que reservei para refazer o meu pobre espírito tão sobrecarregado por tantos afazeres... Ali, minha Filha, pretendo rever totalmente a minha vida, e recolocar todas as peças do meu coração no seu lugar, com a ajuda deste bom Padre que é muito meu amigo e só quer o meu bem». Então abordava os seus auditórios, de coração repleto de «mil bons desejos de bem servir o divino amor».

Abramos aqui um curto parêntese: porque nada se parece tanto com as quaresmas de Francisco de Sales, como um ministério que ele tinha muito a peito, e em primeiro lugar porque era prescrito pelo concílio de Trento: as catequeses.

À catequese como à quaresma, ele leva a mesma alma. Desde o inverno de 1603, não receia inaugurar, ele, o bispo, e em Annecy, este ensino da doutrina cristã às crianças. Primeiro, na igreja de Nossa Senhora. De onde se passa em breve à igreja de S. Domingos. E eis que os pais se juntam aos filhos, e muitos adultos «que desejavam ser instruídos». Tanto e tão bem que «se dividiu a confraria em três classes segundo o sexo e a idade».

Com que sentido da alma infantil ou da alma popular, Francisco de Sales conduz estas reuniões, nada pode revelar-no-lo de uma forma mais viva do que estes fragmentos de uma carta (11 de fevereiro de 1607) a Madame de Chantal. Eis antes de tudo o aspeto sério: «Oh verdadeiramente, eu aprovo com força que a senhora seja professora primária. Deus vos recompensará, porque Ele ama as crianças; e como eu dizia há dias na catequese para incitar as nossas senhoras a cuidar das meninas, os anjos das criancinhas amam com especial amor aqueles que as educam no temor de Deus e que instilam nas suas ternas almas a santa devoção».

E aqui, em simetria, a graça e a distensão: «Acabo mesmo agora de dar catequese, onde fizemos um pouco de pândega com as nossas crianças a fazer rir a assistência, fazendo troça das máscaras e dos bailes; porque eu estava de bom humor, e um grande auditório me convidava com os seus aplausos a continuar a fazer de criança com

as crianças. Dizem-me que me fica bem e acredito. Oh Deus me faça verdadeiramente criança em inocência e simplicidade!».

Este ministério da catequese será sempre querido ao coração de Francisco de Sales: durante as suas quaresmas e, vê-lo-emos, no decurso das visitas às paróquias, gosta de reunir as crianças e de lhes ensinar a simples doutrina. Para fazer isto, usa o catecismo de Bellarmino; mas se encontra auditórios demasiado rudes para o compreender, faz ele mesmo perguntas e respostas, e distribui-as a cada um em pequenas folhas manuscritas; é de outubro de 1603, sem dúvida, que data um fragmento muito precioso intitulado: «Regulamentos para o ensino do catecismo»: é destinado aos párocos da diocese. Durante todo o seu pontificado, Francisco incentivará sobre este ponto o zelo dos seus padres.

A visita da diocese

Uma das tarefas que o concílio de Trento recomendava, impunha mesmo aos bispos, era fazer a visita da sua diocese, paróquia após paróquia. Esta tarefa, Francisco de Sales desejava-a e temia-a ao mesmo tempo. «Vou a esta bendita visita, escreve ele à baronesa de Chantal, na qual vejo em cada pedaço de terreno cruces de todas as espécies. A minha carne treme, mas o meu coração adora-as. Sim, eu vos saúdo, pequenas e grandes cruces espirituais ou temporais, exteriores ou interiores; saúdo e beijo o vosso pé, indigno da honra da vossa sombra»³⁸.

Esta carta data do início de outubro de 1605: até ali Francisco havia estado «detido» em Annecy «por um mundo de urgentes assuntos», e por uma crise de saúde. A fragilidade da sua saúde

38 *Œuvres*, T. XIII, p. 113. O mesmo será válido para a sua segunda partida, em junho 1606, cf. mesmo volume, p. 199.

é certamente uma destas cruces que se perfilam no seu caminho. Tanto mais que ele viajará a cavalo ou mesmo, se o percurso o exige, a pé. Com efeito a zona é agreste! Não falará Francisco, numa carta de agosto de 1606, dos «montes espantosos (de Chamonix) completamente cobertos de um gelo espesso de dez ou doze farpas»? «A diocese de Genebra, tal como a descreve Charles-Auguste de Sales, é muito grande e repleta de um grande povo, quase todo corcunda devido às altas montanhas (se excetuar o Chablais, Gex, Ternier e uma parte da região de Genebra e da Saboia), de muito difícil acesso, principalmente às paróquias das montanhas, e muito diverso na sua temperatura: com efeito, há lugares em que o inverno é quase eterno, noutros as temperaturas são extremas: é por isso que o bom do bispo tinha de sofrer grandes incómodos.

Partiu, então, em 15 de outubro de 1605. Tendo em conta indispensáveis idas e estadias em Annecy, esta visita desenrolar-se-á em quatro anos. Em muitos lugares Francisco encontra protestantes ou as ruínas do que eles deixaram: alegrias e tristezas misturam-se então; ora se alegra por constatar ou receber conversões; ora fica desolado ao chocar com o endurecimento das almas e com mil e um «embaraços» que os ministros suscitam. Não obstante, em agosto, a vista do seu Chablais consolou-o: «No lugar onde eu não encontrava (há onze anos) mais do que cem católicos, não encontrei agora cem huguenotes». Mas o relatório que ele endereça ao Papa Paulo V sobre o estado da diocese (novembro de 1606) é muito menos otimista: cento e trinta paróquias «partiram para o domínio tirânico de Berna, parte sob a alçada do Rei Cristianíssimo»... «No que diz respeito àquelas que estão ocupadas pelos bernenses, não há nada a esperar enquanto a própria cidade de Berna não for posta em ordem». Quanto aos outros, o rei «ordena que se continue a esperar... *Mas os meus olhos começam a cansar-se de esperar a sua palavra e dizem: quando é que ele me consolará?*»

RITVALE
SACRAMENTORVM
AD PRÆSCRIPTVM

SANCTÆ ROMANÆ

ECCLESIAE IVSSV REVERENDISSIMI

Patris Francisci de Sales Episcopi &
 Principis Gebennensis editum, ad
 vsum Ecclesiæ & Diœcesis
 Gebennensis,

*IN QVO NON TANTVM RITVS,
 sed etiam canones ac regula sacramentorum ritû
 administrandorum, aliq, plurima documenta
 ad munus pastorale rectè obeundum,
 continentur.*



LVGDVNI,

Apud **IOANNEM CHARVET,**

1612.

Cum privilegio Regi.

Frontispício do *Ritual*, publicado por Francisco de Sales em 1612.

Pelo contrário, nas 450 paróquias católicas, Francisco sente, apesar da fadiga, muitas consolações; e o amor do seu povo reconforta-o: «Ó minha querida filha, escreve ele a Madame de Chantal em 2 de outubro de 1606, que bom povo encontrei entre tão altas montanhas! Que honra, que acolhimento, que veneração ao seu bispo! Anteontem, cheguei a esta cidadezinha (Bonneville) já de noite; mas os habitantes haviam feito tantas luzes, tantas festas, que parecia de dia. Ah! Como eles mereceriam bem outro bispo!».

É verdade que ele mesmo não poupa pelo seu povo nem o seu tempo nem as suas forças. Pregava e dava catequese e não deixava a mais pequena capela por visitar; conferia o sacramento da confirmação, ouvia as confissões, e levava pelas suas próprias mãos a santíssima comunhão à boca do seu povo; escutava as queixas de cada um com uma grande paciência e ordenava prudentemente aquilo que julgava ser necessário; informava-se dos excessos das pessoas eclesiásticas e seculares, dos pecados e dos pecadores públicos, e fazia a correção quando era necessário com uma severidade muito bem doseada com a sua doçura natural, etc., etc.». Administração temporal, reconciliações, processos e diferendos, nada era omitido, para que após a visita, almas e coisas se reencontrem em paz. «Enfim, ele era aquele bom pastor e bispo que dava a sua alma pelas suas ovelhas».

Somente, quando regressava destas visitas, uma grande necessidade de repouso e de recolhimento espiritual o invadia. «Cheguei aqui no sábado à noite, escreve em 30 de novembro de 1605, após haver percorrido os campos durante seis semanas, sem parar num lugar senão no máximo meio dia. Preguei habitualmente todos os dias, e com frequência duas vezes por dia. E como Deus é bom para comigo! Nunca me senti mais forte. Todas as cruzes que eu previ, ao abordá-las não passaram de oliveiras e palmeiras; tudo o que me parecia fel se tornou mel, ou pouco faltou. Somente posso dizer com verdade que, a não ser a cavalo ou algumas vezes que despertei de noite, nunca tive tempo de pensar em mim e no estado

do meu coração, de tal forma as ocupações importantes me assediavam. Administrei o sacramento da Confirmação a um número incrível de pessoas».

À conta disto, laços cada vez mais íntimos se criam entre o bispo e o seu povo³⁹ : o coração do seu povo está cada vez mais «apaixonado» pelo seu pastor, e ele declara: «Sinto-me um pouco mais apaixonado pelas almas do que habitualmente... O coração do meu povo é quase todo meu agora». Que durante este tempo, o rei Henrique IV se obstine em querer atraí-lo para França, em preparar-lhe novas honras, títulos, cargos – «Fala-se de me engrandecer» –, fica muito mal. O que «entristece» Francisco, é que lhe proponham estas mudanças «com o título da maior glória de Deus e do serviço da Igreja». De resto, ele não esconde que tem «uma especial inclinação» pela França, «com o ar da qual foi alimentado». Mas, salvo ordem formal do Papa, ele prefere a sua querida Saboia: «É verdade que eu estou na minha terra e entre os meus, com uma certa autossuficiência que me basta e, o que me é mais querido, com um repouso tão grande como o meu cargo o pode permitir e que mesmo hoje me parece bastante firme». Naquele tempo, falando da sua diocese – é verdade que então a palavra era feminina! – ele dizia em tom de brincadeira: «A minha pobre mulher mete-me pena, e dado que a não posso deixar que ela sofre mil incomodidades e que Deus quer que adira a ela, aqui estou eu amarrado!». Sob a capa do humor, está o amor, um amor profundo, que se esconde.

39 Um exemplo entre vários: a reação vigorosa de Francisco a respeito de um cardeal, quando em 1608 acusaram os seus Saboianos de ler livros heréticos. *Ceuvres*, T. XIV, pp. 42-43.

8. A REFORMA DO CLERO E DOS RELIGIOSOS

Francisco de Sales e os seus padres

Deste povo, uma porção recebe o melhor da solícitude de Francisco: os seus padres. Porque na *Correspondência* que nos foi conservada, as cartas a simples eclesiásticos são muito raras (excetuadas as cartas a M. de Bérulle antes da sua elevação ao cardinalato), e as cartas a padres saboianos quase nulas, não se deve concluir que o seu clero foi para o bispo de Genebra menos interessante que os seus amigos, os seus filhos e filhas espirituais, e os grandes personagens com quem se corresponde. Todo o movimento do seu pensamento e da sua ação vai no sentido inverso desta opinião: Francisco de Sales sabe que, se na reforma de uma diocese, o diálogo com o bispo deve ocupar o primeiro lugar, nada é mais urgente então do que uma sincera e profunda conversão do clero.

Durante os anos em que ele foi «pároco de Thonon», – pároco sem igreja, nem paróquia, nem vigário! – viu de muito perto, muito experimentado na sua sensibilidade, na sua carne, o que a vida pastoral exigia do padre em questão de virtudes, de zelo, de graça para desejar ter um clero fervoroso. De resto, faz suas, também neste ponto, as diretivas do concílio de Trento: se o bispo tem por excelência a missão de pregar, os seus padres são os «riachos» desta «nascente ministerial»: a graça da consagração episcopal passa na graça da ordenação sacerdotal. Uma palavra, dita de passagem, vai talvez esclarecer-nos sobre o sentimento de Francisco em relação aos seus padres; a mons. Fremyiot, escreve: «Oh! Como (o seu povo) ficará edificado quando o vir... com os seus párocos a tratar da sua edificação». Em termos claros, esta conversa significa que o

padre, e particularmente o pároco de paróquia, participa de muito perto na missão mesma do bispo e, portanto, na sua vocação e na sua graça.

Dito isto, o problema concreto para Francisco era assegurar a qualidade deste clero. Queria que o padre fosse instruído e de bons costumes; sabia por experiência que o calvinismo não tinha aliados mais seguros do que a ignorância e a má conduta de certos eclesiásticos. O seu zelo pelo seu clero consistiu, portanto, antes de tudo, em esforçar-se por santificá-lo e instruí-lo. É pena que o texto que vamos citar não apresente todas as garantias críticas de autenticidade, pois exprime com toda a certeza o pensamento de Francisco de Sales; «Os bons párocos não são menos necessários do que os bons bispos, e os bispos trabalham em vão se não forem cuidadosos em prover as suas igrejas paroquiais de párocos devotos, de vida exemplar e de suficiente doutrina, porque são os pastores imediatos que devem caminhar à frente das ovelhas, ensinar-lhes o caminho do céu e dar-lhes o exemplo que devem seguir. A experiência fez-me conhecer que o povo suportava facilmente os exercícios de devoção quando tinha pessoas eclesiásticas que, pela palavra de Deus e pelo bom exemplo, o incentivavam a fugir do vício e a abraçar a virtude; e que ao contrário a população desligava-se muito facilmente do exercício das virtudes cristãs quando os padres eram ignorantes, pouco cuidadosos da salvação das almas e de má vida»⁴⁰. Não que a diocese não possuísse muitos eclesiásticos «altamente recomendáveis», mas Francisco desejava que todos o fossem, e não apenas muitos.

Nesta reforma do clero, Francisco de Sales apoia-se em alguns princípios constantes, cuja implementação ele prossegue com firmeza.

Em primeiro lugar, a criação de um seminário, onde seriam instruídos e formados os numerosos candidatos que todos os anos

40 Cf. *Œuvres*, T. XXIII, pp. 400-401.

se apresentavam às Ordens: é no valor do seminário que se joga o destino espiritual da diocese. Aí está o paradoxo: há na diocese do Senhor de Genebra abundância de candidatos e o clero é, no conjunto, medíocre. Em menos de dois anos – 1605 e 1606 – Francisco conferiu a tonsura a mais de 570 jovens, no decorrer das suas visitas. Para os seus vinte anos de episcopado, os arquivos indicam que ordenou cerca de 900 padres – mais de quarenta em média por ano! Portanto, os candidatos não faltam; mas é preciso formá-los.

Francisco volta com frequência a esta urgência; um documento resume maravilhosamente o seu pensamento, é o relatório de 1606 sobre o estado da diocese de Genebra. «Não há diocese no mundo cristão que tenha mais necessidade de um seminário do que a de Genebra. Contudo, até aqui foi em vão que se trabalhou na sua ereção. O rendimento episcopal, com efeito, é demasiado baixo para que se possa cortar nele; o rendimento capitular é muito pobre e não basta para alimentar os cônegos, como de resto as outras igrejas colegiais. Quanto às abadias ou priorados, embora ricos, não se pode receber absolutamente nada deles, porque aqueles que os guardam guardam-nos bem, e a maior parte das vezes esses benefícios tornam-se exangues em consequência das diversas taxas que lhes são impostas. Se, todavia, a Sede Apostólica, com a sua suprema autoridade, destinasse à criação do seminário alguns priorados rurais, logo que eles viessem a ficar vagos, sem dúvida que o negócio seria bom. Não obstante, é preciso absolutamente que ela se faça, quer desta maneira, quer por uma contribuição geral do clero. Até ao fim da sua vida, Francisco lutará com obstinação para realizar o seu desejo. Ele não terá sucesso, mas os seus sucessores colherão o fruto da sua tenacidade.

Francisco de Sales não esperou nada, após a sua consagração episcopal, para tomar contacto com o seu clero. Desde 11 de setembro de 1603, convocava «todos os eclesiásticos da diocese» para um sínodo que se realizaria em Annecy no dia 2 de outubro. Os Arquivos conservaram várias Constituições ou Disposições dos

sínodos que Francisco realizou assim com o seu clero, no decurso do seu episcopado: esses textos jurídicos são austeros, certamente, mas revelam todos a preocupação que anima Francisco de fazer de todos os seus padres, homens instruídos e de bons costumes. Um artigo das Constituições de 1617 é característico deste esforço tenaz e paciente: «Aqueles que doravante quiserem ser promovidos às Ordens sagradas... terão de se aplicar no exercício das Ordens que já receberam e de trazer o certificado dos seus párocos por escrito, como também da sua idade e bons costumes; no que os senhores párocos são exortados e conjurados, da parte do Juiz eterno, a ser muito conscienciosos e verdadeiros».

Mas entre as atas da administração episcopal, outros documentos revelam, mais ainda do que os textos dos sínodos, a sua preocupação pastoral a respeito dos padres. Em primeiro lugar, o regulamento para o ensino do catecismo, de que já falámos. Depois, o *Mémorial aux Confesseurs*, pelo qual Francisco coloca à disposição de todos os seus padres a sua longa experiência pessoal do confessor: «Recordai-vos que os pobres pecadores vos chamam *Pai* e que, com efeito, vós deveis ter um coração paterno a seu respeito, recebendo-os com um extremo amor, suportando pacientemente a sua rudeza, ignorância, imbecilidade, demora e outras imperfeições, nunca vos cansando de os ajudar e socorrer enquanto há alguma esperança de emenda neles... O encargo dos pastores não é das almas fortes, mas das fracas e débeis»... E define as disposições apostólicas do padre neste ministério propriamente divino: «Tende uma grande clareza e pureza de consciência... Tende um ardente desejo da salvação das almas... Tende a prudência do médico... Sobretudo sede caridosos e discretos... Quando encontrardes pessoas que, por pecados graves... estão excessivamente assustadas e atormentadas nas suas consciências, deveis por todos os meios aliviá-las e consolá-las, assegurando-as da grande misericórdia de Deus, que é infinitamente maior para lhes perdoar do que todos os pecados do mundo para as condenar, e prometei-lhes

assisti-las em tudo o que precisarem de vós para a salvação das suas almas»... «A pedra de toque de um perfeito confessor, diz ele noutra fragmento, é que ele seja compassivo com o vício de outrem e implacável com o seu próprio».

Também não tarda a redigir para os seus padres outro documento significativo, uma «exortação para que eles se apliquem ao estudo»: «A ciência, ousa dizer, é o oitavo sacramento da hierarquia da Igreja... A ignorância é pior que a malícia... É por isso que a nossa miserável Genebra nos surpreendeu quando, apercebendo-se, pela nossa ociosidade, que não estávamos devidamente empenhados e que nos contentávamos com dizer simplesmente o nosso breviário, sem pensar em nos tornarmos mais sábios, enganaram a simplicidade dos nossos pais e daqueles que nos precederam, fazendo-lhes crer que até então não se havia entendido nada da Escritura Santa».

Foi assim que o bispo de Genebra fazia «correr» a sua própria reforma até ao espírito e ao coração dos seus padres, a fim de que por eles se realizasse a reforma de toda a diocese.

Há ainda outra iniciativa que tem muito a peito e de que ele esperava que seria, para os seus padres, fonte de santidade de vida e de zelo missionário: a *Santa Casa* de Thonon, ou mais precisamente o seu «presbitério», quer dizer, este grupo de sete padres que, sob a autoridade de um prefeito, dirigia e animava as obras da Santa Casa. Digamos imediatamente que se algumas destas obras conheceram depois da morte de Francisco um real sucesso, a Santa Casa não foi para ele, durante a sua vida, mais do que preocupações e tribulações. A falta quase total de recursos financeiros impediu a instituição de se desenvolver: ela «vegetou» mais do que viveu; e até ao fim, Francisco teve de mendigar, ou mesmo reclamar, para ela. E, no entanto, que esperanças ele depositava neste presbitério! Não viu ele nisso uma fórmula de comunidade sacerdotal, de centro missionário que poderia algum dia servir de modelo de «colegial secular» para as paróquias da diocese? Era talvez sonhar dema-



Jeanne-Françoise Frémyot de Chantal
(retrato na Maison de la Galerie)

siado belo e demasiado cedo. Mas é interessante ver surgir desde esta época um esforço por adaptar a vida de um grupo de padres à tarefa missionária que se lhe confia.

A reforma das abadias

Maldito dinheiro! Quando Francisco visitou a sua diocese, chocou com este problema por todos os lados. Entre os párocos e vigários, encontrou certamente muitos «altamente recomendáveis». Mas de quantos poderia ele escrever o que escrevia de um padre em 1600, a mons. Riccardi: «Ele suporta, quase até à fome, uma grande pobreza», ou também: «Não temos qualquer meio de conseguir para estes homens de mérito um alojamento conveniente para a sua condição e para a sua função». Todavia, o dinheiro não faltava na Saboia, mesmo tendo em conta as espoliações protestantes...

Aqui tocamos num dos pontos mais sensíveis do episcopado de Francisco de Sales. «Os dízimos que a gente recebe todos os anos, declarava ele a Paulo V, bastariam para manter (párocos e pastores). O que impede que isso se faça é o seguinte: quase sempre, as dízimas dos lugares em questão pertencem a abades e a mosteiros».

E neste texto todo jurídico, Francisco narra este facto: «Vi com os meus olhos e visitei uma igreja paroquial situada numa alta montanha, onde ninguém pode chegar senão a trepar com pés e mãos, e distante da igreja mais próxima seis milhas italianas (*cerca de 9 kms*). Ora, um só e único pároco administrava as duas igrejas e celebrava a missa nos dias de festa numa e na outra, à custa de quanto sofrimento, de quanto perigo, de quanto inconveniente, não sei dizê-lo, sobretudo no inverno, quando tudo está coberto de gelo e de neve nestas paragens. Desde que eu cheguei, toda a gente, homens e mulheres, do primeiro ao último da aldeola, gritavam: «Como é que nós que respeitamos todos os direitos eclesiásticos,

que pagamos os dízimos e as primícias, e que nenhum pároco nos seja concedido?... Com efeito tudo era recebido pelo abade mais próximo».

Se pelo menos abadias e mosteiros realizassem na Igreja «a obra» para a qual eles foram ao princípio fundados! Infelizmente! Francisco de Sales que tem em altíssima estima os votos religiosos, e que recebe de vários Gerais de Ordens (Cartuxos, Dominicanos, Barnabitas, Capuchinhos, etc...) «cartas de filiação», que o fazem participar nos méritos e nas boas obras destas grandes famílias religiosas, ele que trabalhou para introduzir em França as Carmelitas de Teresa d'Ávila e fundou a Visitação, é forçado a proclamar o terrível relaxamento de muitos mosteiros saboianos e a tomar a respeito deles medidas de uma extrema severidade. A sua correspondência está cheia de tristeza com esta decadência daqueles e daquelas que deveriam ser exatamente o contrário, entre o povo cristão, focos de santidade, de pobreza, de caridade: Francisco avalia o mal causado à Igreja de Deus por um tal estado de coisas.

Na carta que endereça em fins de 1603 ao núncio Tolosa, escreve estas linhas severas: «É certo que o relaxamento de todos os mosteiros da Saboia, excetuados os dos Cartuxos⁴¹ está tão inveterado que um remédio ordinário não bastaria para os purificar. Para conseguir, seria preciso um reformador de grande autoridade e prudência, munido de muito amplos poderes, de que usaria segundo as ocasiões; eu não digo somente muito amplos, mas absolutos e sem apelo, porque os monges são muito experimentados e hábeis na chicana. E para lhes tirar todos os meios de se subtrair à reforma, seria preciso que Sua Alteza Sereníssima fizesse intervir neste assunto o seu Senado da Saboia, porque sem esta intervenção não se conseguirá nada».

No relatório de novembro de 1606 a Paulo V, Francisco dá um

41 De facto, Francisco excetua também os «Mendicantes», isto é, os Capuchinhos: cf. a citação seguinte, *Œuvres*, T. XXIII, p. 325.

lugar muito importante a esta grave dificuldade. É surpreendente ver a que ponto a disciplina regular está por toda a parte arruinada nas abadias e priorados desta diocese (excetuo os Cartuxos e os Mendicantes). Em todos os outros, o *dinheiro transformou-se em escória* e o *vinho* misturou-se com água, muito mais se transformou em veneno.

Também fazem *blasfemar os inimigos de Deus que dizem todos os dias: Onde está então o Deus dessa gente?... As portas dos mosteiros das irmãs Cistercienses estão abertas a todos, às monjas para sair e aos homens para entrar*».

A estes males, Francisco, no mesmo documento propõe remédios: «Pode-se remediar este mal, quer enviando pessoas melhores de outras Ordens, quer fazendo visitas anuais e empregando meios de coação, quer finalmente substituindo os religiosos por cónegos regulares». Eis aqui, portanto, onde, sob o jurista, reaparece o homem espiritual: «O segundo (remédio) é muito difícil e muito incerto, porque o que se consegue pela força é quase como se não existisse».

Haveria uma investigação a fazer sobre Francisco de Sales reformador de abadias e de mosteiros: e não é neste género de empresas que ele se descobriria o menor nem o menos espiritual: para este estudo, a história da reforma do priorado beneditino de Talloires daria, só por si, um capítulo luminoso...

Estas dificuldades influenciaram fortemente o pensamento religioso de Francisco de Sales: podia-se então ser monge e «não conservar do monge senão o hábito?». Uma regra tão contemplativa e tão austera como a regra cisterciense não protegia então contra os relaxamentos? Os votos de religião, a clausura, os superiores não bastavam para assegurar a santidade? Podia-se ser de Deus e desviar as almas de Deus?... Onde estava então o segredo da verdadeira vida devota?

O amigo das almas e a Introdução à vida devota

Ora, por contraste, os seus contactos com o seu povo provam-lhe que existem, entre as pessoas mais humildes tal como entre as pessoas do mundo, muito «belas almas» que, através do seu simples dever quotidiano, aderem a Deus e fazem brilhar a sua caridade. Tinha-as visto no tempo da sua juventude, até no seu meio familiar. Havia-as conhecido nas suas longas estadias no confessionário. Havia-as encontrado em Paris, no círculo de Madame Acarie, e Madame Acarie ela mesma. Havia-as descoberto, no coração mesmo da herética Genebra, tal como aquela criada de albergue, Jacqueline Coste, de quem ele fará a primeira porteira da Visitação. Por fim, vê muitas delas no fundo das mais humildes aldeias, enquanto visita a sua diocese: «Deus, escreve ele lindamente após a visita de 1606... encontrei-a toda cheia de doçura e de suavidade entre as nossas mais altas e agrestes montanhas, onde muitas almas simples O acarinhavam e adoravam com toda a verdade e sinceridade, e os cabritos-monteses e camurças corriam aqui e ali entre os gelos medonhos para anunciar os seus louvores». E, um dia, pede desculpa a uma nobre dama que batia um pouco com os pés esperando que ele acabasse de se entreter com uma mulher do povo: «Ó minha filha, gosto muito destas pobres aldeãs: há almas tão boas, tão simples, tão repletas do temor de Deus! Mesmo entre os presos, alguns dos quais suplicavam a Francisco que os acompanhasse ao último suplício, ele descobriu por vezes perfeito amor...

Foi no decurso de tais experiências que nele se desenvolveu (porque nele era inato) o sentido, o gosto da direção das almas. Frente a frente – coração a coração – com uma alma, Francisco sente-se plenamente ele mesmo. Tem certamente o dom de atrair e de incentivar à verdadeira e autêntica santidade; mas estes contactos íntimos, espirituais, procura-os antes de tudo como o meio indispensável para que cada alma aceda, segundo a sua graça própria à «perfeição do puro amor». E não é só aos religiosos e religiosas que

ele deseja que sejam «assistidos espiritualmente»! Parece mesmo que é a todos os párocos de paróquias que ele dirige este espantosa *Advertência* (1604?): «Aos confessores e diretores para discernir as operações do Espírito de Deus e as do espírito maligno nas almas». Em todo o caso, encontra-se nestas *Advertências* o segredo da sua maneira pessoal de tratar com as almas. «A marca mais segura da santidade, é quando ela está baseada numa verdadeira e profunda humildade e uma ardente caridade»; ou também esta regra de ouro: «É um efeito da feliz conduta do *Pai das luzes*, inspirar (a alma) por sentimentos interiores, (de) fluir docemente na alma, e descer sobre ela *como a chuva sobre a lã*».

Não usará outros princípios nesta admirável correspondência espiritual que, por muito abundante que seja, não representa senão a sexta parte das cartas que ele redigiu. E o que é a *Introdução à Vida Devota*, senão uma recolha de «memórias» espirituais, um eco das longas e numerosas conversas que Francisco concedeu a Madame de Charmoisy? Sabe-se como é que o livro foi publicado. Madame de Charmoisy teve, em 1608, de passar vários meses em Chambéry por motivos de negócios; Francisco de Sales, após algum tempo, aconselhou-a a dirigir-se ao padre Fournier. Foi assim que este teve conhecimento das «memórias por escrito» que Francisco havia deixado à sua penitente. O Padre ficou entusiasmado e pediu a Francisco que fosse «dado à imprensa o tesouro de devoção de Madame de Charmoisy».

Assim fez o bom do bispo, confiando no julgamento deste «grande, douto e devoto religioso». Sem dúvida reviu «apressadamente» o seu texto e fez alguns pequenos «acertos» antes de o entregar à tipografia; mas diz a verdade quando escreve a mons. de Viena: «Terá reparado bem, Monsenhor, que este trabalho nunca foi feito com um projeto preparado. É um memorial que eu tinha feito para uma bela alma, que havia desejado a minha direção; e isso, nas minhas ocupações de uma quaresma, em que eu pregava duas vezes por semana».

Assim, a Introdução liga-se bem à direção espiritual habitual de Francisco de sales e reflete as suas conversas familiares; de resto, a mesma carta no-lo confirma claramente: «(Monsenhor de Montpillier) adverte-me de que ando demasiado apressado e fechado em vários lugares, não desenvolvendo suficientemente as minhas opiniões. Vejo que ele tem razão nisso; mas havendo feito este trabalho só para uma alma que eu via com frequência, mostrei a brevidade na escrita, pela oportunidade que eu tinha de me alongar em palavras. A outra coisa que ele me diz, é que, para uma simples e primeira introdução, levo demasiado adiante a minha Filoteia; e assim aconteceu, porque a alma que eu acompanhava era já muito virtuosa, se bem que nada tivesse saboreado da vida devota: foi por isso que, em pouco tempo, ela avançou muito». Nenhuma «teoria» neste livro: é uma coleção de experiências: para não a tomar em sentido contrário, é preciso inseri-la em toda a correspondência espiritual e mesmo em tudo o que se pode saber da direção de Francisco de Sales.

A *Correspondência* coloca de resto um problema especificamente salesiano: o da amizade espiritual. Quando se fala da amizade salesiana, parece fazer-se apenas alusão ao sentimento que ligou Francisco de Sales a Madame de Chantal e a algumas outras pessoas muito devotas. É restringir indevidamente o campo. Com efeito, a amizade é, para Francisco de Sales, o clima normal, eu diria indispensável, para que se possa realizar uma direção espiritual digna deste nome. A amizade envolve, e até ultrapassa a direção espiritual. E eis o que define claramente a sua natureza: não há amizade senão espiritual; a amizade é a comunicação de luzes, de santos desejos, de graças, entre duas almas que aspiram igualmente à perfeição do divino amor e que se ajudam nesta busca.

Retomarei aqui apenas dois exemplos, mas são suficientes. Antoine Favre, primeiro: quem dirá qual, do senador ou do vigário-geral, foi o diretor do outro? Tudo lhes era verdadeiramente comum. Antoine era o confidente dos projetos de Francisco, e era

o primeiro a tentar a realização dos mesmos. Francisco colaborava nos trabalhos de Antoine, por exemplo no Codex que conservará o seu nome. Francisco aconselhava Antoine, mas também com frequência lhe pedia o seu conselho: assim, no tempo do Chablais, recorre a ele para julgar se deve morar em Thonon, ou ainda se deve publicar as Controvérsias. Juntos, os dois amigos inauguram no inverno de 1606-1607 a *Académie Florimontane*. É de algum modo o prolongamento, em benefício de toda a elite culta de Annecy e mesmo de Saboia, daquilo que fez o fervor da sua correspondência de juventude ou o encanto destas conversas familiares, que eles têm no hotel do Clos de Cran, em Annecy: a partilha de toda a sua cultura e de toda a sua virtude. «A finalidade da Academia será o exercício de todas as virtudes, a soberana glória de Deus, o serviço dos Sereníssimos Príncipes, e a utilidade pública»: assim começam



Annecy, capela na Maison de la Galerie

os estatutos. É a sua amizade que sustenta a Académie Florimontane e lhe dá a sua alma. Quando, em 1610, Antoine Favre, promovido à presidência do Soberano Senado, muda de Annecy para Chambéry, a brilhante instituição declina. A correspondência entre Francisco e Antoine será com frequência então uma correspondência de trabalho entre um bispo e um presidente do Senado, mas a amizade mantém-se: «Parece-me que a nossa amizade é sem limites, e que estando tão fortemente enraizada no meu coração, ela é tão antiga como ele».

Um novo laço se cria de resto em 1610 entre os dois amigos: «Mademoiselle Favre, escreve Francisco a Madame de Chantal em 5 de fevereiro, decidiu-se por fim, com a concordância de seu pai, a ser toda de Nosso Senhor e de continuar minha filha mais do que nunca, e creio que faremos dela algo de bom»: no Pentecostes de 1610, Marie-Jacqueline entrava na Maison de la Galerie, ao lado de Madame de Chantal e de Mademoiselle de Bréchar. Naquele dia, a amizade de Francisco de Sales e de Antoine Favre tomava todo o seu sentido.

Quando se fala das amizades de Francisco de Sales, o nome de Madame de Chantal vem logo ao espírito. Com razão: basta abrir a *Correspondance* para colher às braçadas as provas de uma ligação privilegiada, total, ao mesmo tempo respeitosa e forte, cujo tom de resto, mesmo nas expressões mais ternas, se mantém paterno mais do que propriamente falando amigável. «Sei que a senhora tem uma inteira e perfeita confiança no meu afeto, escreve-lhe ele por exemplo a 24 de junho de 1604... Saiba também, e acredite mesmo, que eu tenho uma viva e extraordinária vontade de servir o seu espírito com todo o alcance das minhas forças. Não saberia explicar-lhe nem a qualidade nem o tamanho deste afeto que eu tenho ao seu serviço espiritual; mas dir-lhe-ei mesmo: penso que ele é de Deus e por isso alimentá-lo-ei com cuidado, e todos os dias o vejo crescer e aumentar notavelmente... Sou todo seu... Deus deu-me a si: tenha-me por seu n'Ele».

Mas convém notar como, desde a sua origem, esta amizade se situa no plano da «perfeição do divino amor». Antes de tudo, foi Deus que o quis: Ele preparou maravilhosamente o encontro de Francisco e de Madame de Chantal em Dijon; Ele revelou-o mesmo com antecedência a um e outro; mas sobretudo: «(Esta escolha que a senhora fez de mim para ser seu pai espiritual) tem todas as marcas de uma boa e legítima escolha, escreve Francisco à baronesa em 14 de outubro de 1604. Este grande movimento de espírito que aí a levou quase à força e com consolação; a consideração que eu lhe dei antes de ter consentido nisso; o facto de nem eu nem a senhora havermos confiado em nós mesmos, mas aplicámos-lhe o parecer do seu confessor, bom, douto e prudente; o facto de havermos dado tempo às primeiras agitações da sua consciência para se moderar, se elas fossem mal fundadas; o facto de as orações, não de um dia nem de dois, mas de vários meses precederem, são indubitavelmente marcas infalíveis de que era a vontade de Deus».

Desde as primeiras cartas, Francisco tem muito cuidado de dar a esta amizade o seu carácter nitidamente espiritual, e estabelece logo à partida as suas relações na santa liberdade da caridade pura: «Nunca entendi que houvesse alguma ligação entre nós que implicasse alguma obrigação, senão a da caridade e verdadeira amizade cristã cujo vínculo é designado por S. Paulo o *vínculo da perfeição*. Eis o nosso vínculo, eis as nossas cadeias, que quanto mais se apertarem e comprimirem, mais à-vontade e liberdade nos darão».

Um ano mais tarde, em 1 de agosto de 1605, escreve ainda a Madame de Chantal estas linhas decisivas: «Não lhe direi nada da grandeza do meu amor para consigo, mas dir-lhe-ei que ela fica muito acima de toda a comparação: e este afeto é mais branco que a neve, mais puro que o sol: é por isso que lhe larguei as rédeas durante esta ausência, deixando-o correr à vontade. Oh, Senhor Deus, não se pode dizer quanta consolação há no Céu a mergulhar nesta maré-cheia de caridade, quando já estes riachos dão tanta».

Não acompanharemos nas suas etapas a evolução desta santa amizade: ela conduzirá um dia à fundação da Ordem da Visitação de Santa Maria. «Saúdo essas queridas filhas que estão à sua volta, escreverá Francisco a Madame de Chantal, alguns dias depois da cerimónia: são os meus doces amores em Jesus Cristo, e a irmã, minha querida Filha, é o meu próprio coração naquele que, por ter o nosso, lhe apresenta o Seu descoberto... Agora, olho tanto para a nossa congregação que estou lá noite e dia». Neste bilhete, Francisco «dava razão» à sua correspondente, da maneira como ele fazia a sua oração... Tudo entre eles era caridade e liberdade, tudo era intercâmbio dos dons de Deus.

A Visitação de Santa Maria e o Tratado do amor de Deus

Ao fundar a Visitação de Santa Maria, Francisco fazia mais do que acrescentar uma nova Congregação às Ordens já existentes... Realizava um novo tipo de vida consagrada, o tipo original a que a sua experiência espiritual, a sua reflexão, os seus contactos com as almas o haviam conduzido a fazer da vida consagrada a Deus. «As mais rigorosas clausuras do mundo não fazem almas unidas a Deus». Como também não as grandes austeridades e macerações, as observâncias mais severas, nem sequer a alta contemplação, nem os êxtases mais extraordinários, mas, só, o amor de Jesus Cristo. A Visitação? É no fundo, para Francisco de Sales, o verdadeiro mosteiro reformado: todo o exterior da vida religiosa nada é, se o coração humano não está repleto do amor de Jesus Cristo.

Para definir em que consiste o espírito da Visitação de Santa Maria, só as Visitandinas têm competência e autoridade: para compreender em profundidade a Regra de uma Ordem, é preciso viver esta regra desde o interior. O papel do historiador é outro; consiste em reunir e interpretar o melhor possível os documentos que pre-

cederam e acompanharam a fundação. Ora, aqui a tarefa é imensa e apaixonante: pois é no decorrer da experiência e, portanto, no decorrer da sua existência pessoal, ao sabor dos acontecimentos, através dos quais se manifestava a vontade de Deus, que Francisco de Sales aperfeiçoou o seu projeto de Congregação religiosa.

Tudo começou, ao que parece, em Dijon, e por uma inspiração que se impôs à sua alma. «A nossa Congregação, escreve ele, em 24 de maio de 1610, ao jesuíta Nicolas Polliens, é fruto da viagem a Dijon, pela qual nunca pude ver as coisas na sua face natural; e a minha alma era secretamente forçada a penetrar noutro sucesso que caía tão diretamente sobre o serviço das almas que nunca os meus olhos me expuseram mais à opinião e à mercê dos bons do que à crueldade da calúnia dos maus». A viagem a Dijon? Trata-se da estadia de 1604, da Quaresma pregada na Sainte-Chapelle do palácio dos Duques, e do primeiro encontro com a Baronesa de Chantal...

Mas as etapas foram numerosas e difíceis antes que o projeto se realizasse! Durante três anos, Francisco guardará em segredo o seu desígnio, refletirá, rezará. Não dirá palavra sobre isso a Madame de Chantal, nem aquando da entrevista de Saint-Claude, em agosto de 1604, nem sequer durante o retiro que ela veio fazer a Sales sob a sua direção, em maio de 1605. Só em 1607, quando ela veio a Annecy, lhe revelou o seu plano. Até ali, ele não havia querido aprovar, e menos ainda encorajar o desejo que por vezes a baronesa manifestava de deixar o mundo: «Pensarei bem nisso e rezarei várias missas para obter as luzes do Espírito Santo, respondeu-lhe ele ainda em 11 de fevereiro de 1607; com efeito, veja, minha Filha, esse é um golpe de mestre e deve ser pesado a peso do santuário».

Mas eis que em maio a viagem de Madame de Chantal se decide; em junho ela está em Annecy e, durante esta estadia, a 4 de junho, segunda-feira de Pentecostes, Francisco declara-lhe «a escolha que ele fez dela». Em 2 de julho, na semana a seguir à sua partida, ele escreve-lhe: «Para mim, sinto (esta escolha) cada vez mais firme na

minha alma; e visto que, depois de tantas considerações, orações e sacrifícios, tomámos resoluções, não permita de modo algum ao seu coração que se aplique noutros desejos; mas, bendizendo a Deus pela excelência das outras vocações, concentre-se humildemente nesta, mais baixa e menos digna, mas mais própria da sua presunção e mais digna da sua pequenez. Mantenha, portanto, simplesmente esta resolução, sem olhar nem à direita nem à esquerda».

O projeto, de resto, não tinha falta de audácia e requeria uma grande confiança em Deus: «Vejo nele grandes dificuldades de execução, confessava Francisco por primeiro, e não vejo maneira de as ultrapassar; mas garanto que a divina Providência o fará por meios desconhecidos das criaturas». Três anos mais tarde, na festa da Santíssima Trindade de 1610, em 6 de junho, Madame de Chantal, Charlotte de Brécharde e Jacqueline Favre eram introduzidas na Galerie por Mons. de Genebra; Jacqueline Coste, a criada, estava lá à espera delas: a Visitação de Santa Maria começava. Ao fim de um ano, dia a dia, na festa de Saint-Claude de 1611, a Madre de Chantal e as Irmãs de Brécharde e Favre pronunciavam a sua «oblação», e Monsenhor impunha-lhes o véu.

Mas as Constituições da nova Congregação não estão ainda redigidas. Vários «ensaios», datando de 1610-1611, transformaram-se numa redação verdadeira lá por julho-setembro de 1613. Mas, a propósito da fundação de Lyon, surge o diferendo entre o arcebispo mons. de Marquemont e Francisco de Sales; em 2 de fevereiro de 1616, Francisco aceita que a Visitação seja transformada em Ordem religiosa, em «Religião formal», como ele diz. Revê a Regra a fim de a adaptar às novas exigências canónicas. Entre agosto de 1616-janeiro de 1617, o manuscrito está pronto. Por fim, em julho de 1618, Francisco recebia de Roma o breve que erigia a Visitação em Ordem religiosa. Em 16 de outubro, transformava a Maison d'Annecy «em mosteiro sob a Regra de Santo Agostinho»... Havia mais de catorze anos que, em Dijon, Deus tinha inspirado a Francisco a fundação de uma Congregação!



Annecy, a segunda Visitação (jardim interior).

Para ter a certeza de captar qual era a intenção de Francisco ao fundar a Visitação de Santa Maria, convém, portanto, proceder com extrema prudência. É todo o seu pensamento religioso e apostólico dos anos 1604-1618 que se encontra de facto implicado neste desígnio, e que seria, portanto, de reconstituir. Seria necessário primeiro seguir a sua correspondência, carta por carta, e não apenas aquela que troca com a baronesa de Chantal ou as primeiras vocações Visitandinas, como Charlotte de Brécharde ou Jacqueline Favre; mas também a que troca com almas de «leigos e seculares» ávidos de perfeição. Seria necessário também analisar, peça por peça, o dossier das Constituições e o das fundações. E isto ainda não basta: seria indispensável precisar mais de perto o trabalho da graça na alma das primeiras Irmãs, e na alma de Francisco ele mesmo, e de confrontar todos estes dados com a lenta elaboração do *Tratado do Amor de Deus*. Com efeito, tudo isto contribuiu em conjunto para a fundação da Visitação de Santa Maria, como também a ação missionária do bispo na sua diocese e fora dela. Os *Entretiens* dão testemunho disso... Um tal estudo ultrapassaria os limites deste livro. Limitemo-nos a algumas notas que nos parecem essenciais.

Um facto parece capital: a Visitação de Santa Maria liga-se estreitamente, – poder-se-ia dizer que ela é a sua realização ideal, – ao que há de mais alto na doutrina espiritual de Francisco de Sales. Este cume, nós vimo-lo, é o puro amor e, para aceder a este puro amor, a perfeita abnegação, o vazio total do amor próprio. Ora, definindo nas suas constituições «o fim pelo qual esta Congregação foi instituída», Francisco de Sales acentua nitidamente que entende, por esta fundação, permitir às almas, a todas as almas, e qualquer que seja a sua idade ou o seu estado de saúde, «tender à perfeição do divino amor»: «Esta Congregação é ereta de modo que nenhuma grande severidade possa afastar as fracas e enfermas de entrar nela, para aí tender à perfeição do divino amor». As pessoas «de boa e forte compleição» terão acesso a ela; mas também as «viúvas»,

contanto que hajam suficientemente «resolvido os seus negócios», e nomeadamente a situação dos seus filhos; e sobretudo as pessoas «que, pela sua idade ou por qualquer (debilidade) corporal, não possam entrar nos mosteiros mais austeros».

A palavra é de importância: ela cria um novo critério de aptidão à vida religiosa. O que se requer das postulantes, já não é a saúde do corpo para seguir sem desfalecer uma Regra austera, mas «um espírito são e disposto a viver numa profunda humildade, obediência, simplicidade, doçura e resignação». Em 1619, a propósito de uma candidata estropiada, Francisco escreverá à Madre de Chantal: «Será eternamente o meu sentimento que nunca se deixe de receber as raparigas doentes na Congregação, a não ser que se trate de enfermidades previstas nas Regras, o que não é o caso da enfermidade desta rapariga, que é inválida das pernas; pois, sem pernas, pode-se fazer todos os exercícios essenciais da Regra: obedecer, rezar, cantar, guardar silêncio, costurar, comer, e sobretudo ter paciência com as irmãs que a levarão, quando elas preparadas e prontas a praticar a caridade... Não vejo nada que deva impedir a sua receção se ela não é estropiada de coração».

Se Francisco de Sales elimina com um traço tão nítido das suas Constituições «a austera austeridade», é que ele pretende mesmo que «o fervor da caridade e a força de uma muito íntima devoção supram tudo aquilo», e que elas exijam da alma uma união a Deus extremamente viva. Da força e da fraqueza espiritual, Francisco tem a mesma conceção que S. Paulo: «*Cum infirmor, tunc potens sum*». Amor e humildade andam juntos, chamam-se um ao outro: «Vendo a vossa Congregação, escreve ele na Prefácio das Constituições, pequena em número ao princípio e, todavia, grande no desejo de se aperfeiçoar cada vez mais no santíssimo amor de Deus e na renúncia a qualquer outro amor, fui obrigado a assisti-la cuidadosamente, recordando-me bem que Nosso Senhor, tal como diz Ele mesmo, veio a este mundo para o bem das suas ovelhas, não somente para que elas tivessem a verdadeira vida, mas também

para que a tivessem mais abundantemente». No *Livro dos Votos*, escreve pela sua mão, em 6 de junho de 1611, dia da oblação das três primeiras Madres: «A humilde glória das Irmãs da Congregação. Não temos nenhum vínculo senão o da dileção, *que é o vínculo da perfeição... A caridade de Jesus Cristo nos impele*».

Uma tal conceção da vida religiosa requer que as almas que a ela se entregam recebam uma formação espiritual sólida e profunda, apoiada numa fé viva. A verdadeira devoção supõe uma grande força de alma. E a força de alma não se adquire senão na luta quotidiana. Francisco de Sales sabe-o. Não é por acaso que recomenda com tanta insistência à baronesa de Chantal, em 1607, a leitura assídua do Combate espiritual, este livro de Scupoli «que é o meu querido livro, e que eu trago no bolso, há bem dezoito anos, e que nunca releio sem proveito»; porque «a virtude de força e a força da virtude nunca se adquirem na paz».

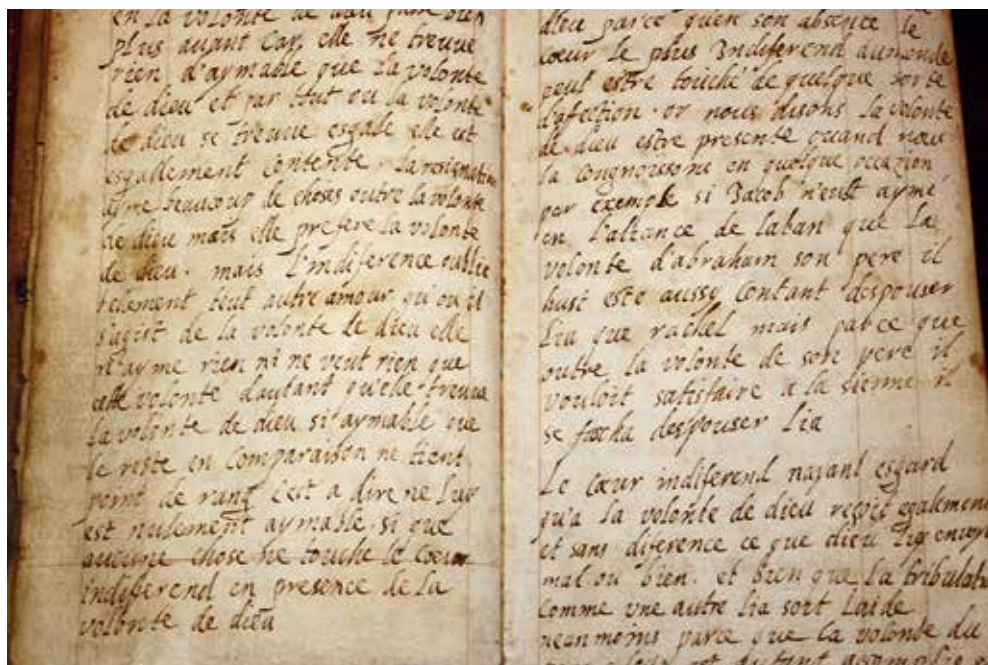
Para formar a alma de Madame de Chantal, e a alma das primeiras Irmãs, antes mesmo da sua entrada em religião, não poupou tempo nem cuidados. Pensava que da solidez destas pedras angulares dependeria a estabilidade e a duração de todo o edifício. Num documento muito interessante, – a datar sem dúvida de setembro-outubro de 1614 – «*Préface pour l'instruction des âmes dévotes sur la dignité, antiquité, utilité et variété des Congrégations ou Collèges des Femmes et Filles dédiées à Dieu*» –, chega a esta constatação: «Não há nenhum género de vida neste mundo no qual não surjam inconvenientes»: a solidão ou a conversação (quer dizer, a vida comunitária), a doutrina ou a ignorância, as mudanças frequentes dos superiores ou «de os ter perpétuos», as visitas dos Gerais ou a sua residência imóvel numa cidade, a mendicidade ou a garantia dos recursos: tudo tem vantagens, tudo comporta riscos para a vida espiritual... «As abelhas no inverno, observando a estreita vedação, estão sujeitas à sedição e a matar-se umas às outras; mas no verão em que desatam a voar, estão sujeitas a perder-se».

Onde está então a salvaguarda das almas religiosas? «Se o espírito de devoção reina nas Congregações, uma clausura (vedação) medíocre bastará para lá fazer boas servas de Deus; se ele não reina lá, a mais apertada vedação do mundo não bastará. Ora o espírito de piedade ali reinará sempre se os superiores tiverem dele o cuidado paterno que devem ter». Que a Madre de Chantal haja sido inspirada a pronunciar «o voto de muito excelente perfeição», e que ela haja sido autorizada a isso por Francisco de Sales, em 27 de dezembro de 1611, isso importava não somente à alma da fundadora, mas a toda a fundação.

Nesta educação espiritual, Francisco atribui ao coração humano um papel primordial, coloca-o no centro, estuda-lhe os movimentos, os atrativos e as repugnâncias, as generosidades e as tibiezas. O coração é, para ele, o lugar do amor, como é o lugar das renúncias e da abnegação: «Esperemos, escreve Francisco a Madre de Chantal, que o Espírito Santo nos cumule um dia do seu santo amor; e aguardando, esperemos sempre, e demos lugar a este fogo sagrado, esvaziando o nosso coração de nós mesmos enquanto for possível. Como seremos felizes, minha Madre muito querida, se um dia substituirmos o nosso coração por este amor que, unificando-nos mais, nos esvaziará perfeitamente de toda a multiplicidade, para não ter no coração senão a soberana unidade da Santíssima Trindade, que seja bendita para sempre pelos séculos dos séculos. Amen!».

Francisco tem tal cuidado de envolver, eu ia dizer de comprometer, o coração humano na sua «devoção», e na vida de perfeição, que quis inscrever o símbolo dele nas armas da Visitação. Um bilhete de 10 de junho de 1611 narra-nos ingenuamente como ele vive a sua inspiração. Naquela manhã, não pôde ir celebrar a missa a *la Galerie* e fez-se substituir por M. Rolland. Mas, disse à Madre de Chantal, «ele não é bom mensageiro para vos levar o pensamento que Deus me deu esta noite: que a nossa casa da Visitação é, por sua graça, nobre bastante e considerável bastante para ter

as suas armas, o seu brasão, a sua divisa e o seu grito de armas. Por isso pensei, minha querida Madre, se estiver de acordo, que temos de tomar por armas um único coração, atravessado por duas flechas, encerrado numa coroa de espinhos, servindo este pobre coração de encravamento a uma cruz, que estará situada por cima, e terá gravados os sagrados nomes de Jesus e de Maria». E eis a explicação mística deste símbolo: «Verdadeiramente a nossa congregação é uma obra do coração de Jesus e de Maria. O Salvador ao morrer deu-nos à luz pela abertura do seu sagrado coração; é por isso muito justo que o nosso coração permaneça, por uma cuidadosa mortificação, sempre rodeado da coroa de espinhos que esteve sobre a cabeça do nosso Chefe, enquanto o amor o manteve atado sobre o trono das suas dores mortais». O amor e a abnegação do coração humano, segundo Francisco de Sales, não se explicam



Incipit de um manuscrito autógrafo de Jeanne-Françoise de Chantal
(Treviso, arquivo da Visitação)

nem se justificam senão em referência ao amor de Jesus Crucificado. A sua religião vai do coração ao coração.

O espantoso, é que este ideal não esteja só simbolizado pelas «armas» da congregação, mas que esteja também, por assim dizer, inscrito na sua história. Não narraremos aqui o diferendo que opôs o arcebispo de Lyon, monsenhor de Marquemont, a Francisco de Sales, e que terminou por fazer da Visitação uma Ordem enclausurada. Reteremos somente a magnífica resposta que Francisco de Sales dirigiu ao arcebispo, em 2 de fevereiro de 1616. É uma peça que mereceria que se ponderasse todos os matizes! Como ela se integra bem na espiritualidade salesiana! Francisco não esconde que a supressão da «visita aos doentes» que leva à clausura perpétua não seja para ele um sacrifício e até, na sua opinião, uma perda espiritual. Mas com uma magnífica largueza de vistas, reconhece que o ideal da vida religiosa não está lá; e dado que «na transmutação da Congregação da Visitação em Religião formal, se poderá exatamente guardar o fim dela... o bispo de Genebra aquiesce muito livremente de bom grado» ao desejo de do senhor Arcebispo! Assim, portanto, dado que as almas, todas as almas, mesmo as pessoas fracas e enfermas poderão «tender à perfeição do divino amor», segundo os seus princípios espirituais, Francisco «aceita de bom grado a escolha que agrada ao senhor Arcebispo»: «A finalidade da Congregação será adequada para conservar na Religião, contanto que esta finalidade seja amada, aceite e favorecida, tanto quanto ela o merece e que nestas terras das Gálias a necessidade do bem das almas o requiere».

Haverá necessidade de sublinhar a perfeita concordância entre a ideia da vida religiosa que impele Francisco a fundar a Visitação e a doutrina espiritual que ele expõe no *Tratado do amor de Deus*? A Ordem e o livro (publicado em agosto de 1616 amadureceram juntos no espírito de Francisco, e ele não esconde, no Prefácio do Tratado, que o cuidado das Visitandinas influenciou fortemente na redação da obra: «Há mesmo muito tempo que eu tinha projetado

escrever acerca do amor sagrado, mas este projeto não era comparável ao que esta ocasião (o encargo das Visitandinas) me fez produzir». É certo que as confidências das suas Filhas infletiram o pensamento de Francisco para os problemas concretos, práticos, da vida religiosa; mas não é menos certo, – e ao dizer isto, não minimizamos a influência da Visitação sobre a inspiração do Tratado, mas ao contrário, – que o *Tratado do amor de Deus* permanece bem, aos olhos do seu autor, o livro de todas as almas que querem «tender à perfeição do divino amor», fossem elas «leigas e seculares» e vivendo «no meio da azáfama dos negócios do mundo»; permanece antes de tudo uma «Vida de santa Caridade»; ele prega a todos como expressão suprema do amor, o abandono perfeito à vontade de Deus; propõe como modelo único da santidade, segundo a doutrina «do grandíssimo e miraculoso S. Paulo», Jesus Cristo e Jesus Cristo crucificado. Não admira, portanto, se o *Tratado do Amor de Deus* e a Ordem da Visitação têm entre si ressonâncias tão íntimas: um e outro nasceram do mesmo coração, o coração devoto e apostólico, o coração evangélico de Francisco de Sales.

À baronesa de Chantal que tinha gravado no seu peito o nome de Jesus, Francisco escrevia um dia: «O meu ponto (de oração) era sobre este pedido da Oração dominical: *Sanctificetur nomen tuum, Santificado seja o teu nome*. Ó Deus, dizia eu, quem me dará esta felicidade de ver um dia o nome de Jesus gravado no mais fundo do coração daquela que o tem gravado no seu peito?»... O mais fundo do coração, é lá somente que se realizam para as almas, as almas religiosas e as almas seculares, as almas simples e as almas sacerdotais, as conversões autênticas, as reformas: o *Tratado do amor de Deus*, este prodigioso breviário da mística cristã, não faz mais do que expor esta ideia fundamental de Francisco de Sales. Onde finalmente nos conduz o último capítulo «destas coisas, Teótimo, que pela graça e pelo fervor da caridade, foram escritas para a vossa caridade» intitula-se: «Que o Monte Calvário é a verdadeira

academia da dileção». Uma academia de amor? É precisamente o nome que utiliza Henri Bremond para designar a Visitação de Santa Maria.⁴²

42 H. BREMOND, *lib. cit.*, T. II, pp. 573-583.



9. EM DIREÇÃO AO PURO AMOR

A terceira estadia em Paris

Em meados de outubro de 1618, Francisco de Sales tomava, pela terceira vez na sua vida, o caminho de Paris. Não é que Paris não tenha convidado com frequência o pregador que a havia encantado em 1602, mas o desconfiado Carlos Manuel opunha-se a que Francisco aceitasse ali pregar a quaresma. Agora, tem de ceder e permitir que Paris reveja e escute de novo Francisco: com efeito, o Príncipe-Cardenal de Saboia vai para a corte, solicitar a mão da jovem Christine de France para o príncipe do Piemonte, filho mais velho de Sua Alteza.

A embaixada teve sucesso: o casamento realizou-se em fevereiro de 1619. E só regressaram à Saboia no mês de setembro. Este ano parisiense foi para Francisco um ano muito apostólico: com efeito, toda a gente queria ouvi-lo pregar, conversar com ele, confessar-se a ele ou receber dele direção espiritual. «Encontrei em Paris um tal aumento de piedade que é maravilhoso», escreve ele. Não que ele esqueça os seus amigos e as suas filhas de Annecy; as cartas partem numerosas para a Saboia, e não contam entra as menos puras, as menos espirituais da *Correspondance*. «Gostaria muito, certamente, escreve em 23 de junho a Madame de Chantal, de ter algum belo ramo do deserto do nosso glorioso S. João, para o apresentar à sua bela alma; mas a minha, mais estéril que o deserto, não conseguiu hoje encontrar nenhum, se bem que na verdade ela haja tido esta manhã e continue ainda agora a ter um pequeno, insensível sentimento de não querer viver segundo a natureza, mas, tanto quanto possível, segundo a fé, a esperança e a caridade cristã, à imitação

deste homem angélico que nós vemos, neste profundo deserto, não ver senão a Deus e a si mesmo. Oh que bem-aventurado é aquele que só vê estes dois objetos, um dos quais o arrebatava à dilação soberana, e o outro o rebaixa a abjeção extrema».

Esta estadia em Paris recapitula, por assim dizer, e coroa a vida e a obra de Francisco de Sales. Madame Acarie morreu, mas o Carmelo, que ele a ajudou a fundar, brilha. Com Pierre Bérulle que introduziu o Oratório em França, com o padre Bourdoise, com Vicente de Paulo, ocupa-se da formação do clero. Encontra-se de novo com a Madre Angélique Arnauld que se encontra então a braços com a reforma da sua abadia de Port-Royal des Champs, e a reforma, ainda mais árdua, da abadia de Maubuisson, e aconselha-lhe: «Não se sobrecarregue demasiado com vigílias e com austeridades (e acredite em mim, minha muito querida Filha, pois sei bem o que digo nisto), mas vá ao Porto Real da vida religiosa pelo caminho real da dilação de Deus e do próximo, da humildade e da bondade extrema».

A 7 de abril de 1619, funda na capital um novo mosteiro da Visitação e confia a direção das suas filhas a Vicente de Paulo, que assumirá este encargo durante mais de quarenta anos. Entre os prelados que encontra na corte, repara no jovem bispo de Luçon, mons. Armand du Plessis de Richelieu, e este por sua vez repara em Francisco: «Jurou-me toda a amizade e disse-me que por fim alinharia no meu partido, para só pensar em Deus e na salvação das almas». Se não manteve a sua bela resolução, Richelieu guardou pelo menos por Francisco de Sales uma grande veneração.

Durante esta estadia na Corte, um perigo mais sério ameaça subitamente Francisco: o cardeal de Gondi, arcebispo de Paris, apoiado pelos cardeais de la Rochefoucauld e du Perron, fez um projeto de reter o bispo de Genebra em Paris e de o fazer nomear coadjutor, com futura sucessão: o rei Luís XIII «teve gosto nisso». Todas as dificuldades estão previstas e aplanadas: nomear-se-á bispo de Genebra, o próprio irmão de Francisco, Jean-François (o

bispado de Paris assumirá mesmo a seu cargo as despesas da sagração!); Francisco será provido da rica abadia de Sainte-Genève... Houve o bom gosto de não lhe falar da púrpura que não deixaria de lhe cair sobre os ombros... «O bem-aventurado agradeceu ao cardeal pela sua benevolência e expôs-lhe na mesma hora como ele, por outra parte, estava ligado havia tantos anos; que ele não era forte bastante para carregar o fardo do bispado de Genebra, como ia caminhando para a velhice e se via sujeito a muitas doenças e incomodidades».

No ano seguinte, a 26 de fevereiro, à Madre de Chantal, como-vida por saber da promoção de Jean-François de Sales à coadjutoria de Genebra, Francisco dará não outra versão, mas outra tradução da sua resposta: «Eu disse (ao cardeal) de forma bastante inteligível em Tours, que eu não queria ser descasado a não ser para não voltar a casar... Que eu me encarregasse da esposa de outro por obrigação, isso para mim, como eu penso, seria impossível». Mas não conseguiu escapar ao desejo da pequena e encantadora princesa Marie-Christine de France, que, seduzida pela sua boa graça, o quis como capelão-mor: pelo menos conseguiu que, com a sua aceitação do título, se introduzisse uma cláusula mitigante: o seu irmão Jean-François exerceria o cargo.

O desejo de se retirar e de solidão

«Eu não queria ser descasado a não ser para não voltar a casar...». Esta “boutade” esconde sem dúvida uma confissão. Regressado a Annecy, Francisco retomou o ritmo habitual dos seus cuidados e das suas ocupações, mas parece que no fundo do seu coração, e sem nada deixar transparecer, ele aspirava à solidão. Algum tempo depois, o capelão da princesa Marie-Christine foi nomeado coadjutor de Genebra, sem que ele, seu irmão, haja alguma vez dito uma



Monumento a S. Francisco de Sales
junto da fortaleza *Les Allinges*.

única palavra, nem mendigado, nem procurado qualquer recomendação». Francisco escreve a Madame de Chantal, a 4 de maio de 1620: «Eis o meu irmão bispo: isso não me enriquece, é verdade, mas alivia-me e dá-me alguma esperança de poder retirar-me da prensa: (e fazendo alusão aos projetos do cardeal de Gondi) isso vale mais que um chapéu de cardeal».

Durante o verão, redige Constituições para os anacoretas do Mont-Voiron; e à vida destes eremitas um pouco vagabundos, não receia fixar um ideal propriamente eclesial: viverão aqui santamente, «para a maior glória e culto da bendita e pura Virgem, Mãe do nosso Salvador Jesus Cristo, para a salvação das suas almas e para a edificação do povo católico das províncias vizinhas deste ermitério e, senão para a conversão, pelo menos para a disposição dos hereges para receber a luz da fé verdadeira e salutar». À instigação de Francisco, a vida de contemplação e de penitência reencontrava o seu sentido evangélico.

No decurso do ano de 1621, a saúde Mons. de Genebra altera-se. «Vivemos: normal quanto a comer, escreve a 21 de setembro à Madre de Chantal, e já não escrevo à noite, porque a minha vista não permite e o meu estômago também não. Não dependerá de mim que eu não venha a ser muito idoso.

No outono, o prior de Talloires informa Francisco de que o ermitério de Saint-Germain está restaurado, tal como ele mesmo havia ordenado, e pede-lhe que venha benzer o santuário. «Ora, ele admirava a beleza deste ermitério, conta-nos Charles-Auguste de Sales, e entre os louvores que dele fazia, não pôde deixar de descobrir a sua alma: está resolvido, diz ele, pois tenho um coadjutor, se for possível, por vontade dos nossos Sereníssimos Príncipes, virei cá para cima; é preciso que aqui seja o meu repouso, habitarei neste ermitério, porque o escolhi. E ditas estas palavras, abrindo a janela do lado norte e contemplando o lago e a paisagem de Annecy: Oh Deus, disse, que bom e que agradável estarmos aqui; resolutamente é preciso deixar ao nosso coadjutor o peso do dia e do

calor, enquanto que com o nosso terço e a nossa pluma serviremos a Deus e à sua Igreja. E sabe, padre Prior (diz ele voltando-se), as ideias vir-nos-iam à cabeça tão abundantes e em flocos como as neves que ali caem no inverno».

É que ele tinha em projeto várias obras, cujos títulos, acreditando nos familiares de Francisco que os revelaram nas suas deposições nos Processos, são significativos da sua espiritualidade: *Explicação familiar dos mistérios da nossa santa fé*, *Tratado dos quatro amores* (Deus, nós mesmos, os nossos amigos, os nossos inimigos), e sobretudo uma *História Teândrica* «na qual queria descrever a vida de Nosso Senhor humanizado e propor os meios de facilmente praticar as máximas evangélicas...». Deve-se lamentar que Francisco não haja podido escrever estas obras; elas teriam, certamente, fornecido sobre a sua espiritualidade esclarecimentos novos, originais; mas adivinha-se, só pelos títulos, que no fundo a doutrina seria semelhante à da *Introdução e do Tratado do amor de Deus*.

O interesse destes projetos está de resto para além deles mesmos. «Com o nosso terço e a nossa pluma, ali serviremos a Deus e à Igreja»: por parte do antigo missionário do Chablais, o bispo que tanto pregou, confessou, se empenhou e se esforçou» ao serviço de Deus e da Igreja, este propósito indica uma orientação espiritual, significa uma escolha, que o historiador de alma deve considerar como uma etapa. Sem dúvida, o estado de saúde de Francisco deteriora-se; os afazeres, as voltas cansam-no mais no corpo e no espírito; mas há mais: estas forças que lhe restam, pensa sinceramente que não poderia utilizá-las melhor ao serviço de Deus e da Igreja do que a rezar e a ir, graças aos seus livrinhos difundidos aos milhares, procurar no domicílio Filoteia e Teótimo, para os ajudar a avançar com um passo alegre no caminho real da dileção de Deus e do próximo».



Annecy, a Santa Fonte



Annecy, Basílica da Visitação

A viagem de Avignon e a morte

«Entretanto, o Cristianíssimo Rei Luís XIII e o Sereníssimo Duque de Saboia pensavam em conluir-se na cidade de Avignon (Luís acabava de triunfar no sul da revolta huguenote de Benjamin de Rohan), e o bem-aventurado Francisco recebeu ordem expressa de ali se deslocar o mais depressa possível». O meio social de Monsenhor entrou em grande desassossego: «Não houve ninguém que não pensasse mal desta viagem para o santo bispo». E todos lhe aconselhavam a informar Sua Alteza do «miserável estado em que a sua saúde se encontrava».

Francisco de Sales morreu por obedecer a Deus e ao seu príncipe...

«Prevendo a sua morte, pôs em ordem todos os seus assuntos e fez o seu testamento solene... que assinou e selou convenientemente... Logo a seguir, preparou tudo o que era necessário para esta viagem, despediu-se de todos os seus, e predisse a sua morte com palavras expressas».

Estas despedidas de Francisco foram comoventes, pois ele não escondia a ninguém que eram mesmo as despedidas. Só ele guardava uma paz maravilhosa. No dia 8 de novembro de manhã, celebrou a missa no oratório da Santa-Nascente. «Minhas queridas filhas, deixou-lhes ele à maneira de palavra de ordem suprema, que o vosso único desejo seja Deus; o vosso receio, perdê-l'Os; a vossa ambição, possuí-l'Os para sempre».

E foi a partida. Francisco montou a cavalo, enquanto que em seu nome se distribuía aos pobres – porque havia então na cidade grande necessidade – alguns alqueires de grão.

No dia 14 de novembro, Francisco chegou a Avignon. As festas sucederam-se às festas. Aquilo durou uns dez dias.

Na quinta-feira 25 de novembro, o rei e o duque partiram de Avignon e subiram juntos pelo Lyonnais. Em Lyon, Francisco foi pedir asilo ao convento das suas Filhas, em Bellecour: «pelo amor que ele tinha à santa pobreza, de preferência à casa, escolheu o

casebre do jardineiro da Visitação, onde morava também o confessor das religiosas, sob pretexto de que estaria mais livre para receber aqueles que viriam visitá-lo; tal como não daria tanto incómodo aos seus, e estaria pronto mais cedo para o serviço espiritual das suas queridas Filhas».

E foi logo na pequena choupana um desfile ininterrupto de visitas que acrescentaram o seu peso ao peso das cerimónias oficiais e das pregações. «Meu Deus, escreve ele a uma senhora em 19 de dezembro de 1622, que felizes são aqueles que, fora das cortes e dos cumprimentos que lá reinam, vivem pacificamente na santa solidão aos pés do crucifixo!».

Mas era preciso que Francisco metesse a última mão ao seu edifício espiritual, e que ele nos mostrasse, pelos factos e pelo seu exemplo, as supremas exigências do «divino amor». Tudo o



Anney, urna de S. Francisco de Sales na Basílica da Visitação

que dissemos da sua espiritualidade seria falseado, se não insistíssemos neste último gesto de Francisco de Sales, diretor espiritual. «Quando será, havia ele escrito em maio de 1616, à Madre de Chantal, que este amor natural do sangue, das conveniências, das decências, das correspondências, das simpatias, das graças será purificado e reduzido à perfeita obediência do amor totalmente puro do bom prazer de Deus?»

Esta hora chegou para a Madre de Chantal... «Havia cerca de três anos e meio que ela não lhe havia dado contas do seu interior». Ora, ela encontrava-se em Lyon em 10 de novembro, quando Francisco desceu de Annecy para Avignon. «Mas desta vez, o Pai e a Filha não tiveram ocasião de se falar. Este bem-aventurado ordenou-lhe que fosse visitar as nossas casas de Montferrand e de Saint-Étienne».

No dia 12 de dezembro, a Madre de Chantal, regressada de Lyon, esperava encontrar de novo Francisco. Para ter mais tempo livre, ambos se haviam mesmo «libertado da pressão dos outros assuntos». Minha Madre, diz Francisco, teremos algumas horas livres. Qual de nós dois começará a apresentar o que tem a dizer?... «A nossa digna Madre (narra a Madre de Chaugy nas suas memórias) que era mais ardente e que tinha mais cuidado da sua alma do que de tudo o resto, respondeu prontamente: «Eu, se faz favor, meu Padre: o meu coração tem grande necessidade de ser revisto por si»... «Minha Madre, replicou-lhe Francisco, falaremos de nós mesmos em Annecy, agora terminemos os assuntos da nossa Congregação...» A Madre de Chantal dobrou o bilhete onde havia apontado os assuntos da sua alma e «desdobrou os que ela havia feito dos assuntos do Instituto». Ambos conferiram durante «quatro longas horas»; depois Francisco deu ordem a Madre de Chantal de ir visitar os mosteiros de Grenoble, Valence, Belley, Chambéry... Abençoou-a e disse-lhe adeus.

A perfeição da amizade espiritual, consiste em renunciar a si mesma para que a alma possa envolver-se toda inteira no serviço

de Deus e do próximo: aí está a meta verdadeira da «Vida de Santa Caridade», a meta para a qual Francisco encaminha, etapa por etapa, a alma que se confia à sua alçada. Então esta alma atinge em plenitude «a liberdade do santo amor».

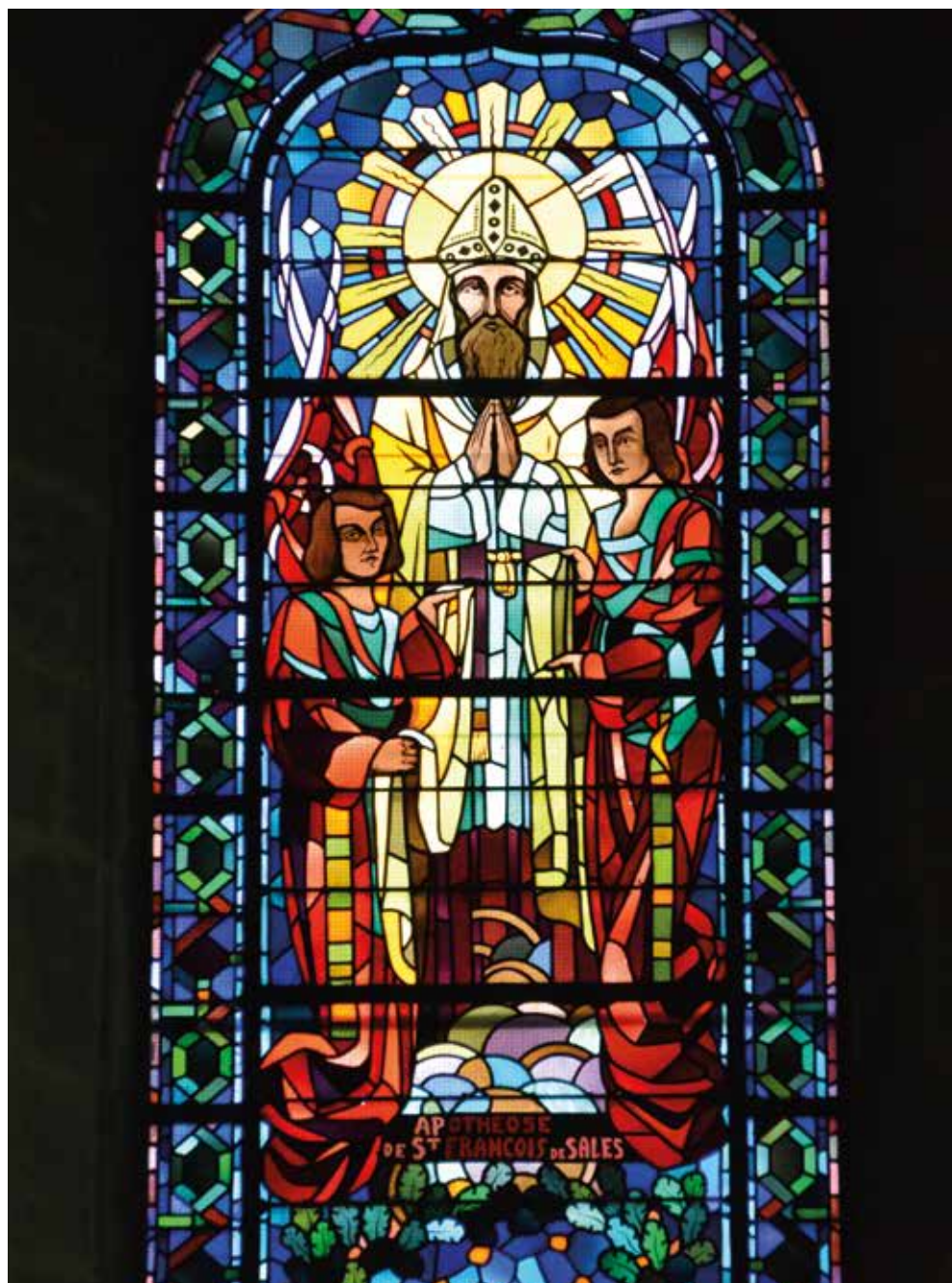
«Na noite de Natal, à meia-noite, celebrou diante das suas queridas filhas da Visitação e fez-lhes uma exortação toda cheia de carinho. Ao amanhecer, foi ouvir de confissão os príncipes do Piemonte e celebrou para eles a missa da Aurora». Às onze horas, celebrou a sua terceira missa. «Depois de jantar, impôs o hábito da Visitação a duas raparigas e pregou com grande fervor». No dia seguinte, «tratou de vários e diversos assuntos».

Na terça-feira 27 de dezembro, dia da festa de S. João Evangelista, por volta das «duas horas da tarde... teve um desfalecimento». Os seus servidores acorreram e puseram-no de cama. Após um longo dia de agonia que uma intervenção cirúrgica à moda do tempo – a aplicação do «ferro de cauterizar» – tornou muito dolorosa, «o santo bispo entregou doce e tranquilamente a sua muito inocente alma a Deus». Era o dia 28 de dezembro, na festa dos santos Inocentes, às oito horas da noite.

Nos momentos mais penosos da sua doença e da sua agonia, Francisco repetia estes dois nomes: *Jesus! Maria!*

Nos dias da sua sagração, Francisco de Sales havia escolhido por modelo do seu episcopado, o santo bispo de Milão, Carlos Borromeu. O seu desejo foi cumulado: «Para os prelados do seu tempo», ele foi «outro S. Carlos de cá dos montes». Muitos ousaram dizer mais ainda: «É preciso chamar-lhe a imagem do Homem-Deus», havia declarado um dia o grande prior de França no Conselho do Rei. A imagem do Homem-Deus? Sim, pelo coração: Francisco de Sales tinha sobretudo um coração semelhante ao Coração de Jesus Cristo...

Um dia, era em 1616, fez à Madre de Chantal esta preciosa confidência: «Não há almas no mundo que amem mais cordial, mais ternamente e, para dizer tudo, em boa fé, mais amorosamente do



Apotheose de S. Francisco de Sales, vitral
(Annecy, Basílica da Visitação).

que eu; com efeito, agradou a Deus fazer o meu coração assim. Todavia, eu amo as almas independentes, vigorosas e que não são efeminadas; porque esta tão grande ternura baralha o coração, inquieta-o e distrai-o da oração amorosa para com Deus, impede a inteira resignação e a perfeita morte do amor próprio. O que não é Deus, não é nada para nós. Como pode ser que eu sinta isto, eu que sou o mais afetuoso do mundo, como sabe, minha querida Madre? Na verdade, porém, eu sinto-o; mas é maravilhoso como eu concilio tudo isto juntamente, pois parece-me que não amo senão a Deus e todas as almas por Deus».

«O mais afetuoso» e ao mesmo tempo perfeitamente «indiferente», o mais livre: que confiança! Francisco confessa aqui para que ideal ele tendia e fazia tender as almas. Mas acrescenta: «Como pode ser?...». Sim, um tal estado espiritual é um mistério da graça, ao mesmo tempo que um mistério do coração humano! Para alcançar esta «perfeição do divino amor», não há, portanto, método, senão que o coração do homem se abandona, loucamente, ao Amor de Deus, «num perfeito desnudamento de si mesmo». Eis, por fim, o segredo que o bispo de Genebra nos revela com a sua vida e com a sua obra.

O Deus de Francisco de Sales é mesmo «o Deus do coração humano».

A. Ravier, s.j

POSFÁCIO

Uma palavra sobre o autor deste livro

Esta biografia de S. Francisco de Sales foi publicada pelo padre André Ravier (1905-1999) uns vinte anos antes da sua obra mais conhecida: *Francisco de Sales: um douto e um santo*.⁴³

Após a morte de Ravier, na introdução ao seu necrológio⁴⁴, Jean Sainclair perguntava-se que perspectiva privilegiar para descrever a sua vida. Com efeito, ele foi docente, escritor, educador, mas também homem de governo como reitor do colégio e provincial dos jesuítas de França... Todavia, ele foi sobretudo um homem que encontrou Deus e quis oferecer a muitos outros a possibilidade de viver a mesma experiência, como podemos constatar pelas suas inúmeras obras.

Nascido a 3 de junho de 1905 em Poligny no Jura francês, o jovem André Ravier foi educado no colégio de *Notre Dame de Mont Roland* de Dole. Depois do bacharelado em filosofia (1922) entrou no noviciado dos jesuítas na colina de Lyon, próximo do célebre santuário mariano de Fourvière. Completado o primeiro ciclo em filosofia na Universidade Católica de Lyon, transferiu-se para Grenoble onde tirou uma licenciatura em letras e filosofia com uma tese sobre a imagem de Deus na filosofia religiosa de Jules Lachelier. Em 1937 é ordenado sacerdote.

43 André RAVIER, *Un sage et un saint, François de Sales*, Paris, Nouvelle Cité 1985 (trad. ital. *Francesco di Sales. un dotto e un santo*, Milano, Jaca Book 1987).

44 Cf. *Compagnie. Courrier de la Province de France*, n. 333 (décembre 1999), pp. 191-194.

Terminado o serviço militar, lecionou grego, filosofia e francês no colégio de Yzeure. Aqui, juntamente com dois confrades, fundou uma associação estudantil que tinha como objetivo, além do acompanhamento espiritual dos jovens, a sua formação completa, humana, religiosa, intelectual e social. No tempo livre empreendeu um doutoramento de pesquisa na *École des hautes études* da Sorbona sobre o *Émile* de Jean-Jacques Rousseau.

No início da Segunda Guerra Mundial foi recrutado como subtenente do exército francês. Sobreviveu miraculosamente aos primeiros dias turbulentos de guerra, mas durante um bombardeamento perdeu quase todos os materiais da tese. Teve de escrever o texto de novo à base de notas e fragmentos provisórios.

Em setembro de 1941, depois da discussão da tese, Ravier voltou para Lyon. Durante oito anos foi prefeito e depois reitor do Collège Sainte-Hélène, onde pôs a render os seus estudos pedagógicos.

Em 1951 é nomeado provincial dos jesuítas. Era um momento particularmente crítico, pouco depois da encíclica *Humani Generis* de Pio XII e dos “*affaires de Fourvière*”. Fourvière era sede do estudantado teológico dos jesuítas franceses. Ali lecionavam teólogos de grande relevo como Pierre Teilhard de Chardin, Henri de Lubac e outros.

O seu ensino teológico, porém, havia sido julgado excessivamente atento ao método histórico-crítico, demasiado ligado à atualidade cultural. Roma tinha intervindo com pesadas censuras. Como provincial, o padre Ravier mostrou-se atento e delicado para com os irmãos condenados, procurou compreendê-los e encorajá-los. Mostra-o a sua correspondência com Teilhard de Chardin, exilado nos Estados Unidos. T. de Chardin, no auge da crise, escrevia a um amigo: “Recebi uma carta extremamente amável e compreensiva do meu provincial de Lyon [André Ravier].

É a primeira vez que um superior me pede que fale livre e construtivamente com ele... Tais gestos valem mais do que todos os

decretos para me ligar à Ordem e mais em geral à Igreja, isto para mim é importante”⁴⁵.

Quando terminou o mandato como provincial, Ravier pôde finalmente dedicar-se à sua vocação: a de escritor. Publicou livros apreciados sobre o Cura d’Ars e Bernardete Soubirous e sobre a espiritualidade de santo Inácio de Loyola, depois de uma viagem a Roma que lhe permitiu mergulhar nos arquivos da Companhia. Neste período descobriu pouco a pouco são Francisco de Sales, Cláudio de la Colombière, são Bruno o Cartuxo e santa Colette de Corbie.

Entre 1962 e 1968 foi reitor do colégio Saint-Louis-de-Gonzague em Paris. Como ele escreveu, foram “seis anos maravilhosos, mas também difíceis”. Eram tempos de contestação e de luta, mas também belas ocasiões de reflexão sobre a identidade católica do colégio e sobre as transformações socioculturais. Seguramente ’68 foi para ele um ano de prova.

Depois daquele cargo, é transferido para o belíssimo castelo de *Les Fontaines* de Chantilly, situado numa zona de floresta a quarenta quilómetros de Paris. Era o lugar ideal para o padre Ravier: tinha à disposição uma grande biblioteca e a tranquilidade necessária para o trabalho intelectual. Desde aquele momento, foi escritor a tempo inteiro. Em vinte e dois anos publicou uma centena de trabalhos entre livros, artigos e contributos de vários géneros, de carácter espiritual e histórico.

Ser escritor não era simplesmente a sua segunda vocação ou uma nova vocação. Ele tinha a escrita no sangue. Desde os anos em que era prefeito no colégio de Yzeure e depois quando provincial – como se lê no necrológio – dedicou todo o tempo livre dos fins de semana à escrita. Escreveu monografias para diversos

45 Pierre TEILHARD DE CHARDIN, *Lettres intimes à Auguste Valensin, Bruno de Solages, Henri de Lubac, André Ravier 1919-1955*. Introduction et notes par Henri de Lubac, Paris, Aubier Montaigne 1974, p. 418 in nota.

institutos religiosos. Gostava da pesquisa arquivística. Não a fazia só para reconstruir a história daquelas congregações e dos seus fundadores, mas para compreender a sua espiritualidade e identidade carismática. Tinha um estilo pessoal de redigir os livros: gostava de os ilustrar com imagens de lugares e objetos, com fotos e desenhos, com documentos. Os seus escritos conseguiam combinar de modo natural história e espiritualidade. Assim escreveu de são Bruno, Francisco de Sales, Bernardette Soubirous, Inácio de Loyola, Cláudio de la Colombière, Colette de Corbie e do Cura d'Ars. Publicou também resumos de conferências, livros sobre a espiritualidade da vida quotidiana, linhas-guia para a educação católica, descrições de igrejas e de obras de arte, meditações sobre a experiência do silêncio, sobre as várias formas da oração, sobre a Igreja, sobre Lourdes... Foi traduzido para inglês, italiano, alemão, holandês e espanhol. Os seus escritos foram publicados e reimpressos mesmo depois da morte⁴⁶.

Nos últimos anos, a saúde piorou lentamente. A mente estava lúcida, mas tornava-se-lhe cada vez mais difícil caminhar. Transferiu-se para Paris em 1994, para a casa de saúde jesuíta no centro histórico, onde continuou a escrever e a preparar os seus livros.

Escrever era o seu modo de fazer pastoral, de catequizar, de anunciar o Evangelho e de falar de Deus. Num dos últimos artigos deteve-se no tema da presença de Deus, sintetizando tudo quanto havia querido transmitir aos leitores nas suas múltiplas obras: isto é, como pode o homem experimentar Deus e aproximar-se d'Ele. "Como pode um coração humano compreender alguma coisa d'Aquele que se definiu: «Eu sou Aquele que é»? [...] Só a experiência nos permite perceber algum sinal da sua Presença. O certo é que Deus se torna constantemente presente ao homem, chama-o

46 Por exemplo: *Mystique et pain quotidien*, Paris, Parole et Silence 2002; *Saint Bruno. Le Chartreux*, Paris, Lethielleux 32003; *En retraite chez soi*, Paris, Parole et Silence 52015.

para se encontrar com Ele, mas aguarda que o homem O procure e vá ao seu encontro”⁴⁷.

O primeiro parágrafo do artigo contém uma profissão de fé pessoal, profunda e vivida. Deus está desde sempre e em todo o lado, porque Ele criou tudo; tudo nos foi dado por Ele. Deus está sempre e em toda a parte presente no homem, formado à sua imagem e semelhança. Revelou-se ao longo da história e, na plenitude dos tempos, com a encarnação, aconteceu o auge da revelação. No seu Filho unigénito o Verbo fez-se homem. Quem encontra Cristo encontra Deus.

No segundo parágrafo, ele pergunta-se porque é que o homem permanece tão insensível à presença de Deus. Como é que nós não sentimos nem vemos? Há aqui um toque muito pessoal que faz da sua escrita algo mais do que uma simples reflexão teológica: é o resultado de longos anos de busca e de meditação. É a síntese muito densa do seu pensamento e da sua experiência de vida interior. Ele leva o leitor pela mão, mostra-lhe os obstáculos que impedem aproximar-se de Deus e oferece os seus conselhos para um caminho espiritual eficaz, conselhos inspirados no seu grande modelo, na sua fonte por excelência, S. Francisco de Sales.

Colocar-se na presença de Deus, escreve Ravier, é antes de tudo um ato de fé. Devemos ter consciência de que Deus está presente, nos vê, nos escuta, nos ama. É um facto que todos sabemos, mas ao qual não damos grande valor. Estamos constantemente imersos no fluxo de amor que dimana do Pai: ali, naquele amor, podemos experimentar em profundidade a presença de Deus, como ensina Francisco de Sales no *Tratado do amor de Deus*.

O crente deve gradualmente passar do colocar-se na presença de Deus ao viver “constantemente” na presença de Deus. Isto, escreve Ravier, não é fácil. Pensamos que a nossa natureza humana não

47 André RAVIER, *Présence de Dieu, présence à Dieu*, in “Revue des sciences religieuses » 70 (1996) n. 3, p. 353.

no-lo permite, pois somos naturalmente distraídos, fracos. Mas Deus conhece-nos como somos, sabe quem somos e apesar de tudo ama-nos imensamente. Portanto, como ensina S. Francisco de Sales, não sonhes ser o que não és, mas deseja ser o que és... Não estejas à espera de que tudo seja perfeito, pois Deus acolhe cada um como é.

Uma vez mais, Ravier usa as palavras do bispo de Genebra: “O máximo do êxtase amoroso não consiste em buscar a própria vontade, mas a de Deus e não buscar satisfação na própria vontade, mas na de Deus”. Sentir a presença de Deus é perder-se completamente n’Ele: é esta a nossa razão de vida. O abandono em Deus, a unidade total entre o crente e o Criador, não é apenas a finalidade última da existência humana, mas é também a sua fonte e a sua causa.

Este é o núcleo fundamental, o coração e alma da obra de André Ravier. Através dos seus livros quer guiar-nos à única transformação necessária na vida: a do abandono em Deus e da união com Deus. Depois de haver lido, relido e meditado as suas obras, os livros e os artigos por ele escritos, não podemos deixar de concluir que ele mesmo seguiu primeiro este caminho que lhe foi indicado pelos santos que ele estudou. Anima-nos a fazer o mesmo.

Wim Collin, sdb.



«O homem que melhor reproduz o Filho de Deus vivo na terra». Assim S. Vicente de Paulo, no processo de canonização de Paris, testemunhava as altas virtudes de Francisco de Sales. Esta biografia apresenta, de modo particularizado e apaixonado, um original retrato espiritual do Santo.

Francisco de Sales é alguém que quis, como Jesus Cristo na terra, amar a Deus com todo o seu coração de homem e que, tendo experimentado as exigências e a doçura deste dom, trabalhou para introduzir o maior número de almas naquilo a que ele chama magnificamente “a eterna liberdade do amor”. Os traços salientes da vida se Francisco: o seu coração de homem, sacerdote, bispo, fundador; a sua extraordinária capacidade de guia espiritual para quem se confiava a ele.

ANDRÉ RAVIER, (1905-1999), jesuíta, já como superior provincial na sede de Lyon, cultivou sempre os estudos de espiritualidade. Interessou-se sobretudo por algumas figuras de santos: Inácio de Loyola, Bernardete Soubirous, Joana de Chantal, Francisco de Sales, o Cura d’Ars, dos quais redigiu célebres biografias.



Setor da Formação
Sede Centrale Salesiana